

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**A strategic approach to the implementation of
a tour in the marginalized neighbourhoods of
*antiga Curraleira and Picheleira***

Mirijam Krebber

Tese orientada pela Prof.^a Doutora Ana Cristina Ferreira Mendes,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Turismo e
Comunicação

2017



Figure 1: First guided tour group through *antiga Curraleira* and *Picheleira*

Just because it is not in a museum, it does not mean it is not art

(Wittle Art, n.d.)

Acknowledgements

I am grateful for the insights into the work of *Clube Intercultural Europeu*. Due to the internship I got to know crucial figures and activists, that help transforming the neighbourhood of *antiga Curraleira* and *Picheleira* to overcome isolation and monofunctional use of space. I appreciate the time that Maria Penide, João Queirós, Telmo Alcobia and Maria Eugénia Coelho have taken for the detailed personal interviews. I also thank my mentor, Professor Ana Cristina Mendes, who has given thoughtful advice throughout the period of writing my thesis. Last but not least, I thank Pierre Ozoux and Tom Leandro Ozoux Krebber for surprising me with nice breakfasts after some long night shifts and encouraging me with their laughter, their smiles and their ideas.

Abstract

Keywords: *segregated neighbourhood; advanced marginality; right to the city, street art; active citizenship; slow travel; reflexive tourism; re-appropriation*

USER and *PA-REDES* are initiatives currently working on the reintegration of the marginalised areas of *antiga Curraleira* and *Picheleira* in central Lisbon. Through street art and the implementation of locally guided tours, these projects intended to make the neighbourhoods more accessible and forfeit the burden of *territorial stigma* (Wacquant, 2007). The primary motive for the launch of *PA-REDES* was to overcome strong nostalgia and lack of the local youth's future prospects by encouraging *active citizenship* and reformulating the neighbourhood's identity. The intention of this work is to find an alternative to slum tourism and approach a tour strategy that actively contributes to the building of *active citizenship* (URB ACT, n.d), rather than to consolidate a narrative that relies on poverty or destitution.

The tour strategy designed throughout this work intends to ensure the development of a moving debate and idea exchange between tour guide and visitors. Reflexive tourists and slow travellers, such as the interns of *Clube*, are capable of questioning their own prejudices, sharing their own reflections and engaging with the local community. A tour narrative that is based on theoretical concepts of *advanced marginality* (Wacquant, 2007) and *the right to the city* (Lefebvre, 1996) will help the visitor to discuss the current situation *antiga Curraleira* and *Picheleira* face in wider global contexts and find new strategic approaches for the reintegration of segregated urban neighbourhoods.

Furthermore, the tours will discuss street art as one possible way of re-appropriating an alienated urban zone and equipping it with a new personality. A comparison between the street art implementation in *Quinta do Mocho* and *antiga Curraleira* and *Picheleira* will demonstrate how these street art interventions can open up a dialogue about the role of public street art interventions. Future tour guides can use the thematic narrative as orientation and then connect it with their own experiences from *antiga Curraleira* and *Picheleira*. The main objective is for tour participants to get a positive image and realise the potential of this neighbourhood, so that physical and symbolical borders that currently separate the zone from central Lisbon can eventually be overcome. After the implementation of the tours, it lies in the hands of further researchers to evaluate the local tour guides,

the impact of the tours, their contribution to *active citizenship* and their potential for starting a moving debate with tour participants.

Resumo

Palavras-chave: bairro segregado; *advanced marginality*; direito à cidade; arte urbana; cidadania ativa; *slow travel*; *reflexive tourism*; reapropriação

Este estudo de caso, sobre as iniciativas públicas que decorrem neste momento na *antiga Curraleira* e *Picheleira*, tem como propósito o desenvolvimento de uma visita guiada pelas duas zonas. Inspirado pela ideia de encontrar uma forma alternativa ao *slum tourism*, este estudo fornece o contexto teórico e prático para a criação duma visita participativa, com a finalidade de estimular um debate sobre a reapropriação de espaços urbanos uniformes e descaracterizados. Este serve para a implementação de uma visita guiada interativa e crítica. A visita guiada, além de conter a contextualização crítica dos programas de reabilitação do bairro, proporciona fruição estética através da arte urbana implementada pelo programa *PA-REDES*, garantindo que o visitante adquira uma imagem positiva do potencial do bairro durante a visita. Por um lado, a arte urbana que vai ser implementada pelo projeto *PA-REDES* funciona como a componente lúdica e estética das visitas. Por outro lado, as obras de arte servem como âncora para as histórias e memórias mais pessoais de cada guia.

Devido à ausência de conhecimento dos contextos mais pessoais dos guias e da cultura do bairro, este estudo limita-se a fazer a descrição geográfica do espaço, a análise dos motivos das iniciativas e a sua contextualização teórica. Considerando que a proposta para uma visita guiada é muito específica, propõe-se a definição cuidadosa de um público-alvo que não intimide a população local. É fundamental ter em mente que o conteúdo crítico aqui tratado se direciona a este público-alvo que tem interesse em conhecer os “bastidores” de Lisboa e em envolver-se ativamente com a população local.

Este trabalho está dividido em três capítulos principais. O primeiro capítulo aprofunda o contexto da *antiga Curraleira* e *Picheleira* em termos teóricos. A falta de identificação com os novos bairros sociais é um problema que marca não só os bairros da *antiga Curraleira* e *Picheleira* mas, de acordo com Wacquant (2007: 71), é um fenómeno que começou a tomar forma com o desaparecimento da classe operária e com a crescente desintegração do estado social (Cummins, 2016: 263). No caso concreto de Portugal, a transição rápida de “país em vias de desenvolvimento” para país membro da União Europeia não permitiu ao próprio estado social tempo suficiente para amadurecer. A rápida erradicação dos bairros de lata causou muitos protestos, atos de vandalismo e a dis-

v

solução das redes de sociabilidade e de confiança pré-existentes. Hoje em dia muitos dos bairros sociais existentes nos centros urbanos de Portugal são marcados pelo fenómeno de *advanced marginality* (Wacquant, 2007). Este termo caracteriza as condições de vida dos residentes de bairros sociais e a sua dificuldade em integrar-se nos acontecimentos urbanos e em exercer uma *cidadania ativa* (URB ACT, n.d.), bem como o seu *direito à cidade* (Lefebvre, 1996). Lefebvre assume que todos os cidadãos devem exercer o seu *direito à cidade* para alcançar uma cidade marcada por “assembleia, simultaneidade e encontro”. De acordo com Lefebvre e Harvey (2008) a cidade encontra-se atualmente em crise porque a lógica do neoliberalismo não permite a participação de todos e substitui as decisões coletivas por decisões economicistas, que garantem o poder das elites. Finalmente, as soluções que Lefebvre propõe baseiam-se na reapropriação da cidade através da arte e das festas comunitárias. Devido à ligação entre as atuais iniciativas do *USER convida* e do *PA-REDES*, tal como às propostas de reapropriação preconizadas por Lefebvre, uma referência a este autor não pode faltar no enquadramento teórico de uma visita guiada do tipo que propomos.

No segundo capítulo explica-se com mais pormenor as consequências dos programas de reabilitação dos anos 90 do século XX nos bairros da *antiga Curraleira* e *Picheleira*. A integração da *Picheleira* nos programas de reabilitação destruiu a comunidade existente e promoveu o isolamento dos indivíduos dentro das suas casas porque a *Curraleira* e a *Picheleira* eram, historicamente, bairros divididos e rivais. Desde a implementação do Programa Especial de Reabilitação (PER) no final dos anos 90, a população local deixou de se identificar com a zona, e ficou, aparentemente “parada no tempo”. Antigamente o bairro era um bairro de lata nas margens de Lisboa, que surgiu na malha urbana numa época de industrialização e êxodo rural. Através das entrevistas a ativistas locais confirmou-se que os problemas associados à droga e à má reputação do bairro não são de forma alguma consequências do PER, mas também se concluiu que o PER não contribuiu para a solução dos problemas sociais existentes. A eliminação radical do antigo bairro de lata causou muitos outros problemas, porque não integrou a comunidade local nas tomadas de decisão. Esta dissertação argumenta que o que faz mais falta nos novos bairros verticais é a comunidade de vizinhança e o convívio nas ruas, na medida em que os baldios entre os bairros promovem o isolamento dos habitantes e as atividades ilícitas.

A seguinte observação de João Queirós, um ativista no bairro, resume a nova situação dos bairros: “não só aqui na *Curraleira*, mas [também] noutros sítios, assisti, presenciei e ouvi (...): ‘Agora é que eu vivo numa barraca’, ou seja, agora estou isolado” (*Appendix IV*: 22). Apesar de as pessoas viverem em melhores condições de higiene, agora já não se sentem responsáveis pelo bairro. A falta de “personalidade” do bairro e o anonimato da vida quotidiana explicam a extrema iden-

vi

tificação com o passado e a nostalgia que marca mesmo a geração mais nova que nunca viveu no bairro. Seguramente uma identificação tão forte com o passado e a falta de esperança no futuro também contribuem para a propagação do círculo vicioso da pobreza e para a não participação ativa da vida pública.

Apesar de serem consideradas zonas de BIP/ZIP, que obtêm fundos financeiros para a implementação de projetos comunitários para a melhoria das infraestruturas (como parques infantis ou áreas de prática de exercício físico), o problema de falta de sentido de comunidade manteve-se. A ausência de identificação dos indivíduos com o bairro explica também a falta de sucesso e o pouco uso das novas infraestruturas que foram financiadas com fundos BIP/ZIPs. Muitas destas infraestruturas encontram-se hoje em dia em estado de abandono. Antes da implementação de novas infraestruturas deveria ter sido reestabelecida uma atitude de responsabilidade dos habitantes para com o seu próprio bairro. Por isso a *antiga Curraleira e Picheleira* foi escolhida para ser o território pioneiro onde seriam testadas as diretivas para a cidadania ativa do USER e para a criação de um Grupo de Ação Local responsável pela sua execução. Finalmente a recente iniciativa de arte urbana, *PA-REDES*, lançada pelo Clube, apoia-se nos primeiros resultados atingidos pelo USER, nomeadamente, mais contacto direto com a comunidade local e parcerias entre diferentes *stakeholders*.

Finalmente, no terceiro capítulo exploram-se os motivos da iniciativa *PA-REDES* em maior pormenor, através das observações feitas durante o estágio, e compara-se a iniciativa com uma outra iniciativa de arte urbana que já decorreu na *Quinta do Mocho*. O *PA-REDES* tem como principal propósito o reconstruir de uma visão poderosa para o futuro que consiga acabar com o círculo vicioso de pobreza e precariedade dentro do bairro. Graças ao acesso a documentos internos do Clube que descreviam em pormenor o processo da iniciativa, foi possível atribuir a sua implementação a uma estratégia descrita por Visconti (2010) como “Enchanting urban space via vitalizing”. A arte que virá a decorar os muros da *antiga Curraleira e Picheleira* não é arte profissional, mas arte com um valor principalmente simbólico, que vai contar a história do bairro, falar de momentos especiais vividos pela comunidade e tentar construir uma ponte entre passado e o presente. Quem visitar o bairro deve ter interesse em descobrir os bastidores de Lisboa e em ser confrontado com os desafios sociais da população local.

Contrariamente à intervenção de arte urbana na *Quinta do Mocho*, em que os muros foram decorados com arte urbana profissional e por artistas internacionalmente reconhecidos, a *antiga Curraleira e Picheleira* não pode contar com a mesma divulgação nas redes sociais e deve trabalhar com maior intensidade na promoção das suas visitas guiadas. Por isso este trabalho propõe uma es-

estratégia para um passeio guiado na zona, que define o *slow traveller*, o *reflexive tourist* e os próprios estagiários do Clube como sendo o público-alvo das visitas. Contrário ao *slum tourism*, este percurso pretende comunicar o potencial que há dentro dos bairros da *antiga Curraleira e Picheleira*. O enfoque temático não é a pobreza ou a miséria em si, mas a promoção das possibilidades que existem dentro do bairro.

Uma seleção cuidadosa do público-alvo garante que o passeio possa ser uma fonte de inspiração para os residentes dos bairros. Eventualmente, os estagiários e os estudantes do programa europeu de mobilidade Erasmus+, que muitas vezes trabalham noutros bairros sociais semelhantes à *antiga Curraleira e Picheleira*, podem adaptar esta estratégia aos seus bairros. Além dum primeiro teste de exequibilidade com os estagiários do Clube, esta estratégia ainda deve ser desenvolvida e testada no campo, para aferir o seu impacto real. Devem igualmente ser feitos inquéritos para avaliar o potencial do percurso no que respeita ao envolver os visitantes e criar uma discussão real sobre a reapropriação do espaço urbano. Apesar de estes pontos permanecerem ainda em aberto, espera-se que este estudo de natureza prática seja útil para a formação dos futuros guias do *Clube* e que seja considerado uma mais-valia para o desenrolar do projeto.

Table of Contents

Acknowledgements.....	ii
Abstract.....	iii
Resumo.....	v
Abbreviations.....	xi
List of figures.....	xii
I. Introduction.....	1
I.1. Structure.....	5
I.2. Methodology.....	8
1. <i>The right to the city and advanced marginality</i>.....	13
2. The development and formation of segregated neighbourhoods in Portugal. .	16
2.1. Industrialisation, <i>Estado Novo</i> and SAAL.....	16
2.2. <i>PER</i> - Rehabilitation and <i>ghettoisation</i> of socially deprived neighbourhoods.....	18
3. Re-housing and <i>advanced marginality</i> in <i>antiga Curraleira</i> and <i>Picheleira</i>.....	20
3.1. Geographic situation of <i>antiga Curraleira</i> and <i>Picheleira</i>	24
3.2. Public initiatives for <i>antiga Curraleira</i> and <i>Picheleira</i>	27
3.3. USER objectives and first steps taken.....	29
3.4. Building a bridge between past and present via vitalising street art.....	31
3.5. Street art intervention via gifts in <i>Quinta do Mocho</i>	37
3.6. <i>PA-REDES</i> and <i>GAP</i> in comparison.....	40
II. Conclusion.....	44
III. Bibliography.....	48
Appendix I.....	1
Website Interactive map.....	1
Website Fotogallery.....	1
Website Captions.....	5

Appendix II.....	7
E-mail response from Camila Rodrigues - PhD candidate in Political Science (FCSH-UNL), associate researcher IPRI (FCSH-UNL).....	7
Appendix III.....	9
Interview with Maria Penide, <i>Clube</i>	9
Appendix IV.....	20
Interview with João Queirós, <i>K’CIDADE</i>	20
Appendix V.....	31
Interview with Telmo Alcobia – Street artist from <i>PA-REDES</i>	31
Appendix VI.....	44
Interview with Maria Eugénia Coelho, councillor of the municipality of Loures.....	44
Appendix VII.....	53
Sumário Executivo (internal document from SC).....	53
Appendix VIII.....	57
Objectives of <i>PA-REDES</i> (internal document from Clube).....	57

Abbreviations

<i>BIP/ZIP</i>	<i>Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária</i>
<i>SC</i>	<i>Sementes a Crescer</i>
<i>GAL</i>	<i>Grupo de Acção Local</i>
<i>Hospex</i>	<i>Hospitality Exchange</i>
<i>FCT</i>	<i>Formação em Contexto de Trabalho</i>
<i>SCML</i>	<i>Santa Casa de Misericórdia de Lisboa</i>
<i>AAAFBAUL</i>	<i>Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa</i>
<i>SAAL</i>	<i>Serviço Ambulatório de Apoio Local</i>
<i>GABIP</i>	<i>Gabinete de Apoio aos Bairros de Intervenção Prioritária</i>
<i>FBAUL</i>	<i>Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa</i>
<i>AKF</i>	<i>Fundação Agha Khan</i>

List of figures

- Figure 1: First guided tour group through *antiga Curraleira* and *Picheleira*
- Figure 2: “Reclusos Condenados: Total e Por Categoria de Crime – Portugal” (Pordata, 2015)
- Figure 3: Entrance of *antiga Curraleira*
- Figure 4: Section of the terrain between *Bairro Horizonte* and *Bairro Nascimento Costa*
- Figure 5: *Bairro Branco* (officially called *Carlos Botelho*)
- Figure 6: “A carta dos BIP-ZIP de Lisboa” (Costa *et al.*, 2013: 39)
- Figure 7: “Imagem 32: Divisão do Território USER por Unidade de Paisagem – Fonte: Grupo Trabalho BIP/ZIP 2014/15USER territory” (HDL+ SAAL, 2015: 37)
- Figure 8: “Imagem 13 – Barreiras Morfológicas – Físicas – Fonte: Grupo Trabalho BIP/ZIP 2014/15” (HDL+ SAAL, 2015, 21)
- Figure 9: *Mosaico cultural*, publicity logo designed in the *FCT* curricular unit of *FBAUL*
- Figure 10: Telmo Alcobia explaining drawing techniques in *SC*
- Figure 11: Children creating stencils in *SC*
- Figure 12: Art lesson in *SC*
- Figure 13: Poster from Clube to promote the joint moments of memory retrieval

I. Introduction

Clube Intercultural Europeu (Clube) is a Portuguese non-profit socio-educational association, created in 1998 and operating in the area of Lisbon. One of its main roles is to help implement European mobility programs, facilitating youth exchange programmes and professional exchanges. The association also deals with the admission of European interns, and provides intercultural and pedagogical training. Some of the incoming trainees for a week, while others stay for six months, depending on the program they have enrolled in. Work experience provided by European mobility programmes and trainings is generally related to the field of social and pedagogical work, promoting learning and exchange between different cultures and countries and raising awareness on social issues and challenges in the host country. Since November 2014 *Clube* is the official managing entity of the socio-educational youth project “Sementes a Crescer” (SC), financed by *Programa Escolhas*¹ and situated in a priority intervention neighbourhood (BIP/ZIP)². Due to the relocation of *Clube* in 2015 to an adjacent BIP/ZIP neighbourhood, just one block away from the youth project SC, *Clube* also started to take on community work. It supports SC in after-school activities for children of socially-deprived families, in order to increase the impact of its intervention on the life of the concerned families.

According to the evaluation of the USER group³, the segregation of the neighbourhoods and the misuse of public space constitute the major challenges of the social housing blocks. The anonymity and the desolate surroundings foster crime and drug trafficking. On the one hand, the community itself must be sensitised to actively contribute to the neighbourhoods’ reputation; on the other hand, interest and awareness by non-residents is crucial. The conclusion that I drew from the interviews with João Queirós from *K’CIDADES*⁴ and Maria Penide from *Clube* is that the common past is the strongest existing social tie between the people of the anonymous, segregated housing blocks, usually referred to as *antiga Curraleira* and *Picheleira*. Arguably, lacking identification with the present contributes to the propagation of the poverty cycle and does not motivate the com-

¹ A governmental program with the mission to socially integrate children and youth of vulnerable socio-economic contexts.

² “Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária”/Neighbourhoods and Areas of Priority Intervention.

³ A group of associations and institutions that has been selected by the city hall of Lisbon (Câmara Municipal de Lisboa – CML) to apply the European USER guideline for *active citizenship* in an urban neglected neighbourhood of Lisbon.

⁴ “O K’Cidade - Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano tem como missão capacitar comunidades urbanas excluídas com vista à melhoria da sua qualidade de vida.”

munity to actively contribute to a better reputation of their present neighbourhood (Penide, 2016; Queirós, 2016).

Inspired by the street art project *PA-REDES* developed at *Clube*, this work examines whether the social impact of street art is powerful enough to trigger a “sea-change” (Wacquant, 2007: 69) in marginalised and socially-deprived city districts. In other words, it analyses whether street art is capable of bringing back “shared emotions and joint meanings, supported by practices and institutions of mutuality” (69) to such districts. Street art tourism represents an arguably more positive alternative to conventional slum tourism because it does not promote poverty itself. Slum tourism risks relying on urban misery not just as “a condition in which this tourism takes place” but as “the main attraction” (Frenzel, 2013: 118). A possible threat of slum tourism is that its narrative ends up feeding the tourist’s search for “subjective authenticity” (Żemła, 2011: 17) rather than triggering a profound “sea change” (Wacquant, 2007: 69) of the tourist’s conception of urban “No-Go areas” (Frenzel, 2014: 5) and urban poverty.⁵

Eventually, the narratives of a tour through a slum or a *No-Go area* that are merely built around poverty, misery and injustice contribute to the consolidation and promotion of stigmatisation. Despite the potential of street art to make marginalised areas more accessible and to lure new visitors, the primary focus of *PA-REDES* is not to attract outsiders to the zone, but to reconnect local residents to their neighbourhood. The walls will be designed mainly by the local community and street art workshops will encourage them to acquire new skills. However, it goes without saying that local street artists and amateurs will not spark such a furore on social media and therefore will not lead to such a rush of foreign tourists. Therefore, *Clube* has to consider the development of an additional tourism strategy, for which a clear definition of a socially-viable target is crucial. Regarding the specific characteristics of the neighbourhood of *antiga Curraleira* and *Picheleira*, the tours do not intend to satisfy demands of the conventional leisure-seeking “post[modern]-tourist” (Żemła 2011). This means that *Clube* has to look for tourists that have other motivations to travel other than just “fun and enjoyment” (16). Żemła (2011: 16) explain that due to a “growing sameness of the world” the search for authenticity has been replaced by the search for leisure:

(...) instead of being concerned with the origins of supposedly “real” attractions, ironically or playfully prefers to enjoy the surfaces of often manifestly inauthentic ones. Instead in pursuing different experiences, he may choose to visit places which offer

⁵ To change that conception, the tourist has to understand what “post-Fordist poverty” means. In Wacquant words, “post-Fordist poverty or ‘advanced marginality’ in the city is fuelled by the growing instability and heterogeneity of the wage-labour relation in the context of rising inequality; increasingly disconnected from the short-term cyclical fluctuations of the national economy and accentuated by the recoiling of the social welfare state; and tends to concentrate in defamed and desolate districts where the erosion of sense of ‘place’ (...) and the absence of a collective idiom of claims-making exacerbate the experience and effects of deproletarianisation and destitution. (...) it stresses the distinctive weight and effects of territorial stigmatization as well as the insuperable political dilemmas posed by the material dispersion and symbolic splintering of the new urban poor” (Wacquant 2008: 7).

familiar ones, but in a greater variety, of a higher quality, in a more agreeable ambience (or at a lower price), than those available at home. Sheer fun and enjoyment became, in this view, a culturally approved, sufficient reason for travel.

The rising demand of low-cost leisure in tourism substantially affects the social viability of tourism. In its current form, tourism contributes to “resentment-inducing social inequalities” (Urry, 2012: 29) rather than bringing cultures closer together. The development of a tour narrative for *antiga Curraleira* and *Picheleira* that does not trigger resentment has identified the major challenge for the development of a new tourism strategy and the definition of the target group: the future visitor must be willing to get involved in a dialogue with the local tour guide and come up with new creative ideas for the neighbourhood; secondly, he must be willing to learn and to interrogate “personal misconceptions” (Mkono, 2016: 206). Self-reflection and involvement are more likely to happen if the tourist is not traveling on a tight schedule or for the merely for leisure. Conclusively, the ideal target for socially-viable tours are either the *slow travellers* or the *reflexive tourists*.

Slow travel depicts a sustainable alternative to the majorly leisure oriented “post-tourist” (Żemła, 2011) and slum tourism. *Slow travel* has been inspired by the *slow food* movement of the late 1980s, inaugurated by Carlo Petrini in Italy (Dickinson, Lumsdon and Robbins, 2011: 282). *Slow travel* and the *slow food* movement similarly address “globalised homogenisation” and pursue the aim of offering an alternative to globalising neoliberal growth models (Nilsson *et al*, 2007: 268). “Slow” stands symbolically for “doing things at the right speed, changing attitudes towards time and the use of it, and seeking quality over quantity” (Dickinson, Lumsdon and Robbins, 2011: 282). Changing attitudes towards time in *slow travel* is expressed through integration into different cultures by longer stays, avoidance of airplane travel and the learning of a foreign language (266). The increased quality concept of *slow travel* assumes that the mere consumption of locations and tourist attractions is a waste of time. The *slow tourist* rather shares the view that surplus time due to productivity gains “must not necessarily be filled with increased consumption” (291). Freed from compulsive consumption, more time leads to “flexibility, freedom, independence, away from constraints of daily life, relaxation, achievement, a story to tell, and engagement with people and place” (293). Finally, the broader definition of *slow travel* also depicts a form of tourism that is able to leave long-term positive impact in the host community. The *slow traveller* often uses hospitality exchange (hospex) networks to travel and to build friendships up-road.

In contrast to the conventional postmodern tourist, who looks for “subjective authenticity” or “fantasy” (Żemła, 2011: 17), the *slow traveller* wants to engage with people and place, understand people’s everyday reality through political and sociological backgrounds. But not only is the *slow traveller* concerned with finding an “antidote to a faster pace of life” (Dickinson *et al*, 2011:

282) so is the *reflexive tourist*, who also seeks “self-transformation” and learning during his travel. Since package tourism or short stays generally do not leave much time for moments of self-reflection triggered through situations of “ambivalence, complexity and uncertainty (...) travelling slower is also a crucial component of reflexive tourism” (Mkono, 2016: 206). Furthermore, the *reflexive tourist* is active on social media platforms, where he constantly analyses his behaviour with the objective of becoming a “better tourist” (208). What the *slow traveller* and the *reflexive tourist* have in common is that they take responsibility for their own actions, rather than delegating all responsibilities to a tour operator. Summing up the *slow* and *reflexive tourist* does not consider “[s]heer fun and enjoyment” (Żemła, 2011:16) as a sufficient motive for travelling. Self-critical contribution to social media transforms the reflexive tourist into a “co-creative, critical agent” who “challenge[s] the tourism industry status quo, denounce[s] industry tendencies deemed unjust, and produce[s] new situations by discussing and sharing novel issues within the lifeworld of tourism” (Mkono, 2016: 209).

Interns taking part in European mobility programs at *Clube* combine characteristics of the *slow traveller* and the *reflexive tourist*. Generally, they stay in Lisbon for at least three months, giving them enough time to deeply understand the culture and its people, to learn the language at least rudimentarily, to establish strong ties and to leave the country with “a story to tell” (Dickinson, Lumsdon and Robbins, 2011: 293). Their networks are crucial in helping *Clube* promote the tours in future. *Slow* and *reflexive* tourists can also be found, for instance, in hospitality exchange (hospex) networks. People that travel via hospex networks search for real interactions with local people and have to be open minded, willing to learn, and negotiate their own identity in unfamiliar cultural situations. In turn, the hospex users/members enjoy “not only reduction in monetary expenses (...), but also engagement in relationships shaped by altruism termed as *social market*” (Tagiew, 2015: 1). Exchange of time, rather than money, distinguishes the hospex network from conventional booking platforms for accommodations. The hospex user needs time and patience to find the suiting host or guest, and mutual sympathy finally encourages both parties to spend time together. Taking a classic cost-benefit perspective means looking at “real-life interactions” and “mutual altruism” as benefits and “communication measured in units of time” (1) as the effort or the cost that arises.

The ultimate goal of developing a socially-viable tour strategy in *antiga Curraleira* and *Picheleira* is to spark a moving debate on the *re-appropriation* of public space and potential solutions for improved accessibility. In a moving debate, the tourist has the opportunity to openly “negotiate[s] his personal identity as a tourist” (Dickinson *et al*, 2011: 282) and to be open “to possibilities for new ways of acting” (Mkono, 2016: 208) during the tour.

As detailed throughout this dissertation, the thematic framework proposed for this tour strategy centres around *advanced marginality* (Wacquant, 2007) and the *right to the city* (Lefebvre, 1996) as well as around street art, encouraging the visitor to reflect on the social housing conditions in his home country. Such reflections can lead to valuable insights, contributions and solution approaches, stimulating a mutual learning process between all group members. Furthermore, the understanding of the specific case of *antiga Curraleira* and *Picheleira* will help the visitor to come up with suggestions when faced with similar situations in his home country.

I.1. Structure

The case study of *antiga Curraleira* and *Picheleira* can only be understood in the context of social housing developments in Portugal, which have been substantially influenced by “the globalising tendencies of neoliberal housing market” (Aalbers and Kenneth, 2014: 211) and Portugal’s dependency on EU money. Due to its rapid transformation from a developing country to a EU member, Portugal has been forced to eradicate slums in Lisbon and Porto as quickly as possible. A radical rehousing strategy has triggered protests and vandalism and has led to long-term social consequences including a lack of reliance and social networks. The sociologist Wacquant (2007) found a general Western pattern in social housing politics that confines socially deprived classes to the margins of the city, turning them invisible to the public eye:

Once a place is publicly labelled as a ‘lawless zone’ or ‘outlaw estate’, outside the common norm (...), it is easy for the authorities to justify special measures, deviating from both law and custom, which can have the effect – if not the intention – of destabilizing and further marginalizing their occupants, subjecting them to the dictates of the deregulated labour market, and rendering them invisible or driving them out of a coveted space (...). (Wacquant, 2007: 69)

As the first chapter will describe, this research is theoretically grounded on the concept of *advanced marginality*. The theoretical approach intends to substantiate the choice of *antiga Curraleira* and *Picheleira* as a case study, and underpin future educational tours throughout the zone. The term stands descriptively for a phenomenon of neoliberal social housing politics and is characterised through the absence of “*urban citizenship*” (Chiodelli, 2012). In other words, isolation processes or the disruption of reliance networks are distinctive of current tendencies towards individualisation of society and marginalisation of the socially-deprived classes. The dismantling of the Western welfare state or the “rise of the penal state” (Cummins, 2016: 263) leads to “precariousness” (Wacquant, 2007: 71), “*lateral denigration and mutual distancing*” and an “acute sense of social indignity that enshrouds neighbourhoods of relegation” (68; italics in original). As Cummins notes,

Wacquant describes the shift as a move from the protective (feminine and collectivising) to the disciplinary (masculine and individualising). This shift involves an expansion of the penal state — i.e. the use of the police, Courts and the prison system and the reduction in spending on social welfare. (Cummins, 2016: 265)

Furthermore, *advanced marginality* resulted from alternating social housing strategies within Portugal. The country was faced with migration flows to the cities due to rural exodus or (re-)immigration from Portugal's ex-colonies from the beginning of Portuguese industrialization. The laxity of social housing politics during the regime of Salazar led to vast urban slum neighbourhoods and posed an enormous challenge for Portugal's modern democracy following the Carnation revolution in 1974. The Communist government that was elected following the transition came up with the *SAAL* (*Serviço Ambulatório de Apoio Local*) social re-housing program, which left a profound mark on the country's social housing politics and still serves as a source of inspiration today. The early failure of *SAAL* was related to the unstable political climate and defalcation of money. In contrast to the contested *PER* rehousing programmes of the 1990s, *SAAL* was conducted bottom-up and involved long-term community involvement. With the implementation of the *PER* re-housing program, top-down re-housing politics were carried too far and marginalisation of socially deprived communities reached its peak.

The second chapter of this dissertation deals with the consequences of the top-down re-housing politics of the 1990s, focusing on the specific case of *antiga Curraleira* and *Picheleira*. João Queirós from *K'idades* shares the experience he gained over years of cooperation with the residents of *antiga Curraleira* and describes the failures of the *PER* re-housing programme. Even after the eradication of former slum neighbourhoods, both areas are still fundamentally marked by urban inequality (Costa *et al.*, 2013: 13) and have therefore been identified as priority intervention areas (BIP/ZIP) in 2013. The BIP/ZIP program intends to encourage citizens to get involved and to settle problems caused by the rapid re-housing programs of the 1990s. But despite all endeavours, the recent BIP/ZIP projects within *antiga Curraleira* and *Picheleira* have not managed to reunite the disrupted neighbourhoods. The main obstacle that NGOs and neighbourhood associations have been facing is a pessimistic attitude of people towards their neighbourhood, non-identification with the area and a lack of future perspectives. I will begin by analysing why the BIP/ZIP funding alone is unable to solve the absence of a future vision for the zone. Then I will explain the new USER strategy, a European guideline for "active citizenship" (URB ACT, n.d) that is used in the former slum zone. The recent implementation of the street art project *PA-REDES* is the USER strategy's first positive outcome. Although *PA-REDES* arose independently from USER reunions, it has benefited in two ways from the USER strategy: firstly, USER events have facilitated memory retrieval through direct contact with locals and, secondly, partnerships between different stakeholders have

been more easily established due to USER guidelines⁶, formulation of priorities and an already established acquaintance between stakeholders.

Chapter three discusses the potential impact of *PA-REDES* by looking at the transformative power of street art in general. *PA-REDES*' main objective is to build a powerful future vision for the former slum. Rather than merely beautifying the area, *PA-REDES* strives to involve the community and to build a bridge between past and present. Maria Penide, the coordinator of *PA-REDES*, gives detailed insights into the project. As the long-term impact of *PA-REDES* cannot be measured within the timeframe of this work, a short demonstration of the positive impact of street art on segregated communities will be provided through a description of the *Galeria de Arte Pública (GAP)* of *Quinta do Mocho*. The social housing neighbourhood has suffered similar consequences of the *PER* re-housing programs as *antiga Curraleira* and *Picheleira*. Street art has opened the neighbourhood for new commerce, tourism and has helped its residents to re-identify with their neighbourhood. Subsequently, a comparison between both street art interventions explains the differences and similarities of *PA-REDES* and *GAP*. The comparison is oriented towards Visconti's differentiation between two ways of implementing street art: a) enchanting urban space "via gifts" and b) enchanting urban space "via vitalising" (Visconti *et al.* 2010: 521). *PA-REDES* and *GAP* each illustrate one approach respectively. However, both approaches pursue the ultimate goal of citizen empowerment through the re-establishment of a feeling of belonging. Summing up, *GAP* and *PA-REDES* propose the "re-appropriation" of space by the local community (Lefebvre, 1991) and pave the way for the development of a self-sustaining "space as an Oeuvre" (Chabbert 2015, 2).

Eventually, at the end of chapter three, I propose a comparison as a way to launch a moving debate with tour participants regarding bottom-up initiatives and possible ways to re-appropriate urban space. Last but not least, the whole case study, including its contextualisation and my observations on *USER convida* and *PA-REDES*, intends to provide material for future fruitful discussions.

⁶ European Baseline study on how to manage public space in constantly changing and challenged urban environments.

I.2. Methodology

This dissertation presents an illustrated case study (Siggelkow, 2007: 22) of *antiga Curraleira* and *Picheleira*, with the intention of encouraging prospective tourists to visit marginalised areas in Lisbon. The theoretical argument at the beginning of my case study introduces the reader to the sociological consequences triggered by rigid, top-down reallocation programmes in the 1990s. The detailed description about the evolution of *antiga Curraleira* and *Picheleira* illustrates the phenomenon of urban degradation generated by through non-identification with a place and explains why people are caught in a nostalgia trap. The analysis regarding the dynamics that the social rehousing programs have prompted over time in *antiga Curraleira* describes a longitudinal process of a segregated urban housing area and is a case research that serves the purpose of “illustration” (21). Such as the motivational or the inspirational case study, the illustrated case study is used when the chosen case helps to understand a “theoretical construct” (22). The case of *antiga Curraleira* and *Picheleira* is to a large extent representative for other social housing neighbourhoods around Lisbon. Due to its similarity, it cannot offer “certain insights that other organizations would not be able to provide.” (20). According to Siggelkow an illustrational case research “cannot just stand on its descriptive feet but has to provide a conceptual insight” (21).

As mentioned previously, the conceptual insight I provide within my research is oriented towards Wacquant’s concept of *advanced marginality* and driven by the following research question: which underlying societal causes have led to such a strong feeling of nostalgia and identification with the past, and how can this be transformed into a more positive attitude about the future? The conceptual argumentation I offer follows the principle “When X occurs, whether Y will follow depends on W” (Small, 2009: 23) and is based on logical inference rather than statistical interference. This technique facilitates “[e]xtrapolability from any one case study to like situations” (Mitchell, 1983: 200) and allows some generalisations about the social decay in social housing neighbourhoods. The ability to generalise is especially important to *Clube*, which intends to motivate other social housing neighbourhoods to reapply the project idea. Due to the general argumentation line I have chosen, the case study offers material that could be used in other social housing contexts. However, if similar tours are to be established in other social housing neighbourhoods, their evolution and backgrounds must be analysed independently. Furthermore, it lies in the hands of the local community to decide the establishment of local tours through their neighbourhood and determine the focus of such tours together with all stakeholders. Due to the controversial discussion about

bringing tourism to deprived social housing neighbourhoods, it is important that the local community has the last word about the usage of a case study that concerns their neighbourhood.

To start one's qualitative research by conducting "participant observation" (Bryman, 2004: 61) allows for approximation with the local community. The researcher can then gauge their openness regarding the creation of a local tour. *Participant observation* serves the purpose of seeing things "through the eyes" of somebody else, and forms part of the six relevant "chief characteristics of qualitative research" (61) that will be discussed further down. My cooperation and several consultations with *Clube* intends to mitigate the risk of "researcher biases" (75); this means, in other words, that a different researcher would draw different conclusions. The appendix provides transcribed interviews and gives the reader the chance to check the representativeness of the interview excerpts that I have chosen in order to depict certain situations. Furthermore, the reader alone can judge how far I have been able to "partition" (72) from my own perspective and to see the situation through someone else's eyes. As Bryman points out,

(...) [i]n any case, ethnographers rarely adopt a stance of being 'sponges' whereby they simply absorb subjects' interpretations. Very often they exhibit a focus of interest, though usually couched in fairly broad terms, which may not be part of their subjects' viewpoint. (Bryman, 2004: 72)

The emphasis of my research developed from my experience during my internship in *Clube*. Hence the focus I have chosen for this research is not simply imposed upon the neighbourhood but is shaped by the experience of *Clube* that acts within the neighbourhood and helps the neighbourhood to retrieve memories from the past. The steps involved in the process of developing my ultimate research question can be understood through "the six chief characteristics of qualitative research": 1) "seeing through the eyes of...", or *participant observation*, 2) description, 3) contextualisation, 4) process, 5) flexibility and lack of structure and 6) theory and concept.

1+2) “Seeing through the eyes of...” and description

My internship at *Clube* has facilitated participant observation for the case study base on *antiga Curraleira* and *Picheleira*. Although the majority of the observations stem from my work, the case study is partly based on confidential moments of *Clube*’s salvaged memories. A public excerpt of these moments is available in a radio show by *Clube*, with children from *antiga Curraleira* (Rádio Curra FM no3, 2015). This radio show provides an important source that represents other moments of memory retrieval that I could not access, due to their confidentiality. According to *Clube*, all those moments have revealed a strong nostalgic identification with the past, affecting both the older and younger generations of *antiga Curraleira*. My own observations have been obtained through several walks through the neighbourhoods, multiple informal conversations with shop or coffee owners and a tour through the former neighbourhood of *antiga Curraleira* and *Picheleira* with João Queirós from the *K’CIDADEs*. Finally, semi-structured interviews with Maria Penide from *Clube*, João Queirós from *K’CIDADEs* and Telmo Alcobia consolidate inferences and impressions from my own tours through *antiga Curraleira* and *Picheleira*.

3+4) Contextualism, Process and Theory

According to Bryman, the context of a qualitative research serves to understand broader social forces that shape “particular situations” (Bryman, 2004: 136) in their “entirety” (63). The current situation of *antiga Curraleira* and *Picheleira* is inseparable from the social re-housing programmes. By intending to keep up with the “participant observers” aiming to view “social life as involving interlocking series of events” (65), I will analyse changes in social housing politics over time. Increasing non-identification with the new social housing block neighbourhoods, the absence of outdoor facilities and parks, the vertical construction of mono-functional housing lots and the disruption of community networks shape the current reality of the people living in *antiga Curraleira* and *Picheleira*. Eventually, Portugal’s exposure to neoliberal policies after its integration into the EU has opened my eyes to the theoretical framework through which I finally introduce my case study. Rather than identifying an empirical fact about society, the case study intends to reconstruct and illustrate the explanations given in Wacquant’s (2007) and Lefebvre’s theories on segregated urban areas (Chiodelli, 2012; Aalbers and Kenneth 2014).

5) Theory

Wacquant's multidimensional definition of *advanced marginality* considers the decay of the Western welfare state and the former working class as the major factors that nowadays seclude socially deprived urban neighbourhoods. Lefebvre (1996) contests the conducting of top-down re-housing politics, arguing that non-involvement of the local community results in degradation, non-responsible behaviour and non-identification regarding public space. Based on his confrontation between *space-oeuvre* (utopia) and *space-produit* (dystopia) (Aalbers and Kenneth, 2014), I will examine *Clube's* street art intervention and then compare it to the successful street art intervention in *Quinta do Mocho*. This comparison underpins the use of street art for vitalisation and integration purposes of disrupted segregated neighbourhoods. Finally, the combination of two theoretical approaches throughout my thesis has occurred in tandem with data collection and *participant observation*. That means I have not "impose[d] a potentially alien framework" (Bryman, 2004: 67) on the subjects of my research that could have led to a constrained perspective from my side. The theoretical approach that now frames my case study has in practice followed my observations within the territory and intends to justify the practical approach of *PA-REDES*.

6) Flexibility and lack of structure

Since the beginning of my internship in *Clube*, the focus of the tours that *Clube* had envisioned for the USER territory were uncertain. José Brito Soares, the director of *Clube*, initially contemplated a tour that would provide an insight into Gipsy culture within the social housing block neighbourhoods. I suggested that *Clube* or *SC* could introduce me to a group of neighbours or students of a Gipsy background, who would be interested in welcoming me into their community and developing such tours together. However, my own attempts to initiate such reunions led to no avail, and I came to the conclusion that a case study, with a theoretic groundwork, would be the best approach to establish a guided tour through the neighbourhood. It was my belief that *Clube* can complete and consolidate its proper findings through my case study. So far, the sources that one could refer to in order to understand the evolution of the former slum neighbourhood are scarce. Apart from the USER report, no information about the territory or the formation and development of the former slum neighbourhood has been available to me. Although my research emanates from the same intention as the project *PA-REDES*, it aims to stand on its own feet. After all, the whole proceedings of my research have not justified an internship report. Theoretical parts of my research outweigh the practical ones and apart from some contacts and hints that stem from *Clube*, theoretical recourses have

been chosen independently. Nevertheless, I hope that my dissertation will in future be consolidated by *Clube* and *PA-REDES* as a source for training local tour guides.

While at the start I had doubts regarding the purpose of my internship, looking back I am confident that this case research provides explanations by revealing social patterns for other marginalised neighbourhoods. It describes local interventions and justifies them through theoretical lenses, in order to be reapplied in other social housing contexts. Eventually, it lies in the hands of the local community to make use of my dissertation. An important aspect of my research is the importance of bottom-up initiatives, which involve the residents and make them feel part of their neighbourhood. Of course, the same principle applies for the tours through the neighbourhood. In the summer of 2016 I conducted one pioneer tour through the neighbourhood with Erasmus+ students from *Clube*. Social re-housing programs have depicted the central theme of the tour. With the help of *Clube*, *SC*, *K'CIDADES* and locals I have chosen the most significant places of *antiga Curraleira* and *Picheleira*. In future, these spots can be accessed and completed by *Clube* on an interactive Wordpress map (Appendix I: 2).

1. *The right to the city and advanced marginality*

The right to the city manifests itself as a superior form of rights: right to freedom, to individualization in socialization, to habitat and to inhabit. The right to the oeuvre, to participation and appropriation (clearly distinct from the right to property), are implied in the right to the city. (Lefebvre, 1996: 173-174)

Lefebvre's theory about the *city oeuvre* and *city produit* points to the contrast between urban space that thrives through community participation and monotonous urban space that is rationally designed or imposed top down. The theorist "promotes an innovative understanding of the city not as pre-fabricated but rather as a collective 'oeuvre'" (Chabbert, 2015: 3). Systematic urban replanning "suited to rational growth" (Lefebvre, 1996: 75) models and a capitalist system, in which decisions are majorly based on the principles of profitable capital surplus absorption rather than human well-being have destroyed Lefebvre's view of the city as an *oeuvre* over time. That means putting at risk the city's defining qualities, and that the city is in danger of losing its defining qualities of "assembly", "simultaneity" and "encounter" (166).

Eventually, the vanishing of "urban consciousness" (77) has caused a "city in crisis" (74). When we question what "supreme reason" (129) of a city is, the city finds itself in a state of "crisis" (77) in which the relationship between centrality and periphery is longer shaped by "perceptible relationship" but rather by the periphery's "dependency vis à vis the centre" (79). According to Harvey (2008: 33), the guarantee to the *right to the city* only to the capitalist elites promotes the marginalisation and segregation of the "poor and the underprivileged" and serves the purpose of upholding a class society and power hierarchies. The housing sector and urbanisation are a common solution for surplus investment, but since their control "typically lies in a few hands", such planning measures no longer dispose of the collective aspect, that is so crucial for thriving urban sites. Harvey (2008: 38) is convinced that a more equal distribution of powers would generate a better functioning urban atmosphere: "[t]he right to the city, as it is now constituted, is too narrowly confined, restricted in most cases to a small political and economic elite who are in a position to shape cities more and more after their own desires".

Finally, the urgency of the "housing question in conditions of industrial growth" (Lefebvre, 1996: 126) has always provided the necessary excuse to justify the process of "suburbanisation" (77) that leads to the detachment of the socially deprived neighbourhoods from the city centres. In his development of a "political strategy" Lefebvre has relied on the "seizure of the 'right to the city'" by the working class" (Chabbert, 2015: 5). He has appointed the working class to be the agent

13

who transforms the city again into a collective project. Despite his awareness of what he calls capitalism's "forces of homogenisation" (Lefebvre, 1991: 373) he has underestimated that the "neo capitalist domination of city space" (Chabbert, 2015:2) could lead not only to a passive consumption of "pre-fabricated urban space" (2) but also to the total vanishing of "urban consciousness" (Lefebvre, 1996: 77). Chabbert (2015: 2) summarises that Lefebvre's revolution has failed because "in this pre-fabricated world, individuals forget they are entitled a 'right to the city'" and thus do not regard the neo capitalist domination of space as an expropriation." The lack of consciousness and the marginalised classes' lack of capabilities are characteristic for what Wacquant has described as transformation from a "proletariat" to a "*precariat*" (Wacquant, 2007). The *precariat* no longer disposes of the community features or a common ideology and lives in conditions of *advanced marginality* in isolation, not integrated into the labour market, in hardly accessible areas on the margins of the city. According to Wacquant (2007) the decay of a working class, the disruption of social reliance networks and, most of all, a far-reaching downfall of the welfare state for the sake of more competitiveness in the Western states, contribute to such urban realities of *advanced marginality*. Eventually "the retrenchment of the welfare state and labour market flexibilization" (Likic- Brboric, 2006: 280) stem from "demands for stabilisation, economic efficiency, and competitiveness" (Likic-Brboric, 2004; Schierup *et al.*, 2006).

Since the impact of Portugal's integration into the EU was immense, right after the oil crisis "when neoliberal ideas were implemented worldwide" (Alves 2015: 19), *advanced marginality* has become a common urban reality that especially shapes the suburbs of Porto and Lisbon. According to Alves, the country remains today one of the EU countries with the highest inequalities (12). Portugal "spends much less on welfare policies than average EU countries" (15) and hence is one of the EU countries with the highest "school dropout rates" (9) and "the highest percentage of working age population with only primary education" (8). Despite Lefebvre's overestimation of the working class, his definition of the crucial factors for a thriving and vivid urban space are still a critical point of orientation in redesigning segregated social housing neighbourhoods.

The absence of community in today's marginalised and socially deprived urban suburbs also explains the importance and responsibility of public initiatives such as USER or *PA-REDES* and the integrating work of associations like *Clube* or *SC* to bring a community spirit back, to re-establish reliance networks and thus contribute to reducing illicit activities and delinquency. Eventually, the rebuilding of a community is the source for the fight against the consequences of *advanced marginality*, such as "territorial stigma" (Wacquant, 2007: 67) or "dissolution of 'place'" (69). Lefebvre's urban revolution through collective action serves as a good orientation and it is unambiguous that USER and *PA-REDES* are oriented towards Lefebvre's vision for the "[c]reation of a new city with

powers of social life” (Lefebvre, 1996: 150) through the building of “citizenship based on groups rather than individual identity” (158). The USER is a guideline for the reactivation of urban citizenship and citizen participation. The ultimate goal is to overcome space alienation through bottom-up urban planning strategies, while emphasising the importance of community cohesion. Bottom-up planning, reactivation of community cohesion and community involvement are the pillars of the initiatives.

In alignment with Lefebvre, the stakeholders that now work on the rebuilding of *active citizenship* in *antiga Curraleira* and *Picheleira* give special attention to *re-appropriation* of space through the “revitalization of the fête” (Lefebvre, 1996: 150) and *re-appropriation* of urban space through art. The combination of the *USER convida* events with street art is important because “art restitutes the meaning of the oeuvre, giving it multiple facets of appropriated time and space” (157). In the current case of the initiatives running in *antiga Curraleira* and *Picheleira*, the independent street art intervention of *PA-REDES* supports the *USER convida* events and eventually helps to promote them and strengthen their impact. The combination of art and public events is important in order to bring the community back together. The current *USER convida* initiative is the first approach to “restitute the fête by changing daily life” and by putting “an end to the separation of ‘daily life-leisure’ or ‘daily life-festivity’” (168) through regular community events. In accordance with Lefebvre’s understanding of arts, the art initiative *PA-REDES* now taking place in the USER territory of *antiga Curraleira* and *Picheleira* does not intend “to prettify urban space with works of art” (157) but rather “reconsider[s] itself as source and model of appropriation of space and time” (173).

Since I have found strong similarities between the philosophy of Lefebvre and the current projects implemented in *antiga Curraleira* and *Picheleira*, I consider Lefebvre’s theoretical approaches an important theoretical background information for the guided tours, in ways that will be further developed in the next chapters.

2. The development and formation of segregated neighbourhoods in Portugal

2.1. Industrialisation, *Estado Novo* and SAAL

Advanced marginality in the urban districts of Portugal originated from the industrial revolution, hence the origins of segregation in the countries urban regions reach back to this transition to new manufacturing processes that has transformed Portugal in the late nineteenth century. The arrival of capitalist production schemes in the agricultural sector led to greater wealth in the cities and rural exodus. Housing prices escalated due to real estate speculation of low estimated terrain. However, the First Portuguese Republic in 1910 enabled the state to regulate market mechanisms that were controlling the housing market, and begun to provide social housing to the former working class (Tomás, 2015: 5). Tomás refers to decree number 4137, adopted on the 24th of April 1918, which states that that economic social housing is required in order to improve the living conditions of deprived families and individuals:

(...) conseguir a construção em grande escala das casas económicas, com todas as possíveis condições de conforto, independência e higiene, destinadas, principalmente nas grandes cidades, aos que, por carência de recursos materiais, têm sido obrigados até agora a viver em residências infectas, sem luz nem ar, e por isso gravemente nocivas à saúde dos que as habitam (...). (2015: 6)

Nevertheless, it did not take long for the *Estado Novo* regime to transform the social housing programme into a form of remuneration or compensation for a middle class loyal to the regime:

Assim, o Programa das Casas Económicas destinou-se às classes médias, ao contrário do que se “apregoava” – que seriam dirigidos às classes trabalhadoras. A sua atribuição era feita através de uma seriação dos beneficiários. Alguns dos critérios principais foram a capacidade aquisitiva e a fidelidade ao corporativismo de Estado. (Carneiro, 2003)

Consequently, clandestine neighbourhoods started to spread and increase in the outskirts of Lisbon and Porto. After the 1974 Revolution, the SAAL projects by architect Nuno Portas reinvented social housing policies in a way that had never been seen before, surrendering all major responsibilities, such as the collection of rents or the assignment of building companies to cooperatives and resident associations of SAAL beneficiaries. Pereira quotes to internal documents by Nuno Portas, the architect who has initiated SAAL, in order to explain the purpose of SAAL:

o SAAL destinava-se a apoiar, ‘através das câmaras municipais, as iniciativas das populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros, investindo os próprios recursos latentes e, eventualmente, monetários’. Considerava-se que as iniciativas deveriam partir dos moradores, organizados em associações ou cooperativas. (Pereira, 2014: 14)

SAAL's project approach thus demonstrates a bottom-up approach of social re-housing politics, that has considered the importance of resident involvement in the re-housing process (planning development, execution and administration) essential (29). Although SAAL failed and was discontinued two years after its launch, it has achieved great academic attention (29) and has left a footmark in the history of Portugal's re-housing policies. SAAL has gained international attention due to its opening of local management, a new understanding of architecture and the city itself, but finally also due to the attention it paid to the social and spatial formation of identity (31).

The abandoning of SAAL in 1976 heralded the temporary end of an interventionist housing policy that aimed to solve dwelling problems of the most deprived members of society in the urban regions of Portugal. Instead, the market was again taken over by rampant market speculation and the poorest members of society were expelled to the outskirts areas of the cities (31). Nowadays, former SAAL and GABIP (*Gabinete de Apoio aos Bairros de Intervenção Prioritária*) are attempting to revive the cooperatives and associations of residents following SAAL examples that saw success at the time. The governmental cabinets aim to revive the neighbourhood associations, bring former SAAL members back together and recover outstanding debts in order to give the houses back to the residents. In *antiga Curraleira* and *Picheleira*, a neighbourhood called *Carlos Botelho* is part of the former SAAL but defalcation of money exacerbates the attribution of ownership rights to long-term tenants. Despite the final purpose of SAAL, many tenants who loyally paid their rent have still not obtained ownership of the houses, because the money was not used for credit recovery. The fact that the SAAL of *antiga Curraleira* and *Picheleira* now belongs to two different councils (*Beato* and *Penha da França*) triggers further disunity and disagreement among its members and the reunions of the associations of residents are weakly visited (Rodrigues, 2015).

While it is rather difficult to re-initiate and manage the former SAAL the USER programmes, the PA-REDES project and the BIP/ZIP initiatives in the USER territory are successfully adopting the participatory approach of the SAAL services and bringing renewed hope to an agglomeration of neighbourhoods that have suffered social exclusion for decades. However, BIP/ZIP and "ex-SAAL" (Appendix II: 7) can hardly compensate for the mistakes of the social re-housing program (PER) that has been hastily pushed through at the turn of the new millennium in order to beautify the city. PER has neglected the importance of neighbourhood communities and local involvement in the conduct of the re-housing programs and again contributed to the marginalisation of the socially deprived.

2.2. *PER*- Rehabilitation and *ghettoisation* of socially deprived neighbourhoods

PER was controversial even before its implementation. Eventually, it was accepted as a way to beautify and modernise the cities of Porto and Lisbon (Alves, 2013: 9). *Lisboa Capital de Cultura 1994* and *Expo 1998* accelerated the aspirations of eradicating all slums from Lisbon's urban service (55). On one hand, the *PER* was a way to eliminate the deficiencies of those living in ramshackle huts until now. On the other hand, *PER* found a way to clean the cities at a time when the numbers of existing ramshackle huts in the metropolitan eras of Lisbon and Porto amounted to between sixteen and twenty thousand (58). Alves (2013: 66) explains in her thesis how drastically *PER* justified a legal expulsion of the poor and migrants to distant urban areas, promoting the *ghettoisation* of the relegated neighbourhoods:

Neste sentido, o *PER* contribuiu para legislar e redesenhar o conceito de periferia, no qual as minorias étnicas, os imigrantes (e os pobres) passam, uma vez mais, a ser empurrados da partilha do espaço público para urbanizações distantes dos circuitos obrigatórios de circulação, com uma maior dificuldade de acesso a transportes e serviços, com estrutura especificamente criadas para o bairro (i.e. escolas e serviços) que empurram estas pessoas para espaços particulares do tecido social.

In brief, *PER* has contributed to creating urban ghettos for socially deprived minorities. By definition, an urban ghetto is characterised as “a spatially concentrated area used to separate and to limit a particular involuntarily defined population group (usually by race) held to be, and treated as, inferior by the dominant society” (Marcuse, 1997: 231). The formation of ghettos draws an (in)visible line between the relegated neighbourhoods and the urban centres and thus depicts an easy, though temporary way to hide poverty from the public eye: “[The ghetto] arises as the dominant group solution to the problem of how to contain that which it wants to exclude but is unable to do without or eradicate. The ghetto is the location handed over to “the others” so that they disappear into it” (Bernasconi, 2002: 336). Its architectural monotony and its absence of “aesthetic features (like monumentality and beauty) of the oeuvre” lead the ghetto to embody Lefebvre's theoretical term of a “space-*produit*” that “has lost any kind of style people could identify” with (Chiodelli, 2012: 491). Augusto (2000: 6) speaks of an “architectural megalomania” that has initially aimed to accommodate as many families as possible, in order to hide and reduce urban backwardness of housing conditions and poverty. However, the impossibility to appropriate a place or to build a relation to the place that surmounts such housing blocks has eventually triggered non-identification, meaning a negative identity with a place. Consequently, more non-responsible behaviour, vandalism or non-appreciation of common spaces further accelerates the degradation of segregated and so-

cially deprived urban neighbourhoods (2). Finally, Augusto describes segregated neighbourhoods as very distinctive from other neighbourhoods in the city:

Iguais entre si, os bairros sociais são distintos de todos os outros espaços da cidade, quer em termos sociais, quer arquitectónicos ou de espacialização no tecido urbano, pelo que, facilmente representam situações de segregação urbana. (3)

Due to the “monofunctional use” (3) of the social neighbourhoods, that dispose of no leisure or wellbeing facilities, such areas are generally not frequented by people from outside of the neighbourhood, as Brun and Rhein (1994: 213) observe:

(...) logo que várias famílias em situação de precariedade profissional – e suscetíveis de, por este fato, serem tomadas a cargo pelos serviços de ação social – são concentradas no mesmo local, ao ponto de este ser dotado de uma má reputação, no interior como no exterior, o risco de aí se desenvolver um processo de degradação dos espaços coletivos e de deterioração das relações sociais é grande. A desqualificação social das pessoas repercute-se sobre o habitat no seu conjunto e contribui, assim, para tornar mais visível o fenómeno da segregação urbana.

Summing up, the spatial concentration of socially deprived families far from the urban core contributes to the acceleration of the poverty spiral and path dependency (Augusto 2000: 17). For people from the secluded neighbourhoods, the neighbourhoods they live in often depict the only reality they know and is part of their social representation and identity:

Os bairros sociais acabam por reconstituir espaços de aglomeração da pobreza urbana, concentrando no seu interior os principais grupos de risco e contribuindo para uma interiorização da exclusão, com consequências previsíveis, inclusivamente, na socialização para o desvio. (17)

Finally, the profound influence one’s home town has on one’s personality explains why simple social housing programmes are not enough to improve the long-term situation of socially deprived families and individuals. The case of *antiga Curraleira* and *Picheleira* therefore speaks for many other cases of marginalised urban neighbourhoods, where communities have disappeared due to rational urban planning programs.

3. Re-housing and *advanced marginality* in *antiga Curraleira* and *Picheleira*

The case of the re-housing programs of *antiga Curraleira* and *Picheleira* exemplifies how massive anonymous housing reallocations have contributed to a state of *advanced marginality* and isolation of the former slum community. João Queirós from *K'idades* Foundation explains that the rehabilitation processes have generally not considered that the former slums were places with which people identified:

Acho que os realojamentos mostram os efeitos do desenraizamento destas comunidades, dos seus lugares, aonde construíram a sua identidade, e, portanto, quando os retiraram daquele lugar que eram as barracas, portanto, lugares socialmente pouco considerados, esquecem-se sempre que as pessoas construíram aqui a sua identidade, com as suas próprias redes e mãos. Por isso, houve um processo traumático e provocado por estes desenraizamentos. (Appendix IV: 23)

In our interview, Queirós agreed that the definition of *barracas* for the houses within the slum neighbourhood often disrespect the effort that has been made to build the houses:

Mas havia também ali casas construídas com fundações, cimento.... então era uma mistura, como havia em todos estes bairros, não é? Mas a questão de ser construção de madeira... é uma casa, para quem lá vivia era uma casa. (23)

In other words, people have often strongly identified with their own houses and could rely on a community to help them out in difficult times. Nowadays, the absence of a strong community promotes clandestine activities, because people can no longer rely on mutual support in case of temporary rejections of the labour market (Wacquant, 2017: 70–71). Queirós confirms that the loss of reliance or sociality networks results in the expansion of the illegal sector:

(...) quando perdemos redes de sociabilidade, (...) [e] quando nos tornamos mais isolados, necessariamente tornamo-nos mais permeáveis a uma série de outras coisas [atividades ilegais]. E depois são as necessidades que definem [a vida]: há pessoas que (...) fazem uns serviços [de tráfico de drogas] [mas que] não estão permanentemente no sistema. Pode haver uma correlação [entre a quebra de redes sociais e o aumento de tráfico de drogas]; e eu acho que ela é tanto maior quanto o individuo possa estar isolado. (Appendix IV: 24)

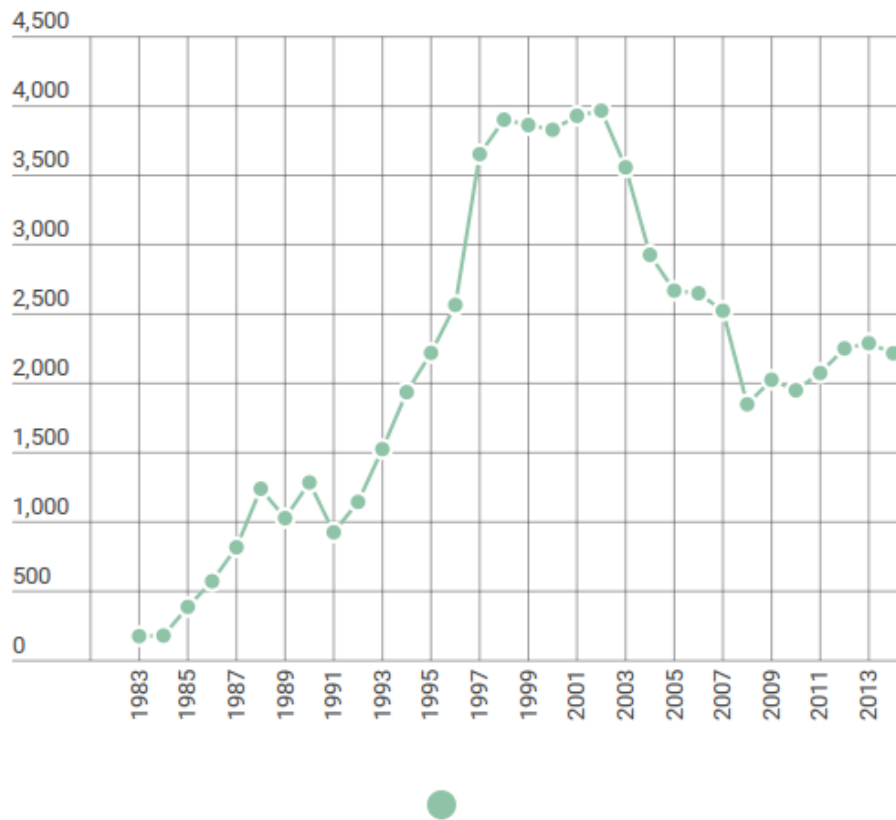


Figure 2: “Reclusos Condenados: Total E Por Categoria de Crime – Portugal” (Pordata, 2015)

Statistics illustrate how the *PER* re-housing programmes correlate with the detentions related to drug crimes and indicate how illegal economic activities are increasingly establishing themselves as surviving strategies. The detentions related to drug crimes experienced their peak between 1997 and 2002, at the time of the drastically enforced rehabilitation programs. However, it is important to mention that the rise in detentions related to drug crimes between 1999 and 2002 is due to several other reasons. Queirós confirms the possibility of a correlation although he associates the rise of drugs with the rise of money supply that Portugal experienced with the country’s EU entry. He claims that more money supply triggered further demand for drugs and hence more drug dealing: “Também é preciso não esquecer que foi um período de alguma riqueza – entre aspas. Ou seja, foi um período de financiamento europeu, houve eventualmente um aumento de suposta qualidade de vida... E, por isso [havia também] mais procura de drogas” (Appendix IV: 25).

Furthermore, the transformation of the horizontal slum landscape into a vertical social housing block neighbourhood contributed to more visibility of illicit activities: “Portanto o bairro era uma aldeia (...) [e] urbanisticamente também tinha uma forma mais protetora (...). [Quando] colocaram as pessoas em blocos e em espaços mais abertos, tornou algumas coisas mais visíveis” (26). Subsequently, a rise in detentions is not necessarily evidence of a rise in illicit activities, but the

eradication of the slum neighbourhoods has turned illicit activities more visible. In the radio session about *antiga Curraleira*, Telmo Reis from SC recalls that drugs have always been part of the slum's reality and have cost lives: “a droga serviu para muita gente a nível económico mas também estragou muitas famílias porque era uma novidade nessa altura e muita gente entrou nessa novidade, não conseguiu sair e acabou por perder a vida” (Rádio Curra FM, 2015). Subsequently, a neglected generation followed. A generation that lost parents through AIDS or imprisonment and that grew up with grandparents, and who continue to see drugs as their only way out:

Na *antiga Curraleira* havia uma geração de crianças que cresceram sós, seja ao cuidado de avós, muitas vezes já com dificuldades para poder acompanhar os netos. (...) foi uma geração em que os pais foram presos, ou morreram de SIDA... E, portanto, uma geração de muitas crianças ali cresceu sozinha, e, portanto, este também pode ser um fator que possa – em lugares em que essas vivências são mais acentuadas – também ter a sua influência. (Appendix IV: 25)

The fact is that drugs have shaped the reality of the slum and still shape it today. Although the *PER* re-housing programmes are not the source of all misfortune, they have contributed to the isolation of people and to the retrenchment of social networks: “Sim, as redes de funcionalidade que existiam foram desmanteladas” (22). People feel that the rehabilitation programmes have isolated people even more than the former slum did: “Sim, é comum ouvir-se que as pessoas saíram de barracas e foram realojadas em prédios, não só aqui na Curraleira, mas [também] noutros sítios, assisti, presenciei e ouvi (...): ‘Agora é que eu vivo numa barraca’, ou seja, agora estou isolado” (22). Additionally, the integration of the former rival neighbourhood *Picheleira* into the *PER* re-housing and relocation program has contributed to the discomfort and fostered the withdrawal of people into private spheres. Formerly, *antiga Curraleira* resembled a small village in which everyone helped each other out with daily life tasks:

Era uma espécie de pequena aldeia, e quando as pessoas passaram para as residências em propriedade vertical, essas redes, portanto a rua e as condições em que esta rede foi feita, a rua era pouco convidativa, aliás, zonas expectantes deixadas ao abandono e que serviram sobretudo para estaleiros de obra, e, portanto, isto foi um *não lugar*. (22)



Figure 3: Entrance of *antiga Curraleira*



Figure 4: Section of the terrain between *Bairro Horizonte e Bairro Nascimento Costa*



Figure 5: *Bairro Branco* (officially called *Carlos Botelho*)

The immense territories of waste land and the remoteness between the social housing blocks isolates people. The separation and the existence of huge territories of unoccupied place create a striking absence of dynamic and of experiencing public space (HDL+ SAAL, 2015: 35). The disintegrated space constrains mobility and generates a feeling of insecurity which eventually exacerbates a paralysing nostalgia towards an irrevocable past and a population that lives with no future perspectives (26).

To conclude, *dissolution of 'place'* in the neighbourhoods of *antiga Curraleira* and *Picheleira* has triggered the beginning of a downward spiral in the social housing block agglomeration: “Os três primeiros anos depois do realojamento foram de vandalização. Isto viu-se em todos os bairros” (Appendix IV: 22). The phase of vandalism has been followed by irresponsible and antisocial behaviour which has manifested itself in a *NIMBY* (Not in my backyard) attitude:

E, além de não ser um lugar, era também um *NIMBY* (Not in my backyard) – ‘coisas que eu não quero no meu quintal eu mando para ali (...). Ou seja, o realojamento além de não ter tido em consideração as redes de sociabilidade para juntar estas redes também não ligou ao espaço público, não ofereceu melhor espaço público para aquela comunidade. (22)

It goes without saying that isolation and non- responsible behaviour of people has even aggravated resentment between neighbours and thus essentially contributed to the transformation of the neighbourhoods to areas of *advanced marginality*.

3.1. Geographic situation of *antiga Curraleira and Picheleira*

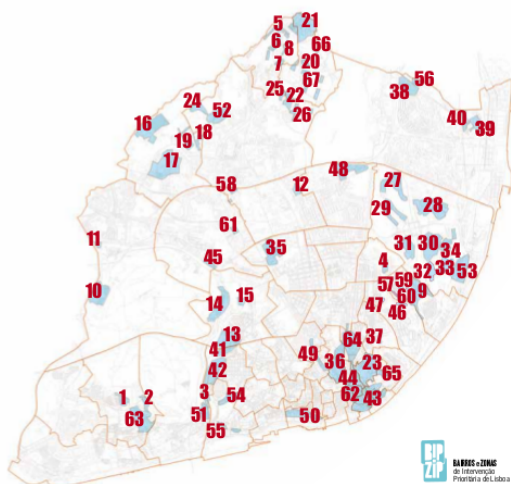


Figure 6: “A carta dos BIP/ZIP de Lisboa” (Costa *et al.*, 2013: 39)

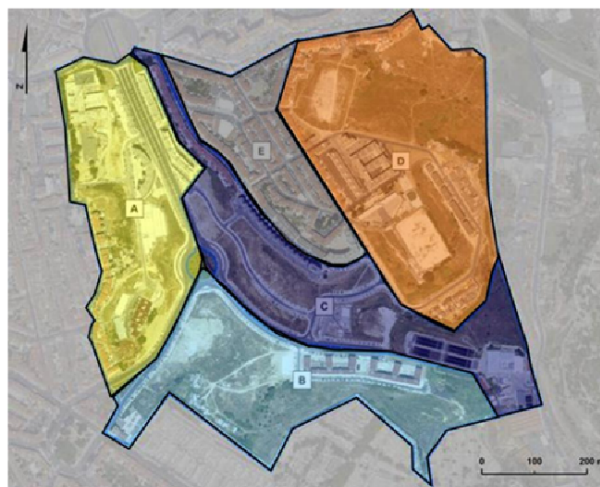


Figure 7: “Imagem 32: Divisão do Território USER por Unidade de Paisagem – Fonte: Grupo Trabalho BIP/ZIP 2014/15USER territory” (HDL+ SAAL, 2015: 37)

47-Horizonte; 46- Quinta do Lavrado; 60-Cooperativas Rua J. Nascimento Costa/ Carlos Botelho; 57- Empreendimento Municipal Carlos Botelho; 59- Empreendimento Municipal Carlos Botelho

A- Horizonte (BIP/ZIP 47); B- Encosta do Lavrado (BIP/ZIP 46); C- Encosta Nascimento Costa (BIP/ZIP 60); D- Carlos Botelho (BIP/ZIP 59); E- Picheleira (BIP/ZIP 57)

The image on the right depicts the agglomeration of five BIP/ZIP neighbourhoods belonging to the USER territory. The urban morphologic barriers that seclude the USER territory physically from the central core of Lisbon are depicted in the following picture. The avenue *Marechal Francisco da Costa Gomes* – a fast road – and the Cemetery *Alto de São João*, further south, constitute a mutual border on the Western side of the former slum *antiga Curraleira*. The blue barrier on the Eastern side is a result of the wide territories of fallow land that segregates the social housing blocks within *antiga Curraleira and Picheleira* from the rest of the valley.

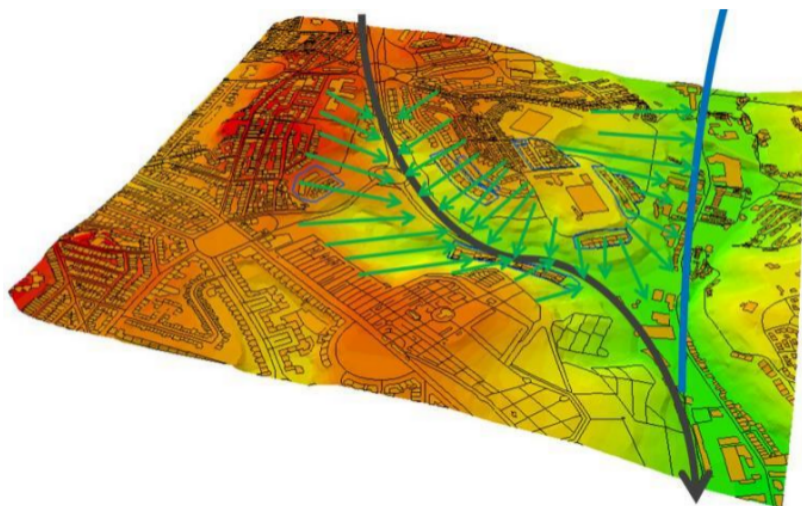


Imagem 13 – Barreiras Morfológicas – Físicas – Fonte: Grupo Trabalho BIP/ZIP 2014/15

Figure 8: “Imagem 13 – Barreiras Morfológicas – Físicas – Fonte: Grupo Trabalho BIP/ZIP 2014/15” (HDL+ SAAL, 2015, 21)

Most of the former slum residents live nowadays in one of the five BIP/ZIPs indicated on the former page. Apart from *Picheleira* and *Horizonte*, the neighbourhoods were only built in the 1990s, in order to replace the ramshackle huts and eradicate the slums from the urban surface of Lisbon. Although the former territory of *antiga Curraleira* is nowadays mainly empty land, it is of great symbolic value for those who lived in the former slum. In terms of territory the former slum neighbourhood, namely *Curraleira*, only represents a small part of the current USER territory, but due to the common backgrounds of a majority of the people, the whole territory is commonly referred to as *antiga Curraleira* and *Picheleira*. Apart from SAAL cooperative of *Horizonte* and the dirt road “*Quinta da Curraleira*” with a farm on the side, that is referred to as “*Quinta do Nelson*”, not much is reminiscent of the past: the former elementary school (*Escola 28*) on the top of *antiga Curraleira*, has been replaced by a skate park. The owners of the *quintas* (farms) that have surrounded the slum and rented land to the slum habitants have been financially indemnified in order to make room for a big roundabout, *Rotunda Vale de Chelas*, and the big road *Avenida Marechal Francisco da Costa Gomes*.

However, some aspects from the past have remained until today, such as the agricultural gardens in *Horizonte* and *Quinta do Nelson*, which still exemplify the ancient life in the slum. *Horizonte* was built within the boundaries of the slum of *antiga Curraleira* in order to reallocate the people that lost their homes in a huge uncontrolled fire in *antiga Curraleira* in 1974. Despite the gardens’ proximity to the big road and the central areas of *Arroios* and *Alameda*, people still culti-

vate vegetables and breed chickens, and some people even have horses. *Quinta do Nelson*, for instance, has a herd of sheep. It is as if time has stopped here, on this nondescript place full of history. The origins of *antiga Currraleira* date back to a late era of industrialisation when many people left the countryside to live in the city: “as origens da *antiga Currraleira* datam aos inícios da industrialização [em 39/40/50], quando começou o grande êxodo rural; ou seja movimentos de imigração do mundo rural para a cidade” (Appendix IV: 23). That explains why the original community stems mainly from the northern rural area of Portugal called *Trás-os Montes*. Although many nationalities from Asia, Eastern Europe and Africa are represented in the school situated within the USER territory, the number of immigrants within *antiga Currraleira* are not significant according to João Queirós: “Há uma população muito variada, africana, da Ásia, da Europa de Leste na escola. Enfim na escola existem 31 nacionalidades, mas (...) [a presença] dos imigrantes [nos próprios bairros] é residual, não é significativo” (23). The Gipsy culture substantially affects the everyday life of *antiga Currraleira* and *Picheleira*. Portuguese gypsies are generally referred to as *ciganos* and have been sedentary in Portugal for about 400 years. Bastos (2012) explains that centuries of discrimination and prosecution have taught Gipsy communities to confine themselves within their own diaspora communities, to not integrate or deny their origins:

Não sabemos [o porquê dessa isolação] por muitas razões e a primeira é que esse mundo, marginalizado, ameaçado de genocídio e reestruturado como uma cultura de sobrevivência, construiu uma tradição de fragmentação interna, de defesa de diferenciação cultural e de secretismo, que se consubstancia na Lei Cigana (Weyrauch, 2001), face a perseguições e acusações sistemáticas e unilaterais. (13)

SC is responsible for better integration of the youth from socially deprived families of *João Nascimento Costa* and, such as many other projects funded by *Programa Escolhas*, it is dedicated to support many Gipsy families and provide specific targeted education related to the importance of school education and the disadvantages of early marriage and pregnancy. School education is often poorly valued among the Gipsy diaspora and therefore disinterest, deficiencies in cognitive development of learning, low attendance and frequent withholding from school result in high rates of school failure and absenteeism (*retenções frequentes* and *abandono escolar*).

Localmente, e muito devido a fatores culturais, continua a existir uma mentalidade de desvalorização de processos educativos e formativos, assim como muitos jovens a abandonarem os seus percursos educativos/formativos, envolvendo-se em trajetórias de informalidade ligada a práticas criminais, que mesmo sendo grupos minoritários têm forte impacto na comunidade. (Appendix VII.: 54)

Although tradition and old customs hamper such educational efforts, SC is optimistic about the positive integration of the *ciganos* within *antiga Currraleira* and *Picheleira*. The everyday life of the Gipsy youth of *João Nascimento Costa* contributes strongly to the street culture of the neighbourhood and does not merely submerge in the system. Morgane Masterman from *Clube*, who forms part of the Radio Curra FM team, has remarked how strikingly Gypsies emphasise that they

are *ciganos*. The video about SC from summer 2016 reflects the Gipsy youth's pride in their community. *Clube* (Clube Intercultural Europeu, 2016) considers that positive identification is a good starting point for a new future image and identification with the whole zone. An example of the extent of the Gipsy culture's role in the neighbourhoods is Nininho, an emerging Portuguese guitar music star who has become a role model for many other teenagers in the neighbourhood, due to his talent and success on Youtube.

3.2. Public initiatives for *antiga Curraleira and Picheleira*

Since 2012, the formation of a BIP/ZIP committee is confronting the stigmatisation of socially deprived neighbourhoods, such as those of *antiga Curraleira* and *Picheleira*, taking into account problems triggered by the hasty rehabilitation programmes. The BIP/ZIP committee intends to break with the stigmatisation and aims to break the poverty cycle by involving the local community to actively contribute to build a new image of their residential environment.

Recusamos chamar-lhes “bairros críticos”, pois assumimos que o papel dos poderes públicos é combater e prevenir as desigualdades, não estigmatizá-las. (...) Propusemos contrapor a essa visão “descendente” uma nova e mais rica visão “emergente”, que partisse dos bairros, das associações e dos cidadãos. Acreditamos que a cidade deve ser feita não apenas para as pessoas, mas sobretudo com as pessoas e pelas pessoas. (Costa *et al.*, 2013: 13)

A diagnostic by *K'CIDADES*, with the objective to tackling the major necessities of the population in *antiga Curraleira* coincides with the launch of the BIP/ZIP programme. Queirós explains how the team of *K'CIDADES* proceeded in order to get the first initiatives for the neighbourhoods started:

A partir deste diagnóstico nós pusemos as ações em marcha, que iam ao encontro as necessidades da população. Passavam por esta requalificação do espaço público e, na altura em que nós começámos, foi uma feliz coincidência: a Câmara lança o programa BIP/ZIP. (Appendix IV: 20)

The BIP/ZIP programme funds requalification projects in BIP/ZIP areas that do not exceed a limited amount of time, generally a year (see Appendix IV: 21). Generally, associations active in a BIP/ZIP neighbourhood can apply for these funds. Due to that short-term approach and an isolated look upon each BIP/ZIP, the BIP/ZIP program cannot solve the problems caused through *dissolution of 'place'* that affect the areas since the implementation of the *PER* re-housing program.

The five social housing neighbourhoods share a common past and have the same origins. The absence of a holistic intervention plan has, according to Telmo Reis – a youth monitor from SC – led to ambivalent opinions regarding the BIP/ZIP program. As we walk together through the zone,

he explains that some of the BIP/ZIP initiatives have been carried out in a rush and that the arbitrary placement of the interventions has not contributed to bringing the neighbourhoods closer together. Pedestrian walks throughout the valley have generally lacked proper illumination and have promoted the feeling of insecurity on the streets. The children's playground does not provide sufficient safety measures and the sand of the sandboxes is not protected and is thus spread all over the path. Telmo emphasises that there are too many parking spaces, exceeding by far demand by inhabitants, many of whom don't possess cars. Likewise, he is sceptical regarding the "intergenerational sk8 park" in *Bairro Horizonte*, doubting that the dull atmosphere of the concrete construction will lure many people here.

The diverging opinions regarding the priorities of intervention and an unclear vision of the future of the neighbourhoods have made collaboration between all its stakeholders (see table 1, p. 34) overdue. In 2014, the BIP/ZIP committee of the CML therefore decided to gather all public stakeholders (institutions, NGOs, associations) that are active within *antiga Curraleira* and *Picheleira* in order to agree on a holistic vision for the future of the areas: "Foi nessa medida, fruto dessa dinâmica que existia, que a Câmara aproveitou para complementar a intervenção naquele território que deu atenção ao programa USER" (1). The European USER guideline tries "link practical proposals to improve uses of public spaces, with general policies and institutional frameworks" (URB ACT, n.d.: 6), and takes into account all relevant factors such as "[o]wnership of public space", "Urban public policies with impact in public spaces"; "Metropolitan governance"; "Financing aspects (investments, renewal and maintenance costs)" and "Urban planning and public spaces". A definition of priorities and the limitation of the intervention areas shall guarantee synergies between all action groups and provide faster results within the neighbourhood. The local action plan for *antiga Curraleira* and *Picheleira* stipulates a gradual rapprochement of all stakeholders, with the final objective of bringing better quality of life to the neighbourhoods:

Começa com a agregação das vontades locais dos parceiros com a ideia de trabalhar em conjunto de forma mais focada e permanente e assim "escalar" de um conjunto de iniciativas ainda algo distantes para um processo de trabalho em cooperação na concretização de uma ideia simples: melhor cidade, melhor espaço público, mais igualdade de acesso aos direitos fundamentais. (HDL+ SAAL, 2015: 6)

The following table (Table 1: GAL group (HDL + SAAL, 2015: 9)) shows the stakeholders that are now being part of the local USER action group:

Grupo de Acção Local (GAL) [Local USER Action Group]:

Executive committee

- *Grupo de Trabalho BIP/ZIP*
- *Junta de Freguesia do Beato*
- *Junta Freguesia Penha de França*
- *Associação Moradores Bairro Horizonte*
- *Associação Viver Melhor no Beato*
- *K'Cidade (SCML)*
- *Fundação Agha Khan (K'CIDADE)*
- *Escola Artística António Arroio*

Extended committee

- *APAURB: Associação Portuguesa de Arte Urbana*
- *ASLX: Associação de Skate de Lisboa*
- *Associação Domus Mater: Associação de Apoio ao Familiar e Doente com Perturbação Obsessivo-Compulsiva*
- *Casa das Cenas*
- *Centro Social Paroquial S. João Evangelista*
- *Clube Intercultural Europeu*
- *Clube Musical União*
- *CNE: Casa Escuteiro, Corpo Nacional Escutas*
- *Agrupamento 760 do Beato*
- *Creche Missão Nossa Senhora (SCML)*

The executive committee supervises the USER process and organises regular reunions. It looks for funding alternatives and applies for new BIP/ZIPs.⁷

3.3. USER objectives and first steps taken

As a first step, the USER guideline aims to frame a concrete vision for the territory and its community in order to transform the fallow land into places of social cohesion (HDL+ SAAL, 2015: 61). With the help of the BIP/ZIP initiatives, USER aims to slowly integrate *antiga Curraleira* and *Picheleira* into central Lisbon. Barriers that segregate and stigmatise the area shall so be overcome in the long run.

⁷ See also interview with João Queirós, Appendix IV: 20.



Figure 9: *Mosaico cultural*, publicity logo designed from the *Formação em Contexto de Trabalho (FCT)* class of Faculdade de Belas Artes Antonio Arroios (FBAUL).

The measures taken so far include planning an event called *USER convida* and the creation of a logo in cooperation with FBAUL, which was planned for the beginning of 2016. The first result is the mosaic logo on top, underpinned by the slogan: “Num mosaico cultural unir é transformar, é fazer um lugar com vida”. Students of the *FCT (Formação em Contexto de Trabalho)* curricular unit visited *antiga Curraleira* and *Picheleira* with João Queirós in order to get a better notion of the challenges the neighbourhood faces. Here the students intended to collect suggestions on how the neighbourhood could be transformed through urban art interventions and how the positive nostalgia of the past connects people but also traps them within poverty patterns.

Apart from the logo, the long-term goal of the *FCT* curricular unit is the development of a website that promotes regular *USER* events and provides a good overview of the whole territory. For the time being, the logo will mainly serve to promote the sequence of events, called *USER convida*, attempting to promote active participation and involvement in the new image building of the neighbourhood. Participation and involvement are fundamental in order to open the territory and diminish symbolic and physical borders, which currently seclude the neighbourhood from central Lisbon. Symbolic borders concern the stereotypes and the negative image of the neighbourhood. Phys-

ical borders concern tangible borders that result from poor connection between the isolated social housing blocks and a high feeling of insecurity. So far, a predominance of residential use of the buildings and the low number of public places has led to an elevated feeling of insecurity and diminishes the feeling of accessibility. The significant ageing population within the USER territory is also a result of poor accessibility and weak economic activity; younger families tend to leave the areas as soon as they can afford to live somewhere else (HDL+ SAAL, 2015). If the USER team manages to augment the feeling of belonging among people living in *antiga Curraleira* and *Picheleira*, the result of urban planning initiatives aiming to re-qualify the area physically in order to overcome spatial segregation and social exclusion will be more successful. As Penide remarks,

O USER, como senti eu, não foi tanto um projeto de requalificação. Há outros projetos, seja o BIP/ZIP, que está a requalificar aquela zona, seja nós com o projeto da Gulbenkian. Mas [o USER] era mais um projeto para unir a comunidade e ...uma possibilidade de dinamizar festas e atividades. (Appendix III, 14)

After all, “the quality of the relationship between the groups that inhabit the city” (Chiodelli, 2012: 488) defines whether a space is *oeuvre* or *produit*:

Thus, when all the groups that inhabit the city (both the ‘dominant’ and the ‘dominated groups’) have a role in the production of space, the city produced is an *oeuvre*. In contrast, when the connection between the generation of urban space and the population of a city in its entirety is broken, the city produced is a *produit* (for instance when the city is produced only by the ‘dominant groups’ in their own image). (488)

Once a good community base is established, urban planning measures and new infrastructures will finally fall on a more fertile ground and can transform the area into a space-*oeuvre* that flourishes and thrives.

3.4. Building a bridge between past and present via vitalising street art

PA-REDES takes street art one step further than *USER convida*: as well as taking into account the community aspect, the project also aims to change the tangible appearance of the neighbourhoods, namely its facades. Foremost, however, *PA-REDES* helps *Clube* to gain a foothold in the neighbourhood and to promote partnerships between the intervening stakeholders. In the long run, Maria Penide envisions *PA-REDES* to become a local community platform to discuss new solutions for the area:

Este projeto também é para nós uma pequena peça de algo maior que queremos criar aqui: pode ser um centro comunitário no futuro. É que nós, as associações, procuramos recursos para trazer mais valias para a comunidade, e há várias organizações a trabalhar e este não é o único projeto que está a intervir aqui. (Appendix III, 14)

Similarly and in alignment with the USER guidelines, *PA-REDES* aims to overcome prevailing resentments between *antiga Curraleira* and *Picheleira*, to strengthen the community and design a more welcoming public space that ends with spatial alienation and its dissuasive appearance:

(...) então a ideia é também fazer um percurso que possa unir os dois bairros. Isto é um projeto social, quer dizer, a ideia é poder abrir isto ao exterior e também ultrapassar muitas imagens negativas que há do exterior. Mas para este bairro é evidente [que é necessário] criar uma outra dinâmica aqui, para que possa haver mais comércio. Mas da nossa parte não há nenhum interesse económico, enquanto isto for um projeto para a comunidade e não para nós. (13)

USER's *festas comunitárias* (community parties) have presented a good platform for *PA-REDES* to collect memories and interact with neighbours. For now, *PA-REDES* is applied in *Carlos Botelho* and *João Nascimento Costa*, but *Clube* hopes that the youth of the surrounding social housing areas will also get involved in future: “Queremos que isto no futuro seja parte duma intervenção muito maior” (14). *PA-REDES* gets the youngest and oldest generations involved through either artistic workshops or retrieval of memories. The strong identification with the past connects the community and is important for its self-esteem as well as that of the vicinity. The memories are the common denominator of the social housing blocks and are passed on from one generation to the other:

Mas o bom é que na verdade isso foi passando geração a geração e há muitas crianças que transmitem as mesmas memórias que os idosos... Mas sim, numa primeira fase nunca pensámos tanto em intervir com pessoas idosas, mas foi ao longo destes meses que sentimos que isso se tornou fundamental. (11)

PA-REDES was launched in the beginning of 2016, in cooperation with *Viver melhor no Beato*⁸ the parish council of *Beato* and the *Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa* (AAAFBAUL). The project received funding through PARTIS by the Gulbenkian Foundation for the duration of eighteen months. A coordinator, a communitarian facilitator and two trainers in the area of visual arts and tourism and marketing will along eighteen months guide the project to independence. After the accomplishment of a five-step plan, *Clube* will leave and ideally *PA-REDES* will carry on through the aid of leader formation by *Clube*. A five-step action plan, with the goals to (i) promote empowerment and participation of community, (ii) offer artistic trainings, (iii) conduct retrieval of memories, (iv) collect creative material from the intervention group and (v) to create an artistic guide and a map, has been designed by *Clube*, in order to achieve the desired results for *PA-REDES*⁹. In the following each point is discussed in more detail.

⁸Associations of residents of Beato.

⁹See also Appendix VIII: 59-61.

1. Promote empowerment and participation of community, through urban arts movement

Space alienation is a phenomenon that results from poor connection of citizens and their environment. *Active citizenship*, equivalent to citizen empowerment, utterly depends on the use of public place. An inviting public place is fundamental for the formation of a community, considering that no individual will be able to change the social housing area substantially in isolation. Apart from the aesthetic aspect, street art works as an excuse to take people out of their homes and to spend time with other people: “Sim, porque a maior parte das pessoas precisam de uma desculpa – como um cão, ou o tempo – para interagir com uma outra pessoa. E isto [a *street art*] vai criar essas desculpas de interação” (Appendix V: 43). Street art and the retrieval of memories is about giving back an image to a community and the *re-appropriation* of alienated space:

(...) e que a arte urbana seja simplesmente um instrumento para trabalhar tudo o mais: para criar espaços mais inclusivos, para trabalhar a identidade das pessoas, para capacitar artisticamente crianças e jovens, e para criarmos uns bairros mais acolhedor, onde as pessoas se sintam mais à vontade no espaço público e sintam que aquilo é mais deles. (Appendix III: 19)

The images below show one of the art lessons with Telmo Alcobia the street artist from *PA-REDES*:



Figure 10: Telmo Alcobia explaining drawing techniques in SC



Figure 11: Children creating stencils in SC



Figure 12: Art lesson in SC

Subsequently, the aesthetic function of street art goes hand-in-hand with the empowerment and participation of the community, while the art lessons and the salvage of memories promote communitarian values through the actual process of creation. Although not every child turns out to be a skilled artist, and not all memories will be transformed into wall paintings, the walls of *PA-REDES* work as a reminder of a common identity that shape the neighbourhood. Once the walls are identified and the street art projects are put into action, temporary exhibitions of individual artists are envisioned and an activation of local economy intends to lead the neighbourhoods to a new self-independence and economic sustainability. Empowerment will go alongside the disruption of stig-

matiation schemes by the police and media. “Se tu procuras na net notícias sobre estes bairros, só há notícias negativas. Então o objetivo é simplesmente trazer coisas positivas: valorizar o espaço, os talentos artísticos que há no bairro, valorizar as dinâmicas comunitárias” (14). As Maria Penide explains *PA-REDES*’ team paves the way for a connection between residents and associations, but is only the beginning of a long-term transition:

Então, é todo um projeto ‘liga te ao bairro’ tal como é um projeto de requalificação. A ideia é mesmo que nós, como associação, consigamos ajudar a criar umas atividades, mas que isto no futuro seja um conjunto. Queremos que isto no futuro seja parte de uma intervenção muito maior.... (14)

2. Offer artistic training and social, community and professional skills

Apart from the promotion of artistic skills, art lessons serve as a way to indirectly work on the social skills of children that often face difficult situations at home or lack role models that stimulate their future dreams. Art lessons are a mean by which children can achieve technical skills, learn to spend time together, to respect material and the place offered to them, to express themselves and to work as a team. “E são algumas aulas, onde eles, além de trabalhar em tudo o que tem a ver com competências artísticas, trabalham também em imensas coisas ao nível pessoal, porque há faltas muito, muito grandes” (Appendix III, 12). In contrast to the school environment, what matters most during the artistic process of *PA-REDES* is the group result. According to Alcobia (Appendix V), the learning approach during *PA-REDES* is less individualistic than in conventional education facilities (schools), children are not graded and teachers not overcharged with work due to too many students in class. He explains, “[o] problema das escolas (...) é que têm muito a tendência a ter um ensino individualizado, não no sentido que estejam a dar atenção ao aluno individualmente, mas no sentido em que os resultados deles são apoiados individualmente, portanto estão a debitar matéria, e estão a ver individualmente os resultados” (32-33). Telmo Alcobia is very concerned about giving personalised advice to each participant, considering that each student has different preferences and role models:

Não posso nunca recomendar um site ou um artista para todos, e neste sentido, vamos ver como o projeto avança. Os murais, então, é aquele momento de desabrochar, porque só o facto que estarem com tintas, em que pintas uma parede para toda a gente e em grande: (...) eles vão ter mais certezas sobre o que gostam de fazer e de que o querem fazer (...). E quando souberem que gostam e o que o sabem fazer bem, eu aí já posso ajudar com dicas (...). (34)

Although the art lessons represent only one small step for the future career of the students, they can be the triggering point for some to continue to follow an artistic or creative path. Telmo

hopes that the art lessons will be decisive in helping awaken the interest of the youth of *antiga Curraleira* and *Picheleira* in order to later continue their artistic path independently.

3. Retrieval of memories of the neighbourhoods

Through a radio program, *Clube* has detected a nostalgic look back on the former environment of fellowship and cohesion that has shaped *antiga Curraleira*. People of the social housing blocks regret the bad image of their neighbourhood (Rádio Curra FM nº3 – As Memórias da Antiga Curraleira”). One of *PA-REDES*’ goals is to transform the nostalgia for the old slum neighbourhood into street art. Street art can eventually work as the bridge between past and present but also give an innovative future outlook.

O CADERNO DAS MEMÓRIAS



Figure 13: Poster from *Clube* to promote the joint moments of memory retrieval

Quando nós fazemos entrevistas com eles, nunca é só falar do passado, mas é pegar nisso e pensar: ‘E no futuro o que é que gostavas que acontecesse no bairro, e como é que este projeto pode ajudar a bairro?’ Nunca nos fechamos só na ideia do passado, porque isto é um projeto de futuro. (Appendix III: 11)

Besides the memories, Maria Penide explains that other positive characteristics, such as the peaceful conviviality between residents with different ethnic and societal backgrounds, will form part of the street art exhibition.

Por exemplo (foi muito lindo), eu estive a falar com os jovens aqui e eles disseram que um mural também podia representar uma coisa muito positiva que nós temos aqui e que queremos que no futuro seja ainda mais forte que é o facto das quatro raças/etnias que moram aqui [poderem estar representadas] num mural, e que, assim, não seja só uma memória, mas uma realidade que quer valorizar o futuro. (11-12)

An assortment of such values, but also marking memories such as the one of a fire that broke out in *Quinta da Curraleira* and killed a father and his daughter, will be the themes of these walls.

4. Collect creative material from the intervention group that defines how to design urban intervention

The leadership potential of some of the neighbourhood’s youth, as well as the strong foundation of memories concerning the life in *antiga Curraleira*, bonds people together. *PA-REDES* determines that urban intervention mostly stems from the people of the neighbourhood, to be sure that people identify with the intervention and protect it from damnification and vandalism. “E aí é que está, quando as coisas são dadas, quando as coisas são fixas, é mais difícil pensar que são nossas” (Appendix V: 39). The formation of leaders in the final phase of the project *PA-REDES* ensures the participation of the local community and the propagation of *PA-REDES* vision for the future of the area will not get lost. For Maria Penide even the involvement of locals in the conduct of the project *PA-REDES* itself is crucial:

Primeiro, para capacitá-los na fase final do projeto, temos previsto uma formação para eles, uma formação como líderes, tanto líderes comunitários como guias, para no futuro poderem ser pessoas que possam colaborar com as organizações que estão cá, porque fazem parte da comunidade. E para nós sempre foi muito importante, inclusive ao nível dos próprios recursos humanos, sempre ter alguém do bairro envolvido, porque são pessoas que já apanharam um percurso e que já conhecem como funcionam estes projetos sociais, e para nós é fundamental que façam parte das equipas ou que possam estar envolvidos, no futuro, em outras atividades. Esta formação pode ser para eles uma forma de capacitação, mas também uma oportunidade de valorizar e de dar força ao projeto, para que o projeto não morra. (Appendix III: 16-17)

The objective is for the tours to be guided by a variety of locals, in order to include different perspectives and interpretations of the street art exhibition:

E a própria pessoa que está a fazer a visita guiada, pode realçar um fator e não outro. Portanto, estas são coisas muito dinâmicas. Se alguém quer perceber [as dinâmicas do bairro] (...) [deve] tentar fazer as visitas guiadas com o máximo de pessoas diferentes possíveis. Porque no meio deles todos vai se construir um *puzzle* mais completo. Porque todos nós somos condicionados a uma perspetiva. (Appendix V: 41)

5. Create an artistic guide and a map for the parish councils and *Turismo de Lisboa*

Before the launch of a real tourism strategy, the main audience will be the interns and trainees *Clube* already receives. Maria Penide points out why their own interns are the most important target:

É evidente que um dos targets mais importantes para nós termos cá, possa ser ao nível para eles replicarem isto noutros países, mas também pela divulgação que eles possam dar a este projeto. Que também é a divulgação que nos interessa. Quer dizer, chegar ao máximo de pessoas. (Appendix III: 18)

One of the objectives of the guided tours is to promote the possibility of replicating their project in other socially deprived neighbourhoods. Rather than merely guiding people through the neighbourhood, the tour guides intend to function as change motivators. That means the tours shall, according to Maria Penide, inspire the visitors to launch similar projects in other socially deprived neighbourhoods.

Eu acho que alguns dos nossos parceiros que visitam Lisboa, e que visitam os nossos bairros, (...) também têm uma situação similar nos seus bairros; e têm alguns jovens com competências e algumas potencialidades a nível da identidade cultural. É tudo sempre com algumas modificações, mas é evidente que pode ser uma ideia que pode ser replicado noutros bairros. (10)

3.5. Street art intervention via gifts in *Quinta do Mocho*

The *GAP* in *Quinta do Mocho* is an already established street art gallery in the county of *Loures* and the parish of *Sacavém e Prior Velho*. It is a social neighbourhood inhabited by about 800 families. Its construction dates back to the 1960s and 1970s, but was later abandoned. After the revolution of 1974, the blocks were occupied by immigrants who had no other alternative places to live in. The set of the partly finished social housing blocks was transformed into a vertical slum, with lots up to ten floors high. An anonymous blogger knows how the former slum looked like and describes it in much detail, while assuming its similarity to many other slum neighbourhoods:

Um bairro de lata em lotes de nove e dez andares, esgotos a escorrer pelas paredes ao lado das parabólicas e da roupa estendida, lixo lançado das janelas para os carros estacionados. Um bairro de lata como os outros, onde abundam as "minorias" e os taxistas nunca querem ir, donde as pessoas não admitem ser e a polícia só vai de G3. (Jugular, 2008)

The rehabilitation programme in the late 1990s profoundly changed previous precarious living conditions, but the negative image and the high delinquency rate of *Quinta do Mocho* continued to be part of its identity. Similarly to *antiga Curraleira* and *Picheleira*, people living here suffered under the *territorial stigma* of the zone. *Territorial stigma* brings personal indignity for the inhabitants of these areas, causes avoidance from outsiders and suspicion within the neighbourhood (Frenzel, 2014: 436). Tomás explains that the media plays an important role in promoting such a stigma and aggravating the situation of isolated communities:

Percecionado como sendo um território associado à delinquência e criminalidade, carrega este estigma em grande parte devido à forma mediática como são relatadas situações relacionadas com crime e delinquência ocorridas neste Bairro, agudizando a percepção de isolamento desta comunidade, de origem maioritariamente imigrante, oriundos de Países como Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Guiné e Moçambique. (Tomás, 2015: 69).

Media titles such as “Um jovem morto e cinco feridos em tiroteio na Quinta do Mocho” (*Expresso* 2008), “Agente da PSP ferido em desacatos na Quinta do Mocho já teve alta” (*Sol*, 2011), “Jovem de 20 anos esfaqueado nas costas na Quinta do Mocho” (*Público*, 2011), “Detido suspeito de homicídio na Quinta do Mocho” (*Correio da Manhã*, 2013) and “Um morto e um ferido grave na Quinta do Mocho” (*DN*, 2014^a) suggest the negative public image that has shaped *Quinta do Mocho*. They all include keywords such as fear, tension, death, or murder.

Since 2014, *Quinta do Mocho* belongs to the intervention area of *Câmara Municipal de Loures*, which has decided to take action and work on the social integration of the neighbourhood. With the aim to show the neighbourhood to the world and to bring the world to the neighbourhood (“mostrar o Bairro ao Mundo e trazer o Mundo ao Bairro”) a three-day festival, named “o bairro I o mundo” 2nd edition was launched in October 2014. The festival was a co-produced by the municipality of *Loures* and *Teatro IBISCO (Teatro Inter Bairros Para a Inclusão e Cultura do Otimismo)*. Six street art works inaugurated the *Galeria de Arte Pública (GAP)* Today, *GAP* in *Quinta do Mocho* is the biggest open street art gallery in Portugal. In 2015, fifty paintings already decorated the facades of *Quinta do Mocho*. In a guided street art tour¹⁰ through *Quinta do Mocho*, provided by volunteering residents of the social housing neighbourhood, I learnt that the facades were painted by national and international street artists. Coelho, a councillor of the municipality of *Loures*, con-

¹⁰ Taking place every last Saturday of each month.

firms that some even originate from the council of *Loures*. While the street artists are free to paint what they want, the exhibited works are supposed to be addressed to the community living there:

(...) pelo menos no *Mocho*, há sempre uma relação com o próprio bairro. Porque o que acontece muitas vezes, é que os artistas vêm uns dias antes, estão ali, convivem com as pessoas, jantam e almoçam nas casas deles quando são convidados. E, portanto, quando conhecem a história do bairro, e quando fazem a sua obra, tem sempre alguma relação direta ou indireta com o bairro. (Appendix VI: 47)

One of the local tour guides states that the walls have brought hope to people that have so far never thought positively about their own neighbourhoods. People initially reacted suspiciously to the idea of bringing street art to their neighbourhood, in part because their relationship with the old executive board of the municipality and *Quinta do Mocho* was practically non-existent according to Coelho:

(...) a relação da Câmara com os moradores era quase nula e, portanto, os problemas cresciam e as promessas que eram feitas não se cumpriam. Nós temos por lema não fazermos promessas, vamos construindo soluções (as possíveis com as pessoas) e dizendo sempre a verdade: ‘Isto é possível fazer, isto não é possível, nós não temos verba para isto, talvez daqui um ano se faça.’ Portanto [falamos] sempre ‘com verdade’, e só falamos daquilo que temos a certeza que podemos fazer. (48)

However, their curiosity awakened once they saw the first paintings, and they eventually understood that it would change their neighbourhood for the good (Arte Pública Loures, 2014). A local tour guide who speaks in a video that promotes the locally guided tours through *GAP analyses* in detail how the street art managed to trigger a virtuous circle of positive dynamics:

(...) as pessoas que vêm dos bairros sociais, falando do meu neste caso, não acreditam muito no positivismo.. ehm....esperam muito mais o negativismo neste caso. Quando viram as pinturas ficaram impressionados, ehm...as pessoas começaram a se perguntar ‘o que vai acontecer nesta parede, o que vai acontecer naquela, qual é a mensagem que tem(...) então isto foi criando uma dinâmica positiva no contexto de as pessoas poderem ter a autoestima de acreditar que é possível também o nosso bairro ser visto positivamente. (Gotofilms, 2014)

Coelho (Appendix VI) confirmed in our interview that the atmosphere has indeed improved and has brought hope to people that finally came to the conclusion that things could change for the good: “havia problemas sérios. Havia ambientes às vezes difíceis, e de facto o ambiente melhorou. Porque as próprias pessoas perceberam que era possível ter uma imagem, criar um ambiente diferente do que aquele que existia.” Finally, the dialogues and conversations with people on the street, in cafés and elsewhere have enabled street artists to transform the fears, hopes and inspirations of residents into street art that reflects the neighbourhood’s identity. Canvases as big as the ones in *Quinta do Mocho* provide a unique chance for the artists to show their skills and contribute to the artist’s reputation. For *Loures*, the revaluation of the area is beneficial. Coelho confirms that the loc-

ation of *Quinta do Mocho*, close to the airport, is a junction for business and she hopes that a better reputation of the area will attract new firms and hence bring new employment possibilities:

Esta zona já foi, e ainda é uma zona a volta da cidade de Lisboa onde a indústria era muito importante. Enfim com a crise e com a alteração do que vêm da indústria hoje em dia houve alguns excrementos [termo inaudível] das grandes fábricas que deixaram de existir. Mas esta é uma zona estratégica e, portanto, as atividades económicas têm muita importância para o município. As atividades económicas criam emprego, nós precisamos que as pessoas trabalhem. (Appendix VI: 46)

The open street art gallery in *Quinta do Mocho* is a role model for showing how street art has succeeded in bringing a marginalised urban neighbourhood back on the map and in improving the neighbourhood's image. Since 2015, *Carris*¹¹ stops within the neighbourhood and thus facilitates transport for people living here, helping overcome physical borders and *territorial stigma*. The councillor Maria Eugénia Coelho enthuses about travel agencies that bring their tourists here, and sees business opportunities in future partnerships between local associations and tourist agencies happening in future (7). The next step will be producing souvenirs, such as pins and postcards that can be sold to visitors from all over the world (6). In brief, the open street art gallery in *Quinta do Mocho* shows how street art offers a possibility to bring tourism to a marginalised neighbourhood without exposing the local community itself to the tourist gaze. Despite similar objectives, such as overcoming *territorial stigma* and re-appropriating urban space through arts, both approaches differ fundamentally and merit a deeper comparison.

3.6. *PA-REDES* and *GAP* in comparison

Generally speaking, both street art interventions are oriented towards Lefebvre's understanding of art "at the service of the urban" (Lefebvre, 1996: 173) and align with Visconti's conditions of "street democracy" (Visconti *et al.*, 2010: 10). Both interventions distance themselves from graffiti and rather aim for collective appropriation of the urban space in which they are implemented. While street artists long for deeper impact with longer reaching consequences, the graffiti sprayer is especially dedicated to the proliferation of his tagging name (Hughes, 2009). Street art transmits a message that generally aims to awaken the consciousness of "numbed dwellers" (Visconti *et al.*, 2010: 11) on social injustice, prejudice or global matters. This understanding conforms to Lefebvre's understanding of art as a revolt against "passive resignation" (1996: 157). In relation to the specific cases of *PA-REDES* and *GAP* in *Quinta do Mocho*, that means revolting against the mono-functional dwelling purpose of the social housing neighbourhoods, path-dependency and the social stigma attributed to each area by the media. The municipality of *Loures* and *Clube* hope that the im-

¹¹ Local bus line.

plementation of street art will in the long run break symbolical borders caused by fear, suspicion and prejudice and stimulate local commerce, either through attracting new firms or through tourism and local commerce. Rather than simply “prettifying urban space with works of art” street art serves in both cases as a means for “appropriation of space and time” (173).

As regards the definition of street art by Visconti *et al.* involving transforming “anonymous space” into “consumed space” (Visconti *et al.* 2010: 2), to provide a “meaningful experience of a given site” (Visconti *et al.* 2010: 2), the theorist considers street art as inseparable from “street democracy” (10). Any urban art intervention that wants to be defined as street art, in his view, must provide “active and collective participation in the design and use of cityscapes”, as Visconti develops further:

The ideology of street democracy demands active and collective participation in the design and use of cityscapes. It refuses both the excesses of the appropriation of public space by single individuals and the lack of conscious consumption. This is the idea of street democracy, since it relates to the set of rights and duties that citizens have in democratic political settings. These artists acknowledge the right of collectively consuming public space as a collective good, while calling for participation, responsibility, and planning from its entitled owners. (10)

Despite all these generic similarities, there are also fundamental differences in both interventions. According to Visconti (2010: 11) street art can “enchant” public sites in two ways. “Enchanting Urban space via gifts” is characteristic for *GAP*’s approach in *Quinta do Mocho*, while “Enchanting urban Space via Vitalising” seems to fit better with the approach of *PA-REDES*. The following table summarises the key characteristics of each approach.

Street artists that aim to enchant Urban Space via Gifts: (Visconti *et al.*, 2010: 11) **Street artists that aim to enchant Urban Space via Vitalizing:** (Visconti *et al.*, 2010: 11)

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ “[A]waken psychically numbed dwellers and reconnect them with a pleasurable consumable environment [through] ‘hierophanic’ gifts”. ▪ “[S]urprise the community”. ▪ “Sensual seduction” through “urban landscapes and the connected aesthetic experience of consuming more memorable and pleasurable places (...)”. ▪ “[M]itigate the loss of entitlement to the consumption of public space caused by dominating market logics and self-oriented behaviours” through street art. | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Stimulate “vitality and enjoyment”. ▪ “[A]waken the collective consciousness of sleepy dwellers and acknowledge the various reactions (from strong support to open contestation) that the same intervention may evoke from different audiences”. ▪ Encourage dwellers to be “critical readers as well as active authors of street art texts and thus to react by completing artists’ work so as to fulfil a sense of collective identity and belonging to shared space”. ▪ Create “a form of presumption, which may be intentionally stimulated by artists at the very inception of their creative act”. |
|---|---|

In both cases, artists prioritise the symbolical value of their art over mere self-manifestation, as common in the graffiti movement. Maria Penide from *Clube* emphasises the appropriation value of the street art intervention, making clear that appropriation of common space is more important than painting something “pretty”:

(...) não é simplesmente uma artista de arte urbana que vem para pintar uma coisa linda mas que nada tem a ver com a comunidade. (...) a ideia deste projeto é que nós nunca vamos pintar nada até ter aquelas imagens que a comunidade quer ver lá. E essas imagens são algo muito pessoal, tem a ver também com a apropriação do espaço público. (Appendix III: 13)

In contrast to *PA-REDES*, street art in *GAP* is painted by highly professional artists who are generally well known in the street art scene. *GAP* however does not so much intend to stimulate or empower its own residents to paint, but rather focuses on surprise and the aesthetic value of the arts. While unauthorised interventions in *Quinta do Mocho* are unlikely to happen (Coelho, 2016), *PA-REDES* actively promotes the empowerment of new local artists. Regarding the high standard of the arts that decorate the walls in *Quinta do Mocho*, it is almost absurd to believe that an individual, no matter how talented, could actually reach the same level and get an authorisation from the municipality of *Loures* to paint. However, artistic empowerment is on the agenda of the municipality of

Loures for *GAP* (7) in comparison to *PA-REDES*, though it's clearly not a priority. Telmo from *PA-REDES* is convinced that street art by internationally acknowledged artists in *PA-REDES* would be counterproductive to the empowerment of the community, because it would intimidate the younger talents of the neighbourhoods. “[M]as o que nós não queremos é que venha alguém de fora com 10 anos de murais e muita técnica, fazer um mural para depois os residentes dizerem ‘Opá ele pinta melhor do que eu, eu não vou pintar.’ O que nos interessa aqui é a voz das pessoas.” (Appendix V: 37). *PA-REDES* has no place for promoting artists to fame, and rather than beautifying the area through mind-blowing pieces of street art, its principal aim is not to establish an urban art gallery but to teach through arts: “Isto também é a ideia do projeto: intervir no nível social através de práticas artísticas” (Appendix III: 12).

The future local tour guides in *antiga Curraleira* and *Picheleira* can discuss the different approaches in order to launch a moving debate with the group and ask visitors which method they consider more effective in transforming the socially deprived neighbourhood. After all, both strategies have their weak points. The famous artists in *Quinta do Mocho* undeniably come for building up their own reputation; community building is often only secondary. Most artists do not stay longer than a week, meaning they have generally not much time to be in deep contact with the local community. *PA-REDES* will however less likely create the same online buzz around the local and amateur street arts in *antiga Curraleira* and *Picheleira* as *GAP* in *Quinta do Mocho*. Tourists will therefore not come on their own initiative and *PA-REDES* has to develop a clear tourism strategy that draws the attention of specific target groups like slow travellers and *reflexive tourists*.

II. Conclusion

The USER territory in *antiga Curraleira* and *Picheleira* is a group of five neighbourhoods of priority intervention (BIP/ZIP) that suffer under a condition of *advanced marginality* due to past poor or badly conducted urban planning measures. The residents of the area need support to commonly re-appropriate the zone, gain a new future vision for their neighbourhood and overcome territorial stigmatisation, *dissolution of 'place'* (Wacquant, 2007), spatial alienation and a paralysing nostalgia towards the past. During my internship at *Clube*, I had the chance to conduct *participant observation* and understand current dynamics in the area of *antiga Curraleira* and *Picheleira*. On understanding why nostalgia has such a profound effect on the residents, I came to the conclusion that guided tours throughout the neighbourhood should delve into global issues, such as Europeanisation and rational economic decisions in housing politics. However, they must also emphasise what is currently being done to overcome residents' non-identification with their neighbourhood and stress the potential value of the neighbourhood, in order to create a more positive future outlook. Chapters one, two and three provide the context, theory and an overview of current initiatives in the area.

On one hand, there is a local action group, formed by several associations, NGOs and public institutions, that with the help of the municipality of Lisbon, implements a European strategy called USER for *active citizenship*. On the other hand, there is the current street art initiative *PA-REDES* by *Clube*. *PA-REDES* aims to build a bridge between the past and present of the neighbourhood through street art, collecting memories of the local population and training the younger generations in painting and street art. The main goal is to show the local community how to re-appropriate their neighbourhood through art. Art shall become the excuse to unite people on the streets, reclaim the poorly used public space and lure outsiders into the area and thus overcome the current dull atmosphere of mono-functional social housing blocks. Last but not least, *PA-REDES* envisions the training of local tour guides who can additionally promote the area elsewhere. *Clube* does not consider street art the main attraction of the tours, but rather envisions a tour that informs about past and present, distinct characteristics, traditions, hopes and aspirations. Such themes are considered to contribute to rebuilding a stronger identification with the area and to the *re-appropriation* of alienated urban space. The tour guide training is however the last point on *PA-REDES'* action plan. The motivations for the tour were therefore still very general and at the time of my internship, it was not a priority for the *Clube* team to specify the objectives of the tour. I had difficulties in understanding the relationships among the different neighbourhoods, ethnics and cultures residing in *Clube* by my-

self, and therefore decided to design a tour concept that allows the visitor to understand the broader societal context of socially deprived and alienated housing neighbourhoods. That also explains the strong component of theory in this practice-oriented work.

Due to social controversies regarding the establishment of tourism in socially deprived neighbourhoods, *No-go areas* (Frenzel, 2014) or ghettos, it is very important to develop the tour strategy with diligence and to define a suitable target. Tourism can help the neighbourhood to become more accessible, lure new business and stimulate local commerce if it makes sure that it is not contributing to the consolidation of social and *territorial stigma* (Wacquant, 2007). It is important that the tour narrative is not feeding a fantasy about the authentic life in a former slum neighbourhood or relies excessively on misery or precarity. In other words, a sustainable tour concept for the neighbourhood has to guarantee that people come with the expectation of learning about the transformation of alienated urban space, *active citizenship* (URB ACT, n.d.) and street art. The tours are intended to continue long-term and as soon as *territorial stigma* is overcome and the neighbourhood is well integrated into central Lisbon, they will still serve as a platform that teaches neighbourhood participation, the social impact of street art and the importance of future visions and a neighbourhood community.

From the start, my research has been driven by the objective to offer an alternative to slum tourism. Therefore, I have not outweighed the positive and negative impact of slum tourism but I have rather departed from the assumption that the tourist's expectation to see poverty, misery or precarity is counter-productive for a neighbourhood that intends to overcome *territorial stigma*. The tourist who comes should come with the expectation to learn about transformation of alienated urban space, *active citizenship* and street art. In brief, a tour through a socially deprived neighbourhood has to promote a positive and hopeful image which is eventually able to run off on the local community of *antiga Curraleira* and *Picheleira* and trigger a virtuous circle of idea exchange, *active citizenship* and identity building. The visitors and tourists who come should understand the origins that have caused or contributed to the current difficult situation in order to have a common ground from which they can start discussing and exchanging ideas.

The development of a moving debate is the ultimate goal of the tour strategy developed in this work. Rather than just consuming the tours, the visitors are encouraged to participate actively in the building of a new vision for the revitalisation of the whole zone. Throughout my work, I provide three thematic anchors that serve as a departure point for a moving debate: *advanced marginality* (Wacquant, 2007), *the right to the city* (Lefebvre, 1996), and street art. The first theme puts the case of *antiga Curraleira* and *Picheleira* in a wider global context and eventually helps the visitor to

draw connections to similar situations in his home country. The sociologist Wacquant has detected a general Western tendency of *advanced marginality* that nowadays concerns many of the former working class neighbourhoods and is part of the retrenchment of the welfare state, the decay or commercialisation of urban cores and neoliberal politics, which subject urban planning to rational growth models. In the case of *antiga Curraleira* and *Picheleira*, rash decisions in social housing politics have led to devastating consequences for the former community, reliance and sociability networks. The monofunctional design of the housing blocks has provoked isolation and spatial alienation of its residents. The second thematic stands for a *re-appropriation* theory of urban space through *active citizenship*. It is a visionary term that stems from Lefebvre and includes the rethinking of the urban in order to achieve an urban environment that is shaped by *assembly*, *simultaneity* and *encounter* (Lefebvre, 1996).

Street art is attentive to the practical implementation of re-appropriating urban space. Street art will also be the central theme of the tours due to the recent implementation of the street art project *PA-REDES*. The comparison to the street art intervention in *Quinta do Mocho* shows an alternative approach to *PA-REDES* and is not as direct in terms of community empowerment as *PA-REDES*. Finally, this demonstration of an alternative approach intends to open the way for a discussion about the power of bottom-up initiatives and the necessity of public institutions as initiators for the rehabilitation of alienated urban communities.

These three themes will offer a generic response to the initial research question that is also a central theme in the *PA-REDES* initiative: What are the underlying societal causes that have led to the strong nostalgia and identification with the past and how can they be transformed into a more positive attitude regarding the future? *Advanced marginality* is one way to explain strong nostalgia towards the past, whereas *the right to the city* and street art in its applied form depict a solution approach for a more optimistic attitude towards the future. Street art can help to overcome the strong nostalgia that nowadays hinders the community from re-appropriating the area and identifying with it. Exemplified through the initiatives for *active citizenship* in *antiga Curraleira* and *Picheleira*, the tour is a platform to reflect commonly on better strategies regarding the consumption of urban space and the rebuilding of neighbourhood communities.

By all means, the tour approach is a very specific one and is very unlikely to become part of a short sightseeing trip through Lisbon. This is however envisaged and considered in the definition of the tour target: *Clube* does not look for the conventional leisure-seeking post tourist, but must

principally target travellers who come with time to engage with the local community. Travelling with time also means searching for experiences that allow self-transformation and open possibilities for new ways of acting. On tours through the marginalised area of *antiga Curraleira* and *Picheleira*, the visitor is able to deconstruct stereotypes concerning marginalised urban areas and may even come up with new ideas about active *re-appropriation* (Lefebvre, 1991) of urban space. Similar to an architecture model, the tours aim to facilitate the envisioning of a better future. Put simply, *Clube* can find the slow and *reflexive tourist* (Mkono, 2007) among his own interns. Erasmus+ students generally stay for a minimum of three months and actively engage with local NGOs or other social projects. Eventually they can promote the model of *PA-REDES* in other socially deprived neighbourhoods during their internships with Erasmus and therefore contribute to *PA-REDES'* goal of promoting their model of urban re appropriation through street art. Once the local tour guides have gained experience and confidence in the tours, other slow and reflexive travellers can be the next targets. It is important that the neighbourhood is opened with diligence, and adapts to the reactions of the local community. Regular consultations with local tour guides and community members will prevent resentment regarding the tours.

There must also be an evaluation on whether the tours contribute to the community's efforts to improve the neighbourhood's reputation. Since this tour strategy has not been tested yet by local tour guides, it will certainly need future adjustments. So far, I have been the only person to take *Clube* interns on a tour, but since I am not a local, the tour is not representative and therefore only documented in the appendix. Nevertheless, my tour has provided some first clues about the time needed to walk through the neighbourhood and the neighbours' positive acceptance of people that come to learn about the rehabilitation programmes and the current initiatives that are undertaken in the zone. The tour made me confident that the future tours are feasible and accepted by the community. However, only the locally guided tours will determine the success of the tours and their impact on the local community. Surveys will reveal whether visitors felt involved, whether they were able to learn from the current initiatives running in *antiga Curraleira* and *Picheleira* and whether they could imagine similar strategies in their home countries or other socially deprived neighbourhoods around Lisbon. Likewise, the experience of the tour guides must be evaluated.

In brief, the development of a new tour strategy has only started with this work and further research must still evaluate the theoretical approach to the tours given here. The major objective of this work has been to demonstrate that tourism through a deprived social neighbourhood is possible without intruding on the day to day life of the residents or without stigmatising the neighbourhood. I assume that the principal reasons for visiting a marginalised area can be the willingness to learn

about *re-appropriation* of public space through arts and the importance of reliance networks for the common performance of *active citizenship*. This assumption must be verified and tested in the field.

III. Bibliography

- Aalbers, M. B.; Kenneth, G. "Housing and the right to the city: introduction to the special issue." *International Journal of Housing Policy* 14.3 (2014): 207-213. Print.
- Alves, S. "Welfare State Changes and Outcomes – The Cases of Portugal and Denmark from a Comparative Perspective." *Social Policy & Administration* 49.1 (2015): 1–23. Print.
- Alves, A. R. Lopes. *Para Uma Compreensão Da Segregação Residencial: O Plano Especial de Realojamento e o (Anti-) Racismo*. Thesis. Universidade Nova de Lisboa, 2013: 1-157. Print.
- Augusto, N. M. "Habitação Social – Da Intenção de Inserção à Ampliação da Exclusão." *In Actas do IV Congresso de Sociologia da Associação Portuguesa de Sociologia*. (2000): 1-18. Print.
- Bastos, J. G. Pereira. *Portugueses Ciganos e Ciganofobia em Portugal*. Colibri/ CEMME Centro de Estudos em Migrações e Minorias Étnicas. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- Universidade Nova de Lisboa: N.p., 2012. Print.
- Bernasconi, R. "The Ghetto and Race." *A Companion to Racial and Ethnic Studies*. Oxford: Blackwell (2002): 340–347. Print.
- Câmara Municipal Loures. "Arte Pública Loures." *Arte Pública Loures*. Câmara Municipal Loures. 2014. Web. Accessed: 8 June 2016. <<http://www.cm-loures.pt/Media/Microsite/ArtePúblicaLoures/Index.html>>
- Clube Intercultural Europeu. "Sementes a crescer". Online Video clip. *Youtube*. Youtube, 21. July, 2016. Web. Accessed: 21. Oct. 2016. Web. <https://www.youtube.com/watch?time_continue=2932&v=U0Vm0vtFGB4>.
- Costa, A.; Roseta, H.; Coutinho, B.; Jacobetty, L. "Dentro de Ti Ó Cidade." Câmara Municipal de Lisboa. 18 Jun – 27 Jul. 2013. Web. Accessed: 31 Dec. 2015. <<http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1372236607V3aCE0ce2Cd99EY7.pdf>>
- Brun, J.; Rhein, C.; Bernand, C. *La ségrégation dans la ville: concepts et mesures*. Paris: Editions L'Harmattan, 1994. Print.
- Bryman, A. *Quantity and quality in social research*. New York: Routledge, 2003. Print.

- Chabbert, M. "The Modern City as an Oeuvre: Theory and Practice of The Production of Space in Henry Lefebvre's 'Intellectual Activism' and European Street Art." *FORUM: University of Edinburgh Postgraduate Journal of Culture & the Arts* 21. (2015): 1-12. Print.
- Chiodelli, F. "Planning and Urban Citizenship: suggestions from the Thoughts of Henri Lefebvre." *Planning Perspectives* 28.3 (2013): 487-494. Print.
- Correio da Manhã. "Detido suspeito de homicídio na Quinta do Mocho." *Correio da Manhã*, 15 July 2013. Web. Accessed: 15 Aug. 2017. <<http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/detido-suspeito-de-homicidio-na-quinta-do-mocho>>.
- Cummins, I. "Reading Wacquant: social work and advanced marginality." *European Journal of Social Work* 19.2 (2015): 263-274. Print.
- Dickinson, J. E., Lumsdon, Les M.; Robbins, D. "Slow travel: issues for tourism and climate change." *Journal of Sustainable Tourism* 19.3 (2011): 281-300. Print.
- DN – Diário de Notícias. "Um morto e um ferido grave na Quinta do Mocho." *Diário de Notícias*. N.p., 08 Feb. 2014. Web. 15 Aug. 2016. <<http://www.dn.pt/portugal/sul/interior/um-morto-e-um-ferido-grave-na-quinta-do-mocho-3676811.html>>.
- Expresso. "Um jovem morto e cinco feridos em tiroteio na Quinta do Mocho." *Expresso*. 17 Aug. 2008. Web. Accessed: 15 Aug. 2016. <<http://expresso.sapo.pt/actualidade/um-jovem-morto-e-cinco-feridos-em-tiroteio-na-quinta-do-mocho=f391109>>.
- Frenzel, F. "Slum Tourism and Urban Regeneration: Touring Inner Johannesburg." *Urban Forum* 25 (2014): 431-447. Print.
- Frenzel, F. "Slum tourism in the context of the tourism and poverty (relief) debate." *Die Erde, Journal of Geographical society of Berlin* 144.2 (2013): 117-128. Print.
- Fundação Calouste Gulbenkian. "PARTIS". *Programas Gulbenkian*. Fundação Calouste Gulbenkian. Web. Accessed: 03 Jan. 2016. <<http://www.gulbenkian.pt/inst/pt/Fundacao/ProgramasGulbenkian/DesenvolvimentoHumano?a=4965>>
- Gotofilms. "Espaços & Casas 297, Quinta Do Mocho." Online video clip. *Youtube*. Youtube, 12. Dec. 2014. Web. Accessed: 3 Jan. 2016. <https://www.youtube.com/watch?time_continue=143&v=FOHZSRXCAiI>.
- Guerra, I. "As Pessoas Não São Coisas Que Se Ponham Em Gavetas." *Sociedade e Território* 20 (1994): 11-16. Print.

- Harvey, D. "The right to the city." *New Left Review* 53 (2008): 23-40. Print.
- HDL+ SAAL – Câmara Municipal de Lisboa. "HDL- Habitação e Desenvolvimento Local, and SAAL Vale de Chelas." *Câmara Municipal de Lisboa*. 2015. Web. Accessed: 30 Dec. 2015. <<http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1448037178K3iDF2tk1Jd67RF2.pdf>>
- Hughes, M. L. *Street Art & Graffiti Art: Developing an Understanding*. Thesis. Georgia State University, 2009. Print.
- Jugular. "a propósito de direitos e deveres e mais umas coisinhas, sai enlatado." 9 de Abril de 2008 – *jugular*. Web. Accessed: 08 June 2016. <<http://jugular.blogs.sapo.pt/2008/04/09h/>>
- K'CIDADES. "Programa de desenvolvimento comunitário." *Facebook*, Facebook, (n.d.) Web. Accessed: 12.01.2016. <<https://www.facebook.com/KCIDADE-Programa-de-Desenvolvimento-Comunit%C3%A1rio-Urbano-168916363769/about/>>
- Lefebvre, H. *Writings on Cities*. Eds. and Trans. Kofman, Eleonore; Lebas, Elizabeth. Oxford: Blackwell, 1996. Print.
- Lefebvre, H. *The Production of Space*. Trans. Nicholson-Smith, D. (1974). Oxford: Blackwell, 1991. Print.
- Likic-Brboric, B. "EU Enlargement, Migration, and Asymmetric Citizenship: Political Economy of Inequality and the Demise of the European Social Model?" *Globalizations* 8.3 (2011): 277-294. Print.
- Lumsdon, Les M.; McGrath, P. "Developing a conceptual framework for slow travel: a grounded theory approach." *Journal of Sustainable Tourism* 19.3 (2011): 265-79. Print.
- Mkono, M. "The Reflexive Tourist." *Annals of Tourism Research* 57 (2016): 206–219. Print.
- Nilsson, J. H.; Svärd, A.C.; Widarsson, A.; Wirell, T. "'Slow' destination marketing in small Italian towns." *16th Nordic Symposium in Tourism and Hospitality Research* (2007): n.p. Print.
- Pereira, G. M. "SAAL: Um Programa de Habitação Popular no Processo Revolucionário1." *Revista da FLUP* (2014): 13–31. Print.
- Pordata. "Reclusos Condenados: Total e Por Categoria de Crime – Portugal." (2015). Web. Accessed: 21 Apr. 2016. <<http://www.pordata.pt/Portugal/Reclusos+condenados+total+e+por+categoria+de+crime-274>>.
- Programa Escolhas. "O que é o Programa Escolhas." *Apresentação*. Programa Escolhas. n.d. Web. Accessed: 10 Feb. 2017. <<http://www.programaescolhas.pt/apresentacao>>.

- Público. “Jovem de 20 anos esfaqueado nas costas na Quinta do Mocho.” *Público*. 18 Aug. 2011. Web. Accessed: 15 Feb. 2016. <<https://www.publico.pt/2011/08/18/local/noticia/jovem-de-20-anos-esfaqueado-nas-costas-na-quinta-do-mocho-1508117>>.
- SOL. “Agente da PSP ferido em desacatos na Quinta do Mocho já teve alta.” *Sol*. 6 Aug. 2011. Web. Accessed: 15 Aug. 2016. <<https://sol.sapo.pt/noticia/25843/agente-da-psp-ferido-em-desacatos-na-quinta-do-mocho-j%C3%A1-teve-alta>>.
- Siggelkow, N. “Persuasion With Case Studies.” *Academy of Management Journal* 50.1 (2007): 20-24. Print.
- Small, M. L. “‘How many cases do I need?’” *University of Chicago* 10.1 (2009): 5-38. Print.
- Tagiew, R. “The Economy of Internet-Based Hospitality Exchange.” Cornell University Library. (2015). Web. Accessed: 20.08.2016 <<http://arxiv.org/abs/1501.06941>>.
- Tomás, H. M. Correia Batista. *A Gestão Pública como instrumento de combate à estigmatização e sentimentos de (in)segurança nos Bairros Sociais Estudo de Caso: Bairro de Habitação Social ‘Quinta do Mocho.’* Lisboa: Instituto Superior de Gestão, 2015. Print.
- URB ACT. “USER Changes and conflicts in using public spaces Baseline Study.” *URB ACT*, European Union. n.d. Web. Accessed: 12. Dec. 2015. <http://urbact.eu/sites/default/files/import/Projects/USER/outputs_media/baselineUSER_01.pdf>.
- Visconti, L. M. *et al.* “Street Art, Sweet Art? Reclaiming the ‘Public’ in Public Place.” *Journal of Consumer Research* 37 (2010): 1-19. Print.
- Wacquant, L. “Territorial Stigmatization in the Age of Advanced Marginality.” *Thesis Eleven* 91.1 (2007): 66–77. Print.
- Wacquant, L. *Urban outcasts: A comparative sociology of advanced marginality*. Cambridge: Polity, 2008.
- Wittle (@wittleart). “fotos e vídeos do Instagram.” *Instagram*. Instagram. n.d. Web. 14 Feb. 2017. Accessed: <<https://www.instagram.com/wittleart/?hl=pt>>.
- Żemła, M. “Value Co-Creation and Competitiveness of Tourism Destinations.” *Folia Turistica* 25.1 (2011): 283-297. Print.

Interviews

Appendix II: Rodrigues, Camila (2015): “O projeto SAAL”, Recipient: Mirijam Krebber. E-mail

Appendix III: Penide, Maria. Personal Interview. 14. June 2016.

Appendix IV: Queirós, João. Personal Interview. 7 Dec. 2016.

Appendix V: Alcobia, Telmo. Personal Interview. 7 Nov. 2016.

Appendix VI: Coelho, Maria Eugénia. Personal Interview. 30. June 2016.

Appendix I

Website Interactive map

Due to the practical orientation of this work, I have created an interactive map, accessible on the website: <https://antiga-curraleira.indie.host/en/antiga-curraleira/>. The website is not ready yet but the objective is to provide the visitor with an overview on the existing places and neighbourhoods. The interactive map enables the visitor to click on each indicated spot and get some basic information. In total, I indicate 23 points that serve as potential stops during the future local tour guides and on a better accessibility of the area for outsiders. Apart from the interactive map, the first page of the website, named 'overview' also disposes of a photo gallery, which provides a first impression on the territory. The pictures were taken during the first tour through *antiga Curraleira* and *Picheleira* with the interns of *Clube* and show the zone's big terrains of waste land, the big road that separates *Bairro Horizonte* from *Bairro Nascimento Costa* and the urban-rural contrast prevailing in the former slum neighbourhood.

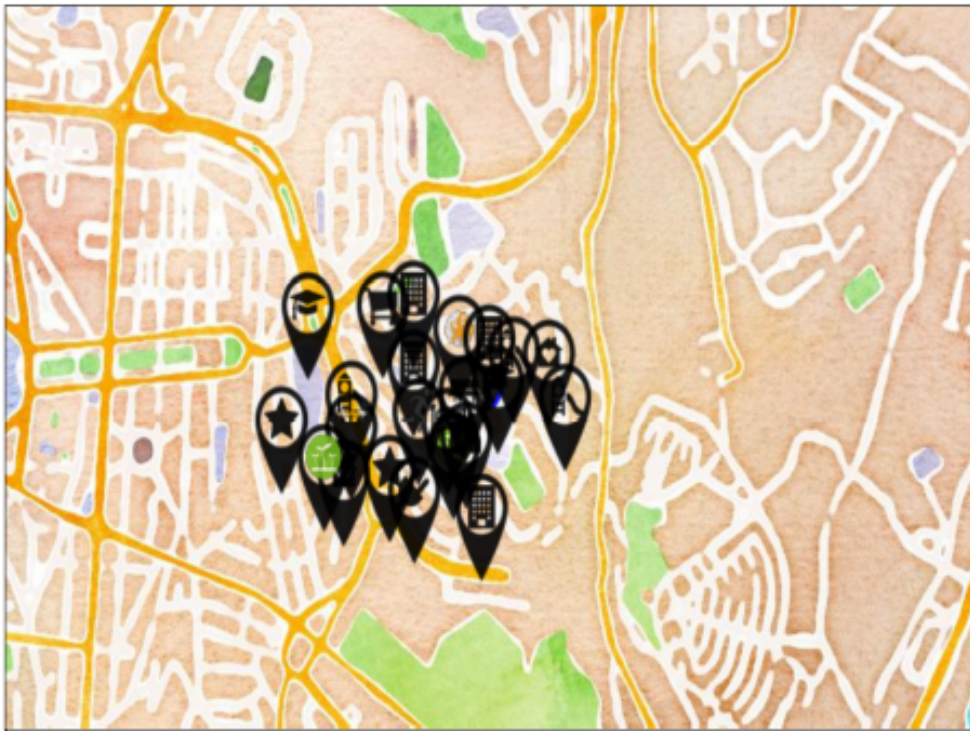
In total, I have divided the content of the website into five pages namely: "Overview", "USER", "SAAL", "Neighbourhoods" and "Partners". The content is interlinked and provides an idea about the transformations the neighbourhood has undergone since 1974. However, the content is still only a draft version and only if *Clube* can actually make use of the site, I will work on the site's integrity. Finally, the transfer of the website to *Clube* will enable *Clube* to add extra points and complete the map over time, incorporating new sites of street art, new commerce and so on. So far, 15 categories can be defined on the map, helping the visitor distinguish the nature of each site, indicated on the map through the icons that are listed on the next page.

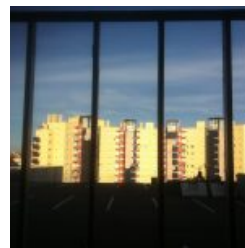
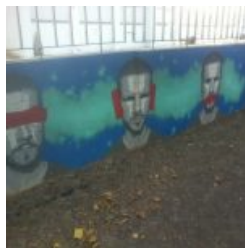
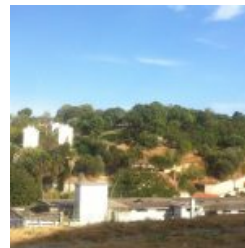
Website Fotogallery

With the help of Morgane Masterman, a youth coordinator from *Clube*, I guided interns from *Clube* around the zone. We discussed the transformation of the area over time and the current objectives of the initiative *PA-REDES* and *USER convida*. The tour helped the students to navigate the huge territory of the former slum neighbourhood and to distinguish between the different areas.

antiga Curraleira

Overview







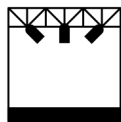
Website Captions



Sementes a Crescer is dedicated to after-school support for children from *antiga Curraleira* and *Picheleira*. It is integrated into *Programa Escolhas* and financed by the Portuguese State.



Viewpoint



The stage serves as a meeting point for the marches of *Penha da França* and *Beato* to perform and train for the annual typical marches of Lisbon.



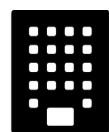
Playground



Urban Garden



SAAL Cooperative



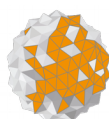
Social housing neighbourhood



Market



Education facility



Clube Intercultural Europeu



Outdoor facilities for gymnastics



EDP power plant



Historical monuments



Parks or squares, potential meeting points

Appendix II

E-mail response from Camila Rodrigues - PhD candidate in Political Science (FCSH-UNL), associate researcher IPRI (FCSH-UNL).

camilapombeiro@gmail.com

Olá Mirijam,

Através do SAAL estas cooperativas de habitação, que eram geridas por moradores eleitos para o efeito em assembleias gerais de moradores, ficaram responsáveis pela gestão do processo de realojamento. Para o efeito, receberam empréstimos a fundo perdido e outros com juros favoráveis por parte do Fundo de Fomento à Habitação (FFH), a entidade que na altura, nos anos 70, geria estas questões (hoje é o IHRU). Com este dinheiro contratavam empresas de construção para construírem as habitações e, para além disso, ficavam com a responsabilidade de recolher os pagamentos mensais dos moradores, durante determinado período de tempo, e de entregarem este dinheiro ao FFH (era o dinheiro que tinha sido emprestado com juros favoráveis e que tinha que ser pago). Quando as coisas correram bem, como aconteceu na maioria dos processos SAAL de Lisboa, a dívida foi saldada e os moradores, no geral, são hoje proprietários das suas casas (exceto um ou outro que deixou de pagar e ainda deve o dinheiro). É esta a situação dos bairros Dona Leonor, Liberdade, Bela Flor e Quinta do Alto. Nos bairros Portugal Novo, FONSECAS e Calçada e nesse bairro da Curraleira, o processo descontrolou-se, com desfalques, acumulação de dívidas, etc. As cooperativas foram desativadas e as dívidas não foram pagas e acumularam juros que as aumentaram muito. A Câmara municipal de Lisboa criou um projeto para tentar regularizar esta situação, o GABIP ex-SAAL. Através deste gabinete estão a tentar reativar as cooperativas, ou pelo menos criar entidades formais que representem os moradores e com quem possam negociar o pagamento da dívida. No bairro Portugal Novo não conseguiram que os moradores se organizassem e a situação não evoluiu, no bairro FONSECAS e Calçada os moradores reativaram a cooperativa, abateram parte da dívida e estão novamente a efetuar pagamentos mensais das prestações das casas. Na Curraleira, pelo que disseram o Sr. João Paulo e o Sr. José da associação do Belo Horizonte, já ocorreram várias reuniões com a Câmara mas ainda não chegaram a acordo para o pagamento da dívida, pelo que para já a situação está num impasse e não se sabe como vai evoluir. A situação complica-se ainda mais porque o bairro foi dividido ao meio, com cada parte na sua freguesia a negociar separadamente. Os bairros SAAL de Lisboa são: Curraleira (o bairro onde estás); Portugal

Novo (Olaias); Quinta do Alto (Rotunda do Relógio); FONSECAS e Calçada (Campo Grande); Dona Leonor (Benfica); Bela Flor (Campolide); Liberdade (Serafina). Junto envio uma foto de cada um para ficares com uma ideia do seu aspeto atual. Beijos e bom trabalho! Camila

Appendix III.

Interview with Maria Penide, *Clube*

Interview taken at *Clube Intercultural Europeu* in June 2016

M: How did the project idea of PA-REDES come about?

M.P.: Esta ideia do projeto surgiu porque estamos num bairro onde há problemas nas relações entre os moradores. [Estes bairros] eram antigos bairros de lata com pessoas que eram obrigadas a morar aqui, mas que perderam a sua identidade porque foram obrigadas a morar num lugar com pessoas que não moravam aqui antes e agora têm dificuldades de convivência entre eles. A nossa ideia era, através deste projeto, que está a intervir em dois bairros diferentes, poder unir estas pessoas, poder oferecer um recurso para elas se poderem aproximar do que é o mundo artístico, que por vezes é um mundo muito elitista, e poder oferecer-lhes aulas artísticas e desenvolver tudo que seria das competências artísticas. Até porque numa primeira fase detetámos que há muitos miúdos com muito potencial e com talento. Provavelmente sem este tipo de atividade nunca teriam oportunidade de ter este tipo de aulas (...).

M: Do you think you can promote children's skills, that is, skills that would help them in their future careers?

M.P.: Quando nós desenvolvemos as nossas aulas e quando obrigamos as pessoas a falarem da sua identidade, de quem eles são, nós promovemos muito mais do que [apenas] uma competência. Por exemplo, numa aula de competência mais artística, eles aprendem a conviver uns com os outros; aprendem a respeitar os materiais e o espaço; eles aprendem a expressar-se; eles aprendem a trabalhar em equipa, a trabalhar em grupo; e há muitas competências pessoais que são trabalhadas nestas aulas, porque não estamos a trabalhar num contexto universitário, mas estamos a trabalhar com um público especial.

M: Would you say that the therapeutic value is more important than the artistic value that you promote with the artistic project PA-REDES?

M.P.: Nós achamos que as duas são muito, muito importantes. Mas o [valor] artístico virá não só potenciar alguns talentos que há no bairro, mas também outras coisas, como tudo que tem a ver com a sua identidade. Então, a parte artística é importante: nós queremos criar murais que sejam atrativos, que possam chamar outras pessoas. Mas a parte também da própria identidade, da comunidade,

9

vai ser fundamental. A ideia final...os murais - queremos muito que tenham os dois âmbitos inseridos, que é o mesmo que dizer: uma parte artística com qualidade, mas também tudo que tem a ver com a identidade da comunidade. É usar o artístico para valorizar o que há cá de bom, – [~~é dizer~~]¹² [ou seja, valorizar] os talentos de algumas pessoas e, [ao mesmo tempo], definir a identidade das raízes de algumas pessoas.

M: How exactly do you aim to bring neighbourhoods together?

M.P.: Estamos a promover várias identidades. Por exemplo, quando nós fazemos as aulas cá, estamos a juntar alguns miúdos que nunca estão juntos e quando nós promovemos as exposições, abrimos o espaço também para os pais e para os moradores e procuramos momentos em que estas pessoas estejam juntas. (...)

M: So, through radio programs and the exhibitions for example of the arts of the students, you collect memories?

M.P.: Nós tivemos várias sessões. [As sessões] foram desenvolvidas com pessoas idosas porque achámos que era fundamental. São pessoas que nasceram nestes bairros e que sempre moraram cá e estivemos a promover todos os meses umas assembleias com eles para, através de metodologias de cartografia, poder trabalhar um bocado com as suas memórias, os momentos mais importantes e tudo isso. Desta relação mais próxima, nós usufruímos de muitos momentos com eles, quando eles próprios vinham aqui ao espaço oferecer-nos as suas fotografias pessoais e explicar-nos as histórias das suas fotografias. Nós agora temos mais ou menos o levantamento fechado, temos não sei quantas fotografias, temos vários mapas, temos inclusive canções que eles mesmo escreveram com as suas memórias das antigas marchas. [Havia alguns momentos de memórias] a nível do grupo (...), e também [havia momentos] na festa comunitária, quando eles escreveram as palavras fundamentais do que era a sua identidade e as suas memórias, mas foi também num [~~tratamento~~] [contacto] mais pessoal com eles, de eles perceberem que este espaço é seu (...).

M: This process must have brought a lot of nostalgic feelings, which is good because it strengthens identification but can also be obstructive and hinder progress, because it gets people stuck in the past. How did you try to avoid that?

M.P.: Nós sentimos muito isso, sempre que falámos com as pessoas das suas memórias. E isso implicava sempre que o que acontecia antes era muito, muito melhor e que agora só há problemas e tudo isso. Mas tentámos, inclusive nas próprias entrevistas que nós fazemos com as pessoas, termi-

¹² The crossed-out word is the original word used during the interview. In order to guarantee the fluency of the text it was substituted by an alternative word.

nar sempre com uma visão do futuro. Vamos aproveitar aquelas coisas positivas, estamos no caminho, estamos a criar atividades que juntam a comunidade, e vamos também pensar no futuro. Neste consórcio do projeto há muitos parceiros, muitas organizações a intervir, e a ideia é que este projeto acontecer no próximo ano. Mas também é um instrumento importante para nós conhecermos melhor quais são as necessidades, e além de oferecer tudo isto que está a trazer o projeto, poder oferecer outros tipos de projetos no futuro que sejam importantes para a comunidade, e que vão ao encontro daquelas ideias do futuro, porque eles conseguem falar do futuro e falar do que querem do futuro. A ideia é mesmo ter um discurso (...) positivo. Quando nós fazemos entrevistas com eles, nunca é só falar do passado, mas é pegar nisso e pensar: ‘E no futuro o que é que gostavas que acontecesse no bairro, e como é que este projeto pode ajudar a bairro?’ Nunca nos fechamos só na ideia do passado, porque isto é um projeto de futuro.

M: Apart from building a bridge between past and present, does *PA-REDES* aim to build a bridge between the generations? I mean you take the memories of the old generation and let the young one transform it into street art...

M.P.: Nos próprios programas, nós gostamos muito de agrupar as pessoas por idades ou por sexos para elas se sentirem mais à vontade a falar das suas memórias, porque é verdade que uma criança não consegue falar de coisas de que consegue falar uma pessoa idosa que esteve cá a morar sempre. Mas o bom é que na verdade isso foi passando geração a geração e há muitas crianças que transmitem as mesmas memórias que os idosos... Mas sim, numa primeira fase nunca pensámos tanto em intervir com pessoas idosas, mas foi ao longo destes meses que sentimos que isso se tornou fundamental.

M: Can you give me one example of a memory that you could soon see on a wall in *Carlos Botelho*?

M.P.: Depois de falarmos mais com a comunidade, porque a ideia é que eles também decidam e, depois de falarmos com muitíssimas pessoas, chegamos a pontos comuns nas memórias e nos programas de rádio. Há várias memórias como, por exemplo, o incêndio que aconteceu na *antiga Curraleira* onde morreram um pai e um filho. Isso é algo que foi muito marcante. Aquele sentimento de comunidade, de vizinhos, nasceu muitíssimo com a comunidade: todas as pessoas se lembram disso, as crianças lembram-se disso. Eu acho que era importante fazer uma homenagem a esse fenómeno que marcou tanto a comunidade por exemplo, num dos murais. Mas também pode ser uma ideia do futuro. Por exemplo (foi muito lindo), eu estive a falar com os jovens aqui e eles disseram que um mural também podia representar uma coisa muito positiva que nós temos aqui e que queremos que no futuro seja ainda mais forte que é o facto das quatro raças/etnias que moram aqui [poderem estar

representadas] num mural, e que, assim, não seja só uma memória, mas uma realidade que quer valorizar o futuro. De facto, temos muitas pessoas indianas, ciganas; muitas pessoas ‘cenouras’, como eles dizem, e queremos juntar tudo que tem a ver com as suas culturas. Ou podem ser imagens de pessoas que representem isto numa ideia de um passado [~~o porto-brasão dum~~] [em relação com] o presente e com a ideia de um futuro que as pessoas do bairro querem promover.

(...)

Isto é um projeto social aberto para toda a comunidade. Pode ser para uma criança que vem só um dia ou pode ser para uma criança que quer acompanhar todo o processo. Mas nós pensamos em não limitar as inscrições até porque é um projeto artístico e estamos a conseguir desenvolver algumas competências em alguns miúdos. Mas isto também é um projeto que pretende chegar a toda a comunidade de alguma maneira ou de outra. Todas as crianças que ainda não tenham essas competências artísticas, podem apanhar alguma coisa. Então, é evidente, isto é um bairro social, é um bairro com crianças que têm imensos problemas nas suas casas, que têm imensos problemas nas escolas. E são algumas aulas, onde eles, além de trabalhar em tudo o que tem a ver com competências artísticas, trabalham também em imensas coisas ao nível pessoal, porque há faltas muito, muito grandes. Isto também é a ideia do projeto: intervir no nível social através de práticas artísticas.

M: Without inscription, how is it possible to form a dedicated group to paint the walls?

M.P.: Nós temos vários miúdos (...) que acompanham todas as aulas e que têm imensas competências, que são muito pequeninos. Por exemplo, temos uns gémeos do bairro que têm umas competências brutais mesmo sendo muito pequeninos, e temos também várias pessoas da escola com muito, muito talento que conseguiram apoiar este grupo. É evidente que nem sempre se consegue trabalhar na motivação destes miúdos porque há algumas histórias de vida e há uns percursos... e, às vezes, é difícil contrariar isso. Mas acho que conseguimos chegar a bastantes miúdos e há bastantes miúdos que acompanham todas as aulas e que têm competências para aquilo, que acho que podem envolver-se nas pinturas murais porque têm talento (...).

M: So do you think that the project has also helped the community to get to know *Clube* and take away the fear of coming here?

M.P.: Sim, sim, é fundamental. Nós estamos neste bairro, sedeados mesmo, desde há um ano atrás e é evidente que nem toda a comunidade nos conhecia. Só alguns [nos conheciam] através da intervenção do Sementes. (...) Foi também um desafio para nós, [mas] conseguimos chegar à comunidade, abrir aquele espaço, para que eles gostem de nós [e] para que tenham vontade de [atingir] [seguir] as nossas atividades. [Foi um desafio] porque estamos aqui há pouco tempo...

(...)

Pelos projetos de arte urbana que eu conheço, o projeto é diferente porque não é simplesmente uma artista de arte urbana que vem para pintar uma coisa linda mas que nada tem a ver com a comunidade. Então, a ideia deste projeto é que nós nunca vamos pintar nada até ter aquelas imagens que a comunidade quer ver lá. E essas imagens são algo muito pessoal, tem a ver também com a apropriação do espaço público. Nós achamos muito bom que eles vejam nas paredes algo que tem a ver com eles e que seja uma maneira para sentir o espaço duma forma mais acolhedora. Por alguns factos que acontecem aqui, nem sempre as pessoas consideram o espaço algo seu, ou têm receio ou não conhecem bem todos os recursos, então a ideia é também fazer um percurso que possa unir os dois bairros. Isto é um projeto social, quer dizer, a ideia é poder abrir isto ao exterior e também ultrapassar muitas imagens negativas que há do exterior. Mas para este bairro é evidente [que é necessário] criar uma outra dinâmica aqui, para que possa haver mais comércio. Mas da nossa parte não há nenhum interesse económico, enquanto isto for um projeto para a comunidade e não para nós.

M: It is good to provide better opportunities, the area is not very prone to be gentrified I guess, so that's why I guess it doesn't make sense to insinuate self-interest to the intervention by the conjoint of USER which is guided by the CML?

M.P.: (...) Eu acho que depende como nós falamos deste projeto, como as pessoas percebem este projeto. Se eles acham que o projeto tem algo de diferente ou... depois também é um projeto para a comunidade, quer dizer, a ideia é abriremos este espaço, mas a ideia é também que a comunidade usufrua disto e que goste disto e que aproveite este espaço, que faça parte do projeto, e depois este projeto fica para eles. Além de que nós temos pessoas de fora... Mas a ideia em geral é dizer que este projeto é uma pequena parte de uma intervenção muito grande, onde estão envolvidos muitos atores. Seja porque a nível de turismo nós sabemos que esta zona, devido à proximidade com a zona de Santa Apolónia, que vai crescer imenso daqui alguns anos... Mas aqui também há recursos muito valiosos com os quais no futuro se pode colaborar, como por exemplo com a escola artística António Arroios, ou as próximas escolas que se vão sediar aqui e até com imensas organizações que estão agora mesmo a intervir aqui. Este projeto também é para nós uma pequena peça de algo maior que queremos criar aqui: pode ser um centro comunitário no futuro. É que nós, as associações, procuramos recursos para trazer mais valias para a comunidade, e há várias organizações a trabalhar e este não é o único projeto que está a intervir aqui. Então, é todo um projeto 'liga te ao bairro', ~~tal como é~~ é mais do que] um projeto de requalificação. A ideia é mesmo que nós, como associação, consigamos ajudar a criar umas atividades, mas que isto no futuro seja um conjunto. Queremos que isto no futuro seja parte de uma intervenção muito maior....

M: So, that implies finding a way to stop path dependency and the poverty spiral?

M.P.: Se tu procuras na *net* notícias sobre estes bairros, só há notícias negativas. Então o objetivo é simplesmente trazer coisas positivas: valorizar o espaço, os talentos artísticos que há no bairro, valorizar as dinâmicas comunitárias como algo que aqui aconteceu na festa comunitária, que foi algo muito lindo, tanto da parte das organizações como da parte dos moradores envolvidos. Também [queremos] chegar ao exterior com algo mais positivo, que valorize todas as coisas boas que há nesta comunidade.

M: The CML is to some extent involved in the USER process, what is their interest?

I read a lot about the contested PER programs; could it be that the USER program tries to disguise the actual difficulties that the neighborhoods are actually facing as a result of the PER?

M.P.: (...) [O] projeto é promovido pela Câmara Municipal de Lisboa (CML). Há que valorizar imenso as organizações que estão envolvidas nisto porque são projetos de desenvolvimento comunitário. Eles, em todos os eventos, tanto nas exposições como nas festas comunitárias, eles [a CML] foram promotores. E a ideia era envolver a comunidade e na verdade eu acho que sim, conseguiram atingir esse objetivo (...). O USER, como senti eu, não foi tanto um projeto de requalificação. Há outros projetos, seja o BIP/ZIP, que está a requalificar aquela zona; seja nós com o projeto da Gulbenkian. Mas [o USER] era mais um projeto para unir a comunidade e ...uma possibilidade de dinamizar festas e atividades. E o USER no fim foi uma ponte de encontro para unir a comunidade e criar eventos. Por exemplo, os produtos finais foram duas festas comunitárias e uma exposição, isto não é nada virado a requalificação. Foi mais para juntar as pessoas, para [que] as pessoas [~~participarem~~][participassem], [e] para [que] [~~dar~~][dessem] os seus testemunhos. Sobretudo as festas comunitárias foram um espaço de convívio, onde os próprios moradores ajudaram a fazer as sardinhas e a arrumar o espaço; e [a ideia do USER] era mais [~~essa ideia~~], de tornar os bairros mais participativos, tornar as organizações com maior capacidade para intervir a nível de parcerias, a nível de estarem juntos (...) A minha opinião é que [o USER] foi muito bom, porque acho que se conseguiu envolver muitas organizações, que dedicaram muito tempo a isso.

It seems like CML nowadays looks critically onto the former PER programs. BIP/ZIP for example admits that PER was conducted too fast and did not consider life-quality aspects.

Eu concordo totalmente. O problema que ainda temos com os financiamentos é que são financiamentos muito curtos, nos quais nós temos muitos objetivos que temos que atingir em muito pouco tempo, que nem sempre se conseguem desenvolver os projetos com toda a qualidade que seria pre-

ciso. É isso, esse projeto [Paredes] é um projeto de 18 meses, e os projetos BIP/ZIP são de um ano e é evidente que para intervir com as comunidades é preciso muito, muito tempo - é preciso ganhar a confiança dessas pessoas e isso não se consegue em alguns meses nem um ano.

M: So somehow BIP/ZIP tries to compensate what went wrong in PER projects, but doesn't provide enough time either to guarantee more stability?

M.P.: Sim, num ano de intervenção tu não consegues chegar bem a uma comunidade e desenvolver um programa de atividades. Nalguns casos muito ambiciosos sim, mas sim, é uma oportunidade para organizações a nível local para conseguirem dinamizar algumas atividades para a comunidade. Mas é evidente que é muito mais interessante a intervenção que está a desenvolver o "Escolhas", que é de 3 anos, nos quais tu consegues chegar bem à comunidade, e ter um espaço aberto todos os dias. O problema também deste tipo de projetos e de financiamentos também é a verba, é o dinheiro que tu podes colocar em cada rubrica. Por exemplo, para um projeto de requalificação, se o custo da requalificação é muito grande, na verdade tu depois não consegues alocar este projeto a recursos humanos que estejam a intervir com a comunidade. E é verdade que para nós, organizações, muitas vezes isto é muito complexo porque são umas verbas limitadas, com as quais nós temos de atingir os objetivos e muitas vezes não temos os recursos humanos suficientes para poder fazer um trabalho de terreno. Nem sempre tens todos os recursos necessários para fazer isto.

M: But USER tries (...) to build a community between BIP/ZIP neighbourhoods in order to define priorities and to somehow end with the arbitrariness of separate BIP/ZIP funds, isn't it?

M.P.: A esse nível foi muito bom. No âmbito das reuniões, foi muito bom para criar estes momentos de convívio e de partilha entre as pessoas. Porque para mim isto é o ponto de partida, nos BIP/ZIP estiveram envolvidas algumas pessoas, mas não esteve envolvida toda a comunidade. Graças a estes eventos, muitas pessoas da comunidade perceberam o que é o USER, grande parte da comunidade conseguiu ter conhecimento de todas as organizações que estão a intervir neste território. Conseguimos estabelecer um contacto mais pessoal com as próprias pessoas, que se calhar não participam tão ativamente em nenhuma atividade aqui na comunidade. E isso foi uma desculpa, foi um motivo para eles virem e para conversar com eles.

M: All four neighbourhoods were involved. Does USER also work as a way to overcome the barriers created by the big territories of waste land in between the social housing blocks?

M.P.: De facto, o primeiro evento foi no horizonte. Tivemos a sorte de conseguirmos envolver pessoas de todos os bairros nestes projetos. Tivemos algumas dificuldades com a divulgação, mas no

fim conseguimos chegar a muitas pessoas, como, por exemplo, uma casa de acolhimento de jovens que estão muito perto do bairro horizonte. Pela primeira vez estes jovens falaram com os homens deste bairro e criaram-se momentos muito lindos de partilha, e acho que no fundo era esse o fim, que era se calhar um trabalho mais ao nível da comunidade. Era alguém a promover, mas era algo para fazer acontecer: tinha de ser com as pessoas de cá, se não...e foi lindo.

(...)

M: Once the intervention of PA-REDES has finished, the aim is to create an independent project. How exactly would you like to achieve that?

M.P.: Nós ainda estamos numa fase muito inicial, que tem a ver com a capacitação artística das crianças e dos jovens e com tudo o que tem a ver com o levantamento de memórias. É uma fase que ainda vai acontecer até o mês de agosto, e no mês de agosto [2017] começaremos com os murais até ao mês de novembro [frase inaudível]. A [nossa] ideia é poder ~~[aproveitar]~~ [tirar vantagem] um fator (que não é positivo, mas que pode ~~[passar a ser]~~ [tornar-se] um fator positivo): (...) [Aqui há] muitos jovens desempregados, muitos jovens que não estão capacitados. Mas há muitos jovens que conhecem muito bem o bairro e há muitos jovens que têm muitas competências pessoais, que têm muitas competências ao nível de liderança e que têm muitas competências para falar em público. ~~Até por-~~ ~~que~~ [Isto] tem a ver com questões culturais. E [o Clube] pode ~~[pegar em]~~ [chamar] vários jovens do bairro, que acompanharam mais este processo e que gostaram do projeto, e pode capacitá-los para dinamizar os roteiros aqui no bairro, e fazê-los conhecer bem o projeto (...). Mas também, de alguma maneira, fazer com que eles valorizem o ‘porquê’ de isto ter acontecido, para que eles aproveitem este recurso para trazer mais-valias para o bairro, que inclusive possa ser um recurso económico para eles. Primeiro, para capacitá-los na fase final do projeto, temos previsto uma formação para eles, uma formação como líderes, tanto líderes comunitários como guias, para no futuro poderem ser pessoas que possam colaborar com as organizações que estão cá, porque fazem parte da comunidade. E para nós sempre foi muito importante, inclusive ao nível dos próprios recursos humanos, sempre ter alguém do bairro envolvido, porque são pessoas que já apanharam um percurso e que já conhecem como funcionam estes projetos sociais, e para nós é fundamental que façam parte das equipas ou que possam estar envolvidos, no futuro, em outras atividades. Esta formação pode ser para eles uma forma de capacitação, mas também uma oportunidade de valorizar e de dar força ao projeto, para que o projeto não morra. Mas também da nossa parte, é preciso dizer que este projeto é um consórcio de muitas organizações e que é um projeto em que todas as pessoas têm o interesse para que isto aconteça aqui, para que seja uma mais valia para o bairro e seja a parte [sobre] o futuro que seja aproveitada para trazer alguma coisa de bom para continuar a desenvolver coisas para o

16

bairro.

M: Do you consider the independence from other sources of funding fundamental for the project to survive in the long run? Because once funding finishes, due to political circumstances like the economic crisis, it always represents a risk for social projects to be suddenly interrupted.

M.P.: Nós tentaremos sempre lutar para outros tipos de oportunidades, seja através da economia social, seja através de outros fundos, porque nós também temos o *know-how* para nos candidatarmos a projetos. Mas este projeto, numa fase inicial, pode ser uma oportunidade para eles valorizarem o que quer que tenham aqui no bairro, e para eles tentarem aproveitar os recursos e para dinamizarem o bairro. Vão ser poucas pessoas formadas nisso, porque também têm que ser pessoas que tenham interesse e que realmente possam aproveitar isso. E que possa ser uma mais valia ao nível profissional, e que tenham interesse... Eu acho que nenhuma pessoa deve ser forçada a nada. Nas aulas artísticas sempre foi assim. Isto é um recurso na comunidade e é um projeto inclusivo para todas as pessoas que queiram evoluir e que queiram aproveitar isto. Mas ninguém vai ser nunca forçada, e isto é uma coisa positiva para a comunidade (...).

M: Do you think that the internships that you receive in *Clube* could also (eventually) benefit from these tours, because the interns all come to work in social fields...?

M.P.: Sim todas as pessoas que trabalham em projetos de Erasmus+ (...) vêm de vários países da Europa e de fora da Europa, as quais, quando vêm a Lisboa e quando passam a conhecer o *Clube*, conhecem toda a intervenção do *Clube*. Conhecem as sementes, conhecem as atividades que acontecem aqui, tanto ao nível de apoio ao estudo tanto como do projeto *PA-REDES*. E cada vez que participam numa formação ou também em algum projeto no estrangeiro, eu apresento toda a intervenção que nós desenvolvemos aqui. Então é evidente que nós primeiro conseguimos divulgar este projeto a um nível europeu internacional, porque faz parte do nosso trabalho e depois é isso, nós tentámos valorizar ao máximo tudo o que se está a desenvolver aqui: cada vez que recebemos grupos de profissionais, grupos de professores, grupos de estagiários, grupos de voluntários de qualquer país do mundo, passam sempre a conhecer estes bairros. Ao nível da divulgação, conseguimos sempre atingir este objetivo, e depois, é evidente, nós trabalhamos sempre muito com parceiros na área social, e para nós sempre foi uma mais valia quando nós visitamos os projetos e quando nós conhecemos o que eles fazem e pensámos como podíamos aproveitar algumas daquelas mais valias e trazer para aqui. Eu acho que alguns dos nossos parceiros que visitam Lisboa, e que visitam os nossos bairros, (...) também têm uma situação similar nos seus bairros; e têm alguns jovens com competências e algumas potencialidades a nível da identidade cultural. É tudo sempre com algumas modificações,

17

mas é evidente que pode ser uma ideia que pode ser replicado noutros bairros.

M: That means there is already a target for the future *PA-REDES*, so you don't have to promote it in touristic agencies (...)?

M.P.: A ideia é que isto seja aberto a toda a comunidade, mais a nível de visitas de estudo, que é uma coisa que está inclusive na candidatura. Nós queremos muito também promover todas estas mais valias que nós temos, de organizações que estão envolvidas em projetos sociais, em projetos de desenvolvimento comunitário. É evidente que um dos *targets* mais importantes para nós termos cá, possa ser ao nível para eles replicarem isto noutros países, mas também pela divulgação que eles possam dar a este projeto. Que também é a divulgação que nos interessa. Quer dizer, chegar ao máximo de pessoas. Mas é isso – é um projeto artístico e um projeto social. Aqui não vai chegar uma artista, pintar 4 murais e vai embora, até porque os murais vão fazer parte da identidade dos moradores. Então é isto, sempre que eu falo de sensibilidade artística, tudo isto quer é dizer que nós tentaremos sempre desenvolver este projeto em cada fase com a maior qualidade que nós conseguirmos, mas também é um projeto comunitário e social. E isso também implica termos muitas dificuldades nalguns níveis. Mas também implica que isto seja uma coisa mais integrada com a comunidade e que não seja uma atividade tão esporádica, tão pontual. E podemos conseguir, respeitando isso sempre.

M: What would you think is the major difference between *Quinta do Mocho* and *PA-REDES*?

M.P.: Eu na verdade não acompanhei o projeto da Quinta do Mocho, então nem pensámos nele quando pensámos neste projeto. Eu conheço um bocado o projeto porque tivemos uma estagiária que fez uma reportagem fotográfica, foi um projeto sobre tudo o que era a Quinta do Mocho, e todos os murais da Quinta do Mocho. Durante a candidatura para o projeto Gulbenkian, nós pensámos naquelas mais-valias que poderia haver aqui no bairro, descobrimos que nalgumas das pessoas do bairro há algum talento, e pensámos como criar uma oportunidade para eles, e sobretudo como poderíamos abrir o mundo artístico a todas as pessoas, porque acho que nem todas as pessoas têm acesso à cultura e à arte, que está num nível mais elitista. Pensámos também muito na falta da apropriação do espaço público, a possibilidade de reabilitar este espaço. Muitas paredes, muitos muros, tinham umas condições péssimas, e também pensámos que podíamos reabilitar esteticamente, graças a este projeto. Algumas partes que são fundamentais porque são pontos de encontro dos moradores. Pensámos na arte urbana sempre virada para ideia de ‘vamos trabalhar a identidade’, ‘vamos trabalhar as memórias’, e que a arte urbana seja simplesmente um instrumento para trabalhar tudo o mais: para criar espaços mais inclusivos, para trabalhar a identidade das pessoas, para capacitar artisticamente crianças e jovens, e para criarmos uns bairros mais acolhedor, onde as pessoas se sin-

tam mais à vontade no espaço público e sintam que aquilo é mais deles. Mas a arte para nós foi sempre um meio para pensar nisto. Esperamos que as pessoas sintam que é algo deles e acompanhem este processo. Tivemos também a sorte de haver muitas pessoas líderes que nos ajudaram imenso, tanto no levantamento como a todos os [outros] níveis. Eu acho que a comunidade, a todo momento, se sente à vontade com [aquilo] está a acontecer.

M: But weren't you even creating the formation of a community in the first place?

M.P.: Aqui há muitíssimas organizações a intervir, sem as quais nunca teríamos conseguido chegar a tantas pessoas. Nunca teríamos chegado a tantas pessoas sem a ajuda das nossas colegas do projeto “Sementes”, nunca teríamos conseguido chegar a tantas pessoas sem a ajuda da junta de freguesia, dos trabalhadores da junta da freguesia, ou seja, isto ao nível comunitário foi um esforço muito, muito grande. Nós fazemos aquelas reuniões de consórcio em que não temos só as pessoas das organizações, mas também temos moradores que dão a sua opinião. Estes momentos também são uma partilha, uma aprendizagem muito, muito grande, e isso acho que foi também o enfoque deste projeto: conseguirmos chegar a tantas pessoas, fazê-las interessarem-se para fazerem parte desta parceria, da parceria deste projeto. E foram uma grande mais valia, tanto para chegar nas pessoas, como para ajudar-nos nesta criação de laços com atores na comunidade e tudo isso.

M: Obrigada pela entrevista!

M.P.: De nada!

Appendix IV.

Interview with João Queirós, *K'CIDADE*

Interview taken in Café com Calma in July 2016

M: Bom dia, vamos fazer uma entrevista sobre o USER. Primeiro sobre a fundação Agha Khan [e a sua iniciativa *K'CIDADES*]. Qual é a função da fundação neste processo USER?

Q: A fundação já estava no território. O USER nasce um bocadinho fruto da dinâmica que a Câmara encontrou naquele território...

M: Ah, ok.

Q: Nós fizemos os diagnósticos iniciais diretamente com os residentes e a população. As suas preocupações passavam muito por questões do espaço público, da segurança, da ocupação dos tempos livres para as suas crianças e jovens. A partir deste diagnóstico nós pusemos as ações em marcha, que iam ao encontro as necessidades da população. Passavam por esta requalificação do espaço público e, na altura em que nós começámos, foi uma feliz coincidência: a Câmara lança o programa BIP/ZIP, que é um programa que define no caso 67 bairros e zonas de intervenção prioritária. (...) Isto foi em 2010. Em 2011 foi a primeira intervenção e que, mais tarde, depois de alguma experimentação do programa, passou a estratégia BIP/ZIP (...). Um bocadinho fruto desta dinâmica que estava a acontecer no território, a Câmara decidiu candidatar-se ao URBACT, ao programa USER, que tinha que ver com a situação conflituosa dos espaços públicos.

M: Ah tinham que candidatar-se, mesmo que... Porque eu percebi que este programa não oferece fundos?

Q: Não, não oferece fundos para o lançamento da iniciativa. E foi isso que estivemos a fazer no grupo do USER nos últimos um/dois anos, enfim concorrendo sempre ao BIP/ZIP para conseguir fundos para dar continuidade ao processo de requalificação daquela zona de Vale de Chelas. E o USER foi tendo alguma prioridade para trazer novos parceiros, nomeadamente o ISCTE, outros coletivos de artes...

M: Dizes que o USER e o BIP/ZIP são concorrentes?

Q: Não, não. São complementares. O BIP/ZIP é uma estratégia da Câmara. O programa URBACT são financiamentos europeus, e aquilo que estava a viver-se e a passar-se neste território, daquela

zona do Vale de Chelas, motivou a Câmara para concorrer a estes financiamentos europeus, que são financiamentos. Uma das complementes do programa URBACT era o USER, que tinha que ver com a questão conflituosa dos espaços públicos. Foi nessa medida, fruto dessa dinâmica que existia, que a Câmara aproveitou o lugar para complementar a intervenção naquele território que deu atenção ao programa USER.

M: Porque os BIP/ZIPs eram muito individuais, não é?

Q: O BIP/ZIP do modo como que está organizado é para trabalhar...cada BIP/ZIP, isoladamente, candidata-se a um financiamento anual. Por exemplo, no nosso caso trabalhamos com 6 BIP/ZIP que estão todos muito juntos - que além de estarem juntos, receberam população proveniente, grande parte dela, da Quinta da Curraleira. Apesar de serem 6 edifícios diferentes, nasceram em épocas diferentes da história, mas realojámos aquela população que já lá vivia no bairro que era a Quinta da Curraleira. Portanto aquilo que nós temos tentado é a requalificação do espaço público, que está na envolvente destes seis territórios. Gostávamos que pudessem nascer BIP/ZIPs e que vários BIP/ZIPs pudessem trabalhar em conjunto e concorrer a um financiamento em conjunto. Obviamente isto implicaria uma reformulação das regras e o próprio regulamento do próprio programa do BIP/ZIP, mas penso que com o continuar de dois anos e se a estratégia continua a ser bem-sucedida, também vai dizer que a vitalidade das comunidades é importante para se organizarem e fazerem envolvimento local. (...)

M: Então o USER foi uma iniciativa para definir prioridade neste bairro e para evitar...

Q: Eles já estavam definidos. Foi para consolidar um plano estratégico mais global, rentabilizando espaço público e algumas características do território. Nomeadamente a escola artística António Arroios, com que nós poderíamos contabilizar o espaço público de maneira que fosse educativo, que faça as pessoas sair para a rua... E, através da escola artística António Arroios, talvez se pudesse tornar um bairro mais atrativo, com mais conteúdo, mais central, onde pudessem...

M: Más são vários bairros, o Vale de Chelas...

Sim, sim vários bairros (...). Enfim são prédios ou blocos edificadas que se chamam bairros.

M: E muito afastados também. Um não tem muito a ver com o outro.

Sim, há muito espaço entre os bairros, e apesar da distância que não é muita... e outra coisa foi que a população vem da curraleira, uma grande parte dela...

M: Achas que este realojamento e os novos bairros sociais partiram um bocadinho as relações

que existiam na *antiga Curraleira*, estas relações que uniram as pessoas?

Q: Se as pessoas mantêm essas redes?

M: Sim, ou se isto foi destruído por causa dos programas de reabilitação?

Q: Sim, as redes de funcionalidade que existiam foram desmanteladas.

M: E eram muito fortes estas redes de confiança?

Sim, é comum ouvir-se que as pessoas saíram de barracas e foram realojadas em prédios, não só aqui na Curraleira, mas [também] noutros sítios, assisti, presenciei e ouvi que é: ‘Agora é que eu vivo numa barraca’, ou seja, agora estou isolado.

M: Pois, e o conceito de barraca também é muito [relativo] ... há pessoas que dizem barraca, e outras dizem que era a sua casa.

Q: É por isso que estou a dizer ‘Hoje é que eu vivo numa barraca’, no sentido metafórico e simbólico de quem vive isolado, vive sem apoio. (...) [As redes de sociabilidade nestes bairros eram fortes] as pessoas tomavam conta das crianças uma das outras. Havia alguns blocos de controlo e de espaços de interagir, com funcionalidades muito, muito fortes.

Era uma espécie de pequena aldeia, e quando as pessoas passaram para as residências em propriedade vertical, essas redes, portanto a rua e as condições em que esta rede foi feita, a rua era pouco convidativa, aliás, zonas expectantes deixadas ao abandono e que serviram sobretudo para estaleiros de obra, e, portanto, isto foi um *não lugar*. E, além de não ser um lugar, era também um *NIMBY* (*Not in my backyard*) – ‘coisas que eu não quero no meu quintal eu mando para ali, ok?’ (...). Ou seja, o realojamento além de não ter tido em consideração as redes de sociabilidade para juntar estas redes também não ligou ao espaço público, não ofereceu melhor espaço público para aquela comunidade. Portanto, isso gerou também muita vandalização, e isto também é muito comum. Os três primeiros anos depois do realojamento foram de vandalização. Isto viu-se em todos os bairros.

M: E agora? Ainda há vandalismo?

Q: Agora as pessoas também estão disponíveis para requalificar e há quem gosta de viver bem. Portanto, se há iniciativas de requalificação dos prédios, das caixas de correio, das pinturas – as pessoas aderem. Ok, então já acabou a fase do vandalismo. Há sempre uma fase de revolta, que é normal (...).

M: Também foi porque o PER foi concretizado muito depressa, não é?

Q: Acho que os realojamentos mostram os efeitos do desenraizamento destas comunidades, dos seus lugares, aonde construíram a sua identidade, e portanto quando os retiraram daquele lugar que eram as barracas, portanto, lugares socialmente pouco considerados, esquecem-se sempre que as pessoas construíram aqui a sua identidade, com as suas próprias redes e mãos. Por isso, houve um processo traumático e provocado por estes desenraizamentos.

M: E essas barracas – que eu nunca vi, se calhar tu viste – achavas que eram mesmo barracas ou eram casas?

O facto de serem construídas de madeiras e de terem telhado de chapa faz delas barracas.

M: Mas por exemplo na Cova da Moura...

Q: Mas havia também ali casas construídas com fundações, cimento.... então era uma mistura, como havia em todos estes bairros, não é? Mas a questão de ser construção de madeira... é uma casa, para quem lá vivia era uma casa.

M: É isso. E depois, as origens da antiga Currraleira datam dos inícios da industrialização?

Q: Sim, 39/40/50, quando começou o grande êxodo rural, ou seja movimentos de imigração do mundo rural para a cidade.

M: E achas que o programa de realojamento também trazia nova gente, que não fazia parte desta comunidade, que vinha de Trás-os-Montes e não sei de onde...?

Q: Isso era a comunidade de origem, a comunidade de origem vinha do interior, ou da outra margem mas não vinham outras pessoas. O realojamento serviu para as pessoas que já estavam lá há 20/30 anos (...). Há uma população muito variada, africana, da Ásia, da Europa de Leste na escola. Enfim, na escola existem 31 nacionalidades, mas nos bairros quem lá vive... [a presença] dos imigrantes é residual, não é significativo.

M: E a percentagem de ciganos?

A percentagem de ciganos também não é significativa. O que acontece é que a comunidade cigana, o povo cigano, ocupa a rua de uma forma muito diferente.

M: É muito presente?

Q: Portanto marca muito com presença na rua (...).

M: Mas estes ciganos só vieram depois ou já moravam lá antes?

Q: Alguns já lá estavam, outros vieram da Ajuda, uma outra parte de Lisboa.

M: Sim, sim eu conheço. Como é que tiveram direito a estas casas?

Q: Foi também um processo de realojamento, portanto foi um processo diferente (...).

M: E tu achas que isto contribuiu para dismantelar as redes, estas novas chegadas de pessoas fora do bairro?

Q: Não, não (...) porque dismantelar é deixar de ser a rua como espaço de sociabilidade, como espaço de relação e como espaço de encontro da sociedade e onde se criam depois espaços de interajuda e sociabilidade. E com os realojamentos teve que se, de alguma forma, levar em conta esta dinâmica, não é? Que foi dismantelada, com um momento de muita revolta - de perder um espaço de identidade, portanto acresce a esse tempo de mudança, e esses tempos muito tensos e a essa tensão tem a ver com a perda de todas estas redes, e portanto faz com que se gere ali um processo de desagregação...

M: Eu li um estudo de Wacquant – é um sociólogo americano – que diz também que esta quebra de redes sociais provoca que as pessoas não tenham onde ir em caso de desemprego temporário, e acabam por entrar cada vez mais em negócios clandestinos ou ilegais ou no tráfico de drogas, podes confirmar isto? Se calhar mesmo esta quebra de relações entre as pessoas – as relações de confiança – provocou mais criminalidade.... (...)

Q: Podem estabelecer-se relações, mas também o contrário se verifica, ou seja, pessoas que vivem com dificuldades e continuam a não optar por uma via marginal. Agora eu penso que ... quando perdemos redes de sociabilidade, (...) [e] quando nos tornamos mais isolados, necessariamente tornamo-nos mais permeáveis a uma série de outras coisas [atividades ilegais]. E depois são as necessidades que definem [a vida]: há pessoas que (...) fazem uns serviços [de tráfico de drogas] [mas que] não estão permanentemente no sistema. Pode haver uma correlação [entre a quebra de redes sociais e o aumento de tráfico de drogas]; e eu acho que ela é tanto maior quanto o individuo possa estar isolado.

M: Então confirmas que pode haver uma correlação.

Q: Pode potenciar, se estiver isolado, se não tiver outras coisas. É que as redes não são só as de vizinhança, são as da família dos amigos, mas também os das instituições, também as escolas, portanto (...) não há uma correlação direta, pode haver se o indivíduo se isolar.

M: Eu, para confirmar esta tese, fui ver as estatísticas do ‘Pordata’ e vi que realmente as taxas de detenções relativamente ao tráfico de drogas tinham o seu ponto mais alto entre 1997 e 2002, então ... em Lisboa no total, não só no Vale de Chelas. Mas foi uma confirmação que o programa de realojamento provocou, num momento, esta subida no tráfico de drogas, basicamente. Bom fui eu a fazer esta correlação, mas eu achava mesmo significativa (...)

Q: Também é preciso não esquecer que foi um período de alguma riqueza – entre aspas. Ou seja, foi um período de financiamento europeu, houve eventualmente um aumento de suposta qualidade de vida ... E, por isso [havia também] mais procura de drogas.

M: Então havia uma maior procura...

Q: Sim claro, mais dinheiro [significa] mais procura (...). O que estou a dizer é que há uma hipótese que num período de maior riqueza ou enriquecimento de um país também pode haver algum acréscimo em algum tipo de consumo.

M: Sim, há sempre vários fatores.

Q: Depois também é preciso perceber outros contextos do porquê de as pessoas entrarem no tráfico de drogas. Na antiga *Curraleira* havia uma geração de crianças que cresceram sós, seja ao cuidado de avós, muitas vezes já com dificuldades para poder acompanhar os netos. (...) foi uma geração em que os pais foram presos, ou morreram de SIDA...E, portanto, uma geração de muitas crianças ali cresceu sozinha, e portanto este também pode ser um fator que possa – em lugares em que essas vivências são mais acentuadas, também ter a sua influência. Acho que há coisas que contribuem, que ajudam. O isolamento e a pobreza extrema, acredito que facilitem, ou leva pelo menos a que cada um dos indivíduos pense nisso como uma série de possibilidades, mas não há fatores únicos, obviamente (...).

M: Achas que, além de tudo, aumentou a desconfiança entre as pessoas com o programa de realojamento? (...)

Q: Há uma certa desconfiança com as instituições (...).

M: Mas entre os vizinhos não [se sente esta desconfiança]?

Q: Um bocadinho, com algumas novas práticas... Algumas práticas ganharam outra dimensão.

M: Como assim?

Q: (...) Portanto o bairro era uma aldeia (...) urbanisticamente também tinha uma forma mais

protetora (...) [Quando] colocaram as pessoas em blocos e em espaços mais abertos, tornou algumas coisas mais visíveis. Portanto...

M: Também pode ser por causa disto que hoje em dia estamos mais conscientes do tráfico de drogas.

Sim, e tornamo-nos mais conscientes do perigo também.

M: O Vale de Chelas então são os blocos/ os bairros sociais?

Q: Não o Vale de Chelas é uma coisa maior, apanha várias freguesias, mas numa pequena parte do Vale de Chelas estes seis BIP/ZIPs [da *antiga Curraleira e Picheleira*] são localizados.

M: São cinco, não é?

Q: Sim. Mas o Vale de Chelas ainda integra Marvila, Beato, São João, portanto é enorme, parte de Areeiro ainda... é enorme.

M: Então, na minha tese, como é que eu vou falar da zona de intervenção?

Q: Antiga área geográfica onde se situava a Quinta da Curraleira, em duas freguesias. Na altura era Alto São João e Beato, e junta a Picheleira. Os BIP/ZIPs eram todos parte da quinta da Curraleira. O Bairro Horizonte foram os primeiros processos de realojamento. Foram os primeiros processos políticos, políticas públicas (...). A curraleira ia até à zona do VMBA [associação dos moradores] e a Picheleira, era ao lado da VMBA.

(...)

M: A Picheleira também fazia parte da Curraleira?

Q: Não, não. Mas o USER abrangeu. Enquanto a intervenção, para pensar o espaço público, porque o espaço publico não é só a zona do expectante, é das acessibilidades, são as vias de comunicação, são os passeios...

M: Parece que há opiniões divididas sobre qual é o coração da *antiga Curraleira*. No teu tour disseste que o coração era o *skate park*.

Q: Não, é onde começa.

M: Porque o Telmo do SC considera que o coração era lá onde que hoje têm o ETAR.

Q: Ele é que vive no bairro. A Curraleira é muito grande. (...)

M: Parece que há uma pequena competição porque os territórios estão divididos entre duas freguesias. Eu tinha a noção que havia uma rivalidade entre as duas...

Q: Não... isso são questões da gestão formal da administração do território. Naquela comunidade não há fronteira.

(...)

M: Mas tocam-se no USER.

Q: É difícil uma articulação inter-freguesias. Não é uma prática comum. Não há muitos presidentes de junta que façam isso...

M: Mas isto não constrange as intervenções do USER?

Q: Neste caso em particular, no USER e no BIP/ZIP estamos a intervir num estaleiro de obra, a querer convertê-lo numa praça, e é um território um bocadinho das duas. Um bocadinho mais duma do que doutra. E basta este desequilíbrio, esta pequena diferença, para que isto seja um jogo de empurra, de quem é que tem a propriedade para gerir. (...) O papel da fundação é facilitar um pensamento para o território, que é lá gerir uma ação que seja lá consequente. Que tenha um princípio, um meio e um fim e que nesse processo possa mobilizar através da comunidade. Comunidade somos todos – os residentes e quem lá trabalha.

M: E achas que já há resultados do USER?

Q: Há resultados dos projetos BIP/ZIP, de requalificação de espaço público.

M: Por exemplo?

Q: As hortas, novas interações por exemplo, novos utilizadores, pequenos sítios onde as pessoas poder ir estar, conversar, já temos vindo a fazer vários trocas de sementes, de brinquedos e de roupa e estamos também a fazer uma feira de hortícolas periódica. Progressivamente, isto vai mudar a face do lugar, trazendo ali novas dinâmicas e que sobretudo traga as pessoas do próprio bairro para a rua (...). Porque com isto vêm as outras coisas.

M: E isto mobiliza as próprias pessoas a tomar iniciativa e....

Q: Sim.

M: Achas que os BIP/ZIPs melhoraram com o USER?

Q: Tinha a noção que alguns BIP/ZIPs nesta zona eram um bocadinho arbitrários.... tipo de repente há uma escada no meio de nada, e que não tem grande funcionalidade. O que o USER trouxe, apenas foi consolidação dum pensamento que já estava em processo e trouxe [ou] abriu a oportunidade para tornar o lugar a partir da requalificação urbana, potencial lugar. Não trouxe mais nada. O que o USER possibilitou, foi como que o espaço publico traz outras coisas, por exemplo novos utilizadores, gente que conhece o local. Como é que nós podemos articular isto com a escola...portanto traz uma dinâmica mais ampla. É o que o USER traz.

M: E se calhar esta dinâmica pode resultar em melhores BIP/ZIPs, quer dizer....

Q: Acho que elas estão a resultar e devem continuar, mas deveria até haver mais financiamento para fazer andar uma estratégia e não um pensamento.

M: E achas que houve BIP/ZIPs em que faltou a estratégia?

Q: O USER não trouxe nada, além de novos parceiros, e por necessidade e exigência do financiador se fez um plano. O que aconteceu aqui é que já havia um plano e esse plano foi alargado, tornou-se mais sistemático. Foi a oportunidade para ver o processo em sistema, envolvendo educação, as escolas o comercio local, envolvendo os residentes envolvendo os serviços do local, e como tudo isto pode combinar todos em conjunto fazer uma nova centralidade para um “não lugar”. Mas a consequência deste pensamento ainda hoje estamos à espera. Existem por exemplo dois gabinetes de apoio aos BIP/ZIPs e que não funcionam. O USER introduziu coisas boas, mas gerou também consequências, nem todos nós nos apropriamos daquele território da mesma maneira e para os mesmos fins. Portanto há aqui ainda questões por equilibrar em toda esta dimensão. Podemos dizer que são aspetos importantes para a ação, mas falta agora mais pensamento, mais estruturação, mais reflexão e a população. Ou então dizer, não, tudo isto foi muito bonito, mas não vale a pena...

M: Tens confiança no USER?

Q: Escuta: o USER é um nome, o USER traz uma série de princípios, de supostos. Acho que as entidades públicas estão muito distantes dos lugares. A Câmara poderia estar mais perto do processo.

M: Mas achas que ajudou as associações?

Q: Ajuda sempre. Quando nós fomos ao território, pusemos técnicos que nós sabemos que têm influência naquilo que se passa no território, nomeadamente técnicos de uma Câmara, de uma junta de freguesia, que são duas entidades que têm capacidade gerir decidir, e administrar o território. E se eles estiverem próximos e se derem conta das consequências do que lá estar por fazer, as instituições mobilizam-se mais para fazer. Porque quem tem a capacidade de decidir, tem de estar a trabalhar com as comunidades e as pessoas, *street artists*... Falta isto a acontecer, com mais prioridade, com mais intensidade, com mais ritmos e que estes técnicos estejam mais próximos das populações daquelas que recebem (...).

M: Eu acompanhei o USER um bocadinho, especialmente o *USER convida*, e tinha a impressão que já era um primeiro resultado.

Q: O *USER convida* está há muito tempo programado, desde o princípio. Chamou-se *USER convida* desde o momento em que se candidatou ao projeto da união europeia, era o final do projeto, um resultado de uma serie de iniciativas(...)era uma coisa que estava prevista (...). O *USER convida* já era para acontecer há um ano, por fatores vários. por exigências da Câmara, dos timings da Câmara, sobretudo por processos burocráticos da Câmara. Do *USER convida* foi a Câmara que geriu os fundos, os fundos nunca passaram pela comunidade exceto no *USER convida*. Os fundos vêm da União europeia e a Câmara depois deu esta parte.

M: Agora sobre o SAAL no bairro Carlos Botelho e no Belo Horizonte. No Belo Horizonte as pessoas já têm direito à sua casa, não é?

Q: Não, uma e outra estão falidas.

M: E achas que o GABIP e o Ex-SAAL podem reviver isto?

Q: O GABIP foi criado com esta finalidade. Uma das *caixinhas*... o GABIP criou outras caixinhas. (A casa, tinha que ver com estas questões não só de modelização das cooperativas, mas também com problemas culturais.) Tinha a caixinha da rua, e outra caixinha da família, que era para tratar das questões de educação de saúde, sociabilidade... emprego... tudo aquilo que estava agregado às condições de uma família. E, portanto, numa dessas *caixinhas*, como eu digo, o GABIP é uma coisa que ganha pouca utilidade, está em operativo. Há muito tempo estamos a querer uma avaliação de tudo isto e há dois anos que estamos a aguardar resposta às questões da Câmara relativamente a funcionalidade do GABIP.

M: Ainda está sem resposta.

Q: Se me perguntares, os GABIP, na sua ideia, tinha validade e utilidade, mas acho que ainda

precisamos de crescer.

M: Mas achas que, mesmo assim, o SAAL ainda faz parte duma identidade nos bairros de Vale de Chelas, quer dizer, as pessoas ainda se identificam com isso, não é?

Q: Sim, é uma memória muito fresca.

M: Então esta memória se calhar é uma coisa boa mesmo que hoje em dia haja muita desilusão. E podes confirmar que o BIP/ZIP se inspirou um bocadinho naquela ideia do SAAL, de mobilizar as próprias pessoas.

Q: Não sei...

M: Parece-me que há uma mesma filosofia.

Q: Sim há uma filosofia sim. O SAAL pretendia a participação das comunidades, mas teve dinâmicas diferentes e processos diferentes, até porque tinha equipas técnicas que estavam a trabalhar diretamente nas comunidades. O BIP/ZIP não funciona dessa forma, embora tenha equipas de acompanhamento, mas é diferente - os processos para avaliar, os projetos, etc., e faz sentido obviamente. Mas não são equipas que estão a trabalhar com esta comunidade. O que eu acho que tem de semelhante é a preocupação de querer conviver com a participação dos residentes, das associações locais no processo do desenvolvimento da comunicação das comunidades onde se inserem, e eu acho que sim (...). Eu acho que a qualidade do BIP/ZIP é pôr as comunidades, os residentes e [os] profissionais a interagir e a pensar intervir em conjunto na comunidade.

M: Obrigada pela entrevista.

Q: De nada.

Appendix V.

Interview with Telmo Alcobia – Street artist from *PA-REDES*

Interview taken in Sementes a Crescer in July 2016

M: A participação (dos jovens) no *Clube* já melhorou (...)?

T: Há menos jovens no espaço do *Clube*, porque eles estão menos habituados a ir lá. Quer dizer, aqueles que estão lá, estão habituados a ir lá... Apanhámos mais jovens aqui nas sementes. As aulas nas escolas começaram com poucos participantes, mas foram aumentando. (...)

M: De quantos anos?

T: Apanhámos uns quantos miúdos com 14, 15, 16.

M: Então já têm mais capacidades de desenho também.

T: Sim.

M: E conseguiste ter um grupo dedicado com o qual imaginas poder pintar os muros aqui no bairro? (...)?

Neste momento, já deu para identificar uns quantos miúdos, até mesmo alguns dos mais novos, que têm mais gosto pela coisa (...). Assim que tivermos [definidos] os murais, acredito que vai haver outro interesse, mas aí já é a malta que vai integrar um grupo que está mais organizado. Quer dizer, não serão aulas como estas, mas há que ver se esta parte é grupo, projeto. Quem fez o projeto pinta, e tudo mais...

(...)

M: E quantos são, os miúdos?

T: Neste momento vamos apontar por um grupo de seis miúdos. (...)

M: Vai ser a freguesia a dar os espaços?

T: Estes espaços que estamos agora a ver ali (os primeiros são privados) e a junta de freguesia deu as permissões. Mas agora é questão de falar com os privados, com os moradores. Temos um projeto

para apresentar aos moradores, para obter o seu acordo (...).

M: E alguns miúdos ficaram desiludidos, porque pensaram logo que vai ser pintar murais e depois deixaram de vir?

T: Houve essa expectativa na primeira aula de todas, ainda no *Clube*, em que chegaram vários miúdos a pensar que é logo pintar e houve uma pequena desilusão. O que se passa é que este grupo de 15 miúdos que apareceu, notámos que esporadicamente ainda aparecem alguns deles... Ou seja, eles sabem que a atividade existe e na perspetiva deles eu acho que eles pensam que “vou lá só passar um tempinho”. Quando vão lá, para que tenham noção do que é, tento puxar por eles, para não estarem só a ocupar o tempo, também para aprenderem algumas coisas, e melhorarem em algumas coisas. E temos conseguido [observar uma evolução]... até com os [miúdos] mais pequenos. A evolução é pequena, mas há evoluções.

M: Mas conseguiram despertar algum interesse nos miúdos que vieram só para matar tempo?

T: Os miúdos não têm bem noção do que nós temos – de melhorias e projetos e evoluções... o miúdo só sabe que fez aquele desenho e se gosta de desenhar, ou não, naquele momento. Nós é que temos de ver como é que eles começaram, como é que melhoram enquanto estão a fazer, e qual foi a comparação, por exemplo. Nós estamos a guardar os desenhos, separados por miúdos. Agora estamos a acabar as exposições, porque mostram que há uma avaliação. Mas os miúdos mais pequeninos não estão a pensar: “eu agora estou a fazer um desenho simples para amanhã fazer um desenho complicado”. Mas eles até já estão a conseguir fazer desenhos não tão simples. (...)

M: E achas que, além da capacitação artística em desenhar, as aulas podem funcionar como uma forma de terapia?

T: (...) Eu acho que aqui foi mais do que terapia, foi psicologia – no sentido em que se adapta o trabalho aos materiais, e em termos de pedir ajuda – a darem uma dica ao colega do lado. Num dia optei por um desafio de posters que consistia em pôr vários miúdos a fazer um poster em conjunto, ou seja, a trabalhar na mesma folha, o que seria impossível nos primeiros dias. E funcionou bem, com o barulho que é costume deles, mas conseguiram trabalhar em conjunto, e é porreiro ver que se habituaram às aulas, a um certo nível de saber estar numa aula e de saber fazer as coisas.

M: E achas que as escolas não oferecem isso?

T: O problema das escolas (...) é que têm muito a tendência a ter um ensino individualizado, não no sentido que estejam a dar atenção ao aluno individualmente, mas no sentido em que os resultados deles são apoiados individualmente, portanto estão a debitar matéria, e estão a ver individualmente

os resultados. Aqui (...) a estrutura é mais livre, estamos a ver cada um deles individualmente, mas os resultados acabam sempre por ser mais coletivos, que todos veem, todos comentam, todos copiam uns dos outros.

M: E não é por notas...

T: Pois. Sim, notas não importam aqui, porque tu tens que cometer erros para aprender, e arte sem erros não é arte – é ilustração, é design – os erros é que fazem a coisa avançar.

(...)

M: E achas, que o PA-REDES resulta em unir a comunidade do bairro, dos bairros Nascimento Costa e Carlos Botelho?

T: Neste momento, eu pessoalmente tenho trabalhado só com estas camadas mais jovens que têm vindo cá, mas sei que o levantamento de memórias tem funcionado com os mais velhos e a população intermédia (...). A resposta às exposições também é positiva, mas eu ainda não [...] tive muito contacto com a comunidade, fora aqueles que por exemplo trabalham no Sementes ou que trabalham no *Clube...*

M: Mas havia aquelas exposições também, não é?

T: Sim, sim e aí mostraram algum interesse nos trabalhos dos miúdos...

M: E achas que o PA-REDES resultou em capacitar algumas crianças e consegue dar-lhes novas ambições para o futuro (...)?

T: O meu contacto com as artes plásticas tinha sido a BD, eu sou muito fã das BD, dos *comics* (...) (...) Mas até decidir ir para artes... houve várias circunstâncias pequenas, como amigos que foram, que disseram que não tinha que ter matemática. Portanto, foi uma partida tardia, digamos, porque a nível de cultura, ou saber pintores e isso, eu não sabia. O próprio liceu não me formou assim tão bem e quando entrei na faculdade ainda patinei um bocadinho. Mas o que que eu estou a dizer aos miúdos é.... despertares o gosto, e despertares o olhar. E eles agora têm uma vantagem que eu não tinha na altura: a Internet tornou-se tão comum (...). Eu [na altura] ia procurar o nome de um artista na biblioteca e tinha que ler um livro ou outro. (...)

M: Mas deves despertar o interesse na mesma, não é?

T: Sim nestes miúdos a questão aqui é gostarem de ver coisas e fazer. Quanto mais faz, mais se quer

fazer e ver. Eu estou-lhes a dar coisas a eles, que eu próprio não tive – é um *kickstart*, nem todos vão levar isto a fundo, mas eu noto que estão a desenvolver-se bem e considerando o que eu conheço do ensino superior e vejo desenhos de outros miúdos: há aqui uns miúdos que já deram um pulo enorme, e que não seria nas aulas normais, que o dariam. O problema das aulas é isso, mesmo que o professor seja bem-intencionado, quando tem uma turma de 31 pela frente é muito mais complicado de gerir. E infelizmente as artes plásticas são uma área em que há pessoas que não têm a formação e que deviam ter (...). É muito complicado ensinares alguém desenhar uma coisa complexa como, por exemplo, uma árvore. Se tu não sabes ver a árvore, e traduzir tu próprio... (...). Os professores querem que tu desenes a foto realisticamente, sem te darem nenhuma técnica para fazer isso, sem saberem corrigir-te o erro. Sabem que está mal, mas não sabem se é porque o olho está maior (...). E mesmo se tens um bom professor, ele pode estar sobrecarregado de trabalho. Portanto, o que os miúdos têm aqui é muito difícil de ter (...). E estes miúdos, guardando o gosto do que foram aprendendo, as coisas facilmente pegam mais no futuro. Hoje em dia, se lhes dás um ponto de partida, que hoje já há cursos online, desde tudo, desde o desenho, à pintura, à pintura digital por exemplo, que é uma área que está muito na Internet, que é como pintar com Photoshop e outras coisas... Portanto, havendo o gosto e continuando a trabalhar - as ferramentas estão aí (...). É como se fossem receitas culinárias. Sempre houve receitas culinárias, mas nunca houve programas de pintura (...). O que se passa aqui com os miúdos., a partir do momento em que eles ganham o gosto e imaginam (...) – eu não hei de sair daqui inclusive sem ter achado um bocadinho essa disponibilidade: “olhem e vejam, digam me qualquer coisa por e-mail ou vejam este site ou vejam aquele site...”

M: E eles fazem?

T: Neste momento em que eu estou cá tem funcionado. Eu estou cá e dou estas dicas. O que estou a dizer é que a ideia é sair daqui com um grupo que funcione (...). E há coisas na Internet que dá para manter este gosto e dar algumas bases (...). Não posso nunca recomendar um site ou um artista para todos, e neste sentido, vamos ver como o projeto avança. Os murais, então, é aquele momento de desabrochar, porque só o facto que estarem com tintas, em que pintas uma parede para toda a gente e em grande: (...) eles vão ter mais certezas sobre o que gostam de fazer e de que o querem fazer (...). E quando souberem que gostam e o que o sabem fazer bem, eu aí já posso ajudar com dicas (...).

M: Queres mesmo motivar os miúdos a ter um estilo próprio?

É o que eu digo, eu quero ver o gosto deles (...). Só aos 21, já depois digamos de ser um individuo

bem formado, é que consegui ter uma identidade, e depois ainda estive uns anos a desenvolver-me nas artes plásticas. Quando se tem um curso de três ou quatro anos de pintura aos 21, estás a acabar o curso mas ainda não estás.... a tua personalidade ainda não está definida (...).

M: Ok já percebi, o PA-REDES pode funcionar como um de vários passos no caminho deles...

T: (...) É um processo, a integração não é um resultado final, a integração artística é um processo e, portanto, o que nos interessa é ver a evolução, porque a evolução ideal é que daqui a seis meses já haja um miúdo aí [~~que já vai para onde aquilo que eu faço~~] [que já segue o mesmo caminho que eu]. É complicado, mas não é impossível (...).

M: Em 18 meses, também há tempo para ver um desenvolvimento.

T: Sim, é o que eu digo: o que custa é começar. É muito difícil entrar, é muito difícil fazer as pessoas colaborar, e quando começam a colaborar, começam a ver coisas a acontecer, que ainda não tinham visto (...). Portanto, o ideal seria que, quando eu sair daqui, que ainda haja murais a fazerem-se aqui. Nós vamos dar todas as informações de como pedir a autorização da Câmara e falar com os moradores, vamos fazer isto também, por isso, é claro que é importante para nós - por exemplo há questões para pedir a comissão da GAL para pintar um muro – mas, para isso, tens que ser maior de idade.

(...)

M: Então vai ser complicado para os miúdos, não é?

T: Não, depende. Porque é assim, é um projeto de uma associação de trás, mas o que estou a dizer é que as mesmas questões, para além do pagamento, questões de burocracia e tudo mais, por isso é bom ter miúdos de 15 ou 16, que ainda agora fazem as coisas neste, mas daqui em dois anos já estão autónomos e podem seguir os seus muros à sua vontade. E temos parceiros [termo inaudível] que vão dar oportunidade a estas aulas de ir a outros sítios, ver coisas.

M: E tu achas que os muros pintados podem acabar com a animosidade no bairro e dar uma nova identidade ao bairro?

T: Sim, porque nós...antes havia uma tese que era anti graffiti, quer dizer, as paredes estavam partidas e *grafitadas* e criavam um ambiente crime... não criavam um ambiente crime, as coisas é que estavam abandonadas. O graffiti por si só não tem a ver com um lado ou outro. Agora o que

acontece é o efeito contrário, que é quando tu tens murais, quando tu tens arte, já não há graffitis... os graffitis desaparecem [termo inaudível]. Neste bairro, a produção graffiti não é muito problemática, mas mesmo as pessoas que poderiam produzir graffitis já se sentem obrigadas a subir o seu jogo (...). Em Chicago, que era ilegal, quando disponibilizaram paredes para se pintar livremente, (...) a qualidade melhorou muito e criaram-se muitos estilos na altura. Quando se tornou outra vez ilegal, continuaram a pintar a rua e voltaram a fugir e a correr. Portanto: um *tag*, um nome e despacha (...).

M: Então um bom mural pode [mesmo] melhorar o nível de graffiti?

T: Ah sim, completamente (...). Nós vemos pelos outros e, por exemplo, mesmo questões relacionadas com a idade como miúdos de 16 anos que dizem “ah não me vou sentar com os miúdos de 12 para pintar”, mudaram. Aquela malta está a pintar e diz “eu pintei, ou eu também quero ir pintar, e dizer que eu pintei isto”, e isso funciona bem. E depois há a questão de chegar a um bairro, que tem murais, que tem uma visita guiada – por exemplo, nós ao pintarmos um sítio, vamos dar atenção ao sítio, e os problemas do espaço passam a ser mais visíveis (...). E uma coisa que pode promover abandonos, acaba por fazer o contrário, ou seja, é quase como “pôr uma luz nas coisas”. As coisas podem não ter mudado tanto, mas só o facto de haver uma luz, uma coisa que chama a atenção, faz toda a diferença. A forma como as pessoas vivem no bairro muda, e o bairro (...) vai-se tornar mais atraente a quem vier, porque vai haver coisas para descobrir. Já não é só andar num labirinto de ruas...

M: Não há só uma monofuncionalidade, para morar cá (...). Então a *street art* vai acabar com a monofuncionalidade do lugar?

T: Sim, e acho que isto torna os espaços muito mais convidativos para estar. Por exemplo aquele espaço atrás do PUB está lá um pequeno graffiti já, e estamos a tentar aproveitar aquele *throw up*. É um espaço que parece um baldio, mas é um espaço que tem vida, ou seja, tem gente a jogar à bola, tem gente a passear o cão, tem muita gente a agradecer aqui o *tag* (...). Mas já havia uma coisa, e vai saber que o tal há aqui, e que depois aparece outra, ou seja, deixa de ter uma função de ir de A a B, mas torna se um passeio, torna se um experiência. Deixa de ser funcionalidade parva, deixa de baixar os olhos para olhar para o mural, para olhar para o céu. Acorda as pessoas um bocado para viverem ...

M: e participarem...

T: Sim.

M: Então achas que o PA-REDES também é um incentivo para [depois] continuar com os *street art* (...)?

T: Sim. A equipa vai sair daqui, pode ir ajudar outro bairro a começar os seus próprios murais. Continuar era o ideal, vamos tentar e acho que é possível. Tudo depende, digamos, da motivação do bairro. E vamos ter resultados, resultados bons. Mas se o bairro se motivar a sério podemos ter resultados excecionais. Porque é, por exemplo, há um - a malta começa a falar erradamente da *street art* como base de uma mais valia imobiliária.

(...)

Que é “ah isto vai melhorar a zona, a zona torna-se mais bonita e mais agradável” (...). Mas um mural a sério é muito mais do que isso, um *street art* antigo diz alguma coisa e tem identidade. É mais reclamar o espaço do que valorizar um prédio só para ser um conjunto de apartamentos com um exterior bonito. É que as pessoas confundem um bocado, (...) há pessoas que não percebem o a diferença entre um bairro e um conjunto de edifícios. É a vivência – e a *street art* neste contexto pode potenciar isso. Há um risco, e a gente está a ponderar a hipótese de trazer outros artistas para interagirem e fazer murais. Mas (...) aí não é uma gentrificação, mas é quase como ocupação: é murais que aparecem tipo algo que se estaciona ali e que são iguais em todo lado. A gente quer uma identidade específica aqui. Os outros são bem-vindos para criar diálogos, mas a história daqui é que nós interessa.

M: Então vocês não querem que qualquer artista chegue aqui e venha pintar um mural, mesmo se fosse um mural do “caraças”. Querem que os artistas entrem em diálogo...

T: Não, nós estamos a abrir o espaço para isso acontecer no futuro, mas o que nós não queremos é que venha alguém de fora com 10 anos de murais e muita técnica, fazer um mural para depois os residentes dizerem “Opá ele pinta melhor do que eu, eu não vou pintar.” O que nos interessa aqui é a voz das pessoas.

M: Então vocês querem mesmo promover que as pessoas pintem?

Sim, acima de tudo é isso (...). O Banksy [por exemplo] faz coisas antissistema, é uma voz popular. O Banksy está a seguir uma tradição que foi o movimento punk inglês (...) e é um dos primeiros a tornar graffiti em arte, [aquilo que] os brasileiros chamam *pixação*. (...). E a *street art* veio tanto dessas questões políticas, da ocupação do espaço e do [termo inaudível] como veio do hip hop. (...). A *street art* veio para cá através do hip hop (...). E essa atitude da voz das pessoas é importante. (...)

M: Mas aqui [o assunto] não vai ser tanto o hip hop imagino eu...

T: Eu acho que o hip hop deve ser um meio, como um mural deve ser um meio. não é a mensagem que torna o punk diferente, e é por isso que eu falo tanto no punk, o punk não é um estilo de música, ou um estilo visual. O Punk é uma atitude. Atitude de antissistema e de “eu faço o que eu quiser”, que vem muito dos movimentos anarquistas, e acabou por ser uma mais valia para a sociedade. Depois, dentro do Punk, há Punk parvo e Punk inteligente. (...)

M: Mas aqui não é uma atitude que vocês promovem, é um meio mesmo.

T: Ah sim, não estou a dizer que aqui a atitude não será o Punk, porque nós estamos a ter permissão e apoios para criar estes momentos de “dar voz às pessoas”.

M: E tu achas que isto é complicado, para a *street art* em si, ter esta intervenção através de associações... tipo, achas que é complicado ter a autorização para o movimento de *street art*?

T: Até mesmo o nome *street art* veio para substituir graffiti, porque graffiti é um jogo, é como um enorme jogo de competição em que ganha quem consegue marcar mais sítios, com letras maiores, nos sítios mais perigosos. E não importa muito o visual, e estão a falar para os outros que jogam o jogo, não estão a falar para toda a gente. Aqui, o que se passa é o seguinte: é que as instituições estão a dar – como a Galeria da Arte urbana (GAU), em que já participei – dão espaço e facilitam a intervenção, e isso é bom. E é isso que estamos a fazer. Está tudo na positiva, está tudo a ir bem, mas a permissão pode ser um problema para alguém se se tornar em censura (...). Ou seja, nós só damos permissão para o mural a dizer muita bem da junta de freguesia. Isto não é honesto. Portanto a partir do momento em que se está a falar, (nós não temos que falar da junta de freguesia bem ou mal), mas se as pessoas daqui têm uma queixa e quiserem dizer esta queixa...

M: E tu vêes algumas queixas aqui nos muros?

T: (...) Eu acho que este espaço, parece-me um bocado – talvez – falta este sentido crítico, ou seja o mural ser determinada coisa, poder chamar atenção para alguma coisa [termo inaudível] ou para um problema. (...). [O que nós queremos é] pôr as pessoas a pensar. Quando as pessoas pensam é normal que haja pontos bons e pontos maus. A questão aqui também tem a ver com o [facto de] *estarmos* numa cidade que lançou a ideia da *street art* como tendo apoios e em que é dada muita liberdade. Outras cidades como o Porto, que agora mudaram, [~~mas~~] eram muita repressivas em tudo o que era intervenção, e ainda estão mistas. E tu não percebes porque é que eles apagam algumas coisas e deixam outras. É complicado... (...). Aqui [na *antiga Curraleira e Picheleira*] (...) há um ambiente porreiro: é a ideia é de promover a integração nas aulas em que os miúdos de diferentes grupos tenham funcionado, ou seja, eu acho que há facilidade aqui, e quanto se fala de “dar a voz às pessoas”, as pessoas estão a dar voz a saudades e a memórias (...).

M: Vês uma crítica ao programa de reabilitação aqui [no bairro]?

T: Não, eu não acho que seja isso, é a saudade [do] ‘*como era* [antigamente]’. Mas a saudade daquilo que era não tem que ser crítica ao que é. A saudade do que era pode ser, e parece-me que há esse ambiente [aqui], (...) um caminho para o futuro, mas *encaixado* com essa saudade. Eu não estou a ver as pessoas dizerem só: “odeio a casa, odeio que isto seja vertical em vez de horizontal”, ou então, eu vejo as pessoas a dizer “era giro antes”, então o que é que mudou?. Esses murais podem ser aquela questão de criar uma nova forma de comunidade, que é: “olha, vamos!”. Aqui [tem] um largozinho que tem duas cadeiras, pode até ter três ou quatro cadeiras aí, uma vez que está lá o mural, e as pessoas podem ficar lá.

M: Ok, estão a lembrar-se do que que é era bom (...) para outra vez...

T: Eu acho que ainda não se falou nisso. Mas é verdade (...). O que pode distinguir-se aqui é a unidade e entreajuda. É verdade que [o antigo bairro de lata] começou com duas pessoas, e pode ser que estas duas pessoas [p~~ossam~~] [tenham] ter ajudado as outras [pessoas] a construir a casa [ou] as barracas (...). Todos juntos decidiram que precisavam de água, e foram fazer uma puxa de água.

Foram criando. As comunidades criam-se, como se criam os prédios, como se criam as barracas. Chegar e criar, e ter este esforço coletivo une as pessoas, porque se as crianças trabalham juntos identificam-se. E aí é que está, quando as coisas são dadas, quando as coisas são fixas, é mais difícil pensar que são nossas.

M: Então a *street art*, ou esse projeto, serve principalmente também para criar [coisas] outra vez “em conjunto”, não é?

É, eu odeio usar expressões em inglês, quando há tantas expressões em português, mas é muito aquela ideia do *empowerment* – [ou seja] dar o poder às pessoas.

M: [Tipo] capacitação...?

É, capacitação. E o *dar poder* é de dar-lhes voz, dar-lhes os meios pelos quais eles podem pensar uma ideia, os meios para darem imagem [termo inaudível] a fixar no muro – de onde vêm e para onde querem ir, e discutir [termo inaudível].

M: E tu achas que...

É como uma própria rádio.

(...)

M: Já tens alguma ideia dos muros...

T: Nós falámos aqui de começar em pequeno, com os miúdos mais novos (...) na parede do centro [termo inaudível]. Mas agora ainda é preciso tratar de burocracias e falar com os moradores.

M: O Clube faz o levantamento das memórias para identificar bons sítios para os murais...

(...)

T: Sim, as memórias são prioridades importantes, porque as ideias estão lá, e é bom pensar no desejo. (...)

M: E os muros, a *street art*, não tem público alvo, pois não? (...) normalmente [a *street art*] quer direccionar-se a todas as pessoas...

T: *Street art* seleccione legalmente ou ilegalmente [os murais]. O público-alvo pode ser as pessoas que passam aqui.

(...)

M: (...) ok claro, a *street art* (...) aqui vai direccionar-se aos moradores daqui, mas se calhar [o PA-REDES] também quer transmitir uma mensagem universal? Por exemplo, aquela mensagem da integração. Tu achas que há uma mensagem universal que o PA-REDES quer transmitir?

T: (...) Eu acho que é isso. É um bocado tipo como aquela expressão americana: *By the people, for the people*. É ser feito pelos moradores, para os moradores (...). Cada povo tem a sua pintura, o seu artesanato, a sua forma de vestir. Tudo o que segue os murais vai falar sobre as pessoas que os fazem. É um objeto sempre antropológico, e nesse sentido, esta é uma forma de vermos essas pessoas...

M: E outras pessoas podem vir cá, e aprender sobre o bairro...

É, mesmo ver o quanto essa cultura deste bairro já está a ser influenciada pelo hip hop ou por [~~isto~~ ou por aquilo ou para outro] [qualquer outra coisa] (...). Portanto (...) [os murais] são objetos antropológicos, são memórias nas paredes. Os aborígenes australianos tinham o tempo dos sonhos, que era a origem de tudo, e eles criavam *land art*. [Isto] é pinturas e instalações de pedras em certas

zonas, que não eram só marcos físicos, de caminhos que eles costumavam fazer, mas cada coisa que estava lá servia como um tópico para eles se lembrarem de determinada história (...). (...) [Por exemplo eles usaram] cinco pedras para não se esquecerem que havia cinco personagens (...). Os xamanes – os artistas que o faziam [o *land art*] – eram sempre da mesma família, porque tinham de saber o motivo da história a fundo, e quem contava as histórias aos xamã, tinha que saber a história a fundo (...). Com base nas mesmas pedras, no mesmo círculo de cinco pedras, contavam uma história às crianças, com uma ou duas camadas, simplificada, mas contavam outra à população mais velha, mais complexa. E depois, para os outros xamanes já contavam uma terceira história, verdadeiramente complexa, que dava origem às outras, que era de diferentes leituras. Mas a instalação visual era a mesma. Por isso é que aqui os murais são importantes pelo que dizem [por si], mas também há uma parte importante do projeto, que é a visita guiada (...).

O que estou a dizer é que: há [sempre] uma leitura primeira, que as pessoas fazem, como as pessoas fazem das outras culturas. E [através das visitas guiadas] vamos tentar que [esta leitura] seja completa. Sem uma visita guiada há sempre coisas que se podem perder. E a própria pessoa que está a fazer a visita guiada, pode realçar um fator e não outro. Portanto, estas são coisas muito dinâmicas. Se alguém quer perceber [as dinâmicas do bairro] [por exemplo alguém que faz um estudo sociológico] – (...) [deve] falar com alguém que tenha estado relacionado com as memórias que aquilo [o mural] pode ou não ter, e [deve] tentar fazer as visitas guiadas com o máximo de pessoas diferentes possíveis. Porque no meio deles todos vai se construir um *puzzle* mais completo. Porque todos nós somos condicionados a uma perspetiva.

M: E imagino que vai ter diferentes *tours*, por exemplo *tours* para académicos, *tours* para crianças das escolas ou...

T: Sim, novamente, nós vamos ver - vamos tentar ao máximo ver dentro da população. [Vamos ver] quem é que pode fazer o trabalho de visitas guiadas, e também até que ponto é que eles [os guias] podem chegar a esses níveis de complexidade (...) [para] responder a questões... às vezes [pode] aparece[r] uma malta que tem questões técnicas. E [neste caso] é bom saber que a parede foi caiada e foi pintada *assim*, e que aquele traço é lápis, (...) spray (...) [ou] trincha.

(...)

M: E aqui quais vão ser as técnicas usadas?

T: Vamos usar um conjunto de técnicas, sendo que também há as questões financeiras. Uma superfície grande vai ser preenchida com uma boa tinta plástica. Um desenho mais expressivo será feito a spray, um pormenor será feito com canetas, com um pincel ou outros materiais. Portanto é o

meio aqui, nós não estamos preso a meios, os meios são os pormenores para o final. Por exemplo, eu achei interessante nesta ideia das memórias, uma coisa que eu vou tentar promover quando houver mais conversas, é que pode haver um mural que seja só uma questão de colagens e de imagens da altura. (...)

M: E Fotografias?

T: Os brasileiros chamam a isso *lamblamb*.

M: *Lamblamb*?

T: Porque metes cola primeiro e depois metes o poster e depois metes outra vez. E, novamente, isso foi uma forma dos punks para se divulgarem iniciativas. Depois foi copiada pelo marketing e foi copiado pelas empresas. Antes não havia essas colagens noturnas.
(...)

M: Agora, como já trabalhaste aqui um bocadinho, qual foi a tua impressão dos bairros sociais? O que que há de bom, o que que há de mau?

T: Bom, eu posso falar destes [Carlos Botelho e Picheleira], eu acho que aqui estão um pouco fechados e nem é fechados sobre si próprios, estão um pouco fechados. Ponto final. Vê-se algumas pessoas a conviver, vê-se algumas pessoas na rua, mas acho que não há muita interação com o espaço. E mesmo uns com os outros, é muito controlado. E eu acho que não é só porque o espaço não tem vida: é um espaço *não público* (como falam na arquitetura). [Isto significa] que é [um] espaço que só serve para ir de A a B, e não é um espaço em que tu estejas, em que tu ficas, em que tu interages. Eu acho que, com a *street art* vamos trabalhar muito nisso. E [por cima disso] acho que há aí uma espécie de pequenas iniciativas, de parques infantis e tudo mais. Porque eu acho que, com outras condições (...) vamos conseguir que as pessoas venham mais para a rua [e digam]: “o tempo está bom, venham ver acontecer isto, participem” – acho que vamos criar aqui um bom dinamismo do grupo.

M: Porque também há muitos espaços escondidos, que se calhar atraem muito negócio de droga e, se calhar [por isso] as próprias pessoas do bairro têm medo de sair...

T: Estes bairros são muito mais “calminhos” neste sentido, e muito menos problemáticos, do que por exemplo, quando continuas ali no estaleiro, aonde se vê claramente sinais de tráfico e de consumo de drogas.

M: Porque aqui há cafés, há vida, enquanto lá entre os bairros...

T: Ali [nos baldios entre os bairros] há uma naturalidade dessas práticas [de delinquência], que ocupa o espaço. Como que o espaço serve para isso. E estas práticas atraem sempre outras práticas atrás, de controlo, de potencial violência. Aqui [na *antiga Curraleira e Picheleira*] eu acho, pelo contrário, os bairros são bastante pacíficos - são relaxados no sentido em que não há um *stress* – mas também não há interação, e acho que falta um bocado a interação entre as pessoas e o espaço.

M: E achas que a *street art* pode acabar também com esta distância e falta de interação entre os diferentes bairros e as próprias pessoas?

Sim, porque a maior parte das pessoas precisam de uma desculpa,- como um cão, ou o tempo,- para interagir com uma outra pessoa. E isto [a *street art*] vai criar essas desculpas de interação. E vai promover que as pessoas vão ao espaço e usem os espaços. Vamos promover as assembleias de moradores onde as pessoas se juntam e discutem ideias e memórias.

M: Parece muito fixe.

T: E, às vezes, as pessoas vão achar pontos de contacto que neste momento não sabem que têm.

Appendix VI.

Interview with Maria Eugénia Coelho, councillor of the municipality of Loures

Interview taken in the municipality of Loures in July 2016

M: A Galeria da Arte Urbana na Quinta do Mocho poderá ser mesmo considerada como a maior do mundo?

V: Maior Galeria de arte Pública da Quinta do Mocho. Nós não podemos confirmar que é a maior do mundo nem que é a maior da Europa. De Portugal é seguramente.

M: Ok .

V: É, mas as indicações que temos, que têm que ser confirmadas (...). De facto, não existe na Europa num espaço tão limitado com tantas obras em conjunto. Estamos convencidos que de facto será a maior galeria da arte pública da Europa, do mundo... é que o mundo é muito grande.

M: Sim, sim e na África do Sul também tem bastante *street art*.

V: Sim, nós temos neste momento ... mas à medida que as pinturas, muitas pinturas, foram chegando, crescendo à galeria da arte pública, cada vez mais artistas manifestaram [a vontade] de participar naquela galeria. Para qualquer artista (e há muitas artistas) poder pintar no *Mocho* [na Quinta do Mocho] também é uma forma de projeção do seu trabalho.

M:Mhm

V: E portanto aos poucos, ehm, as propostas que recebemos dos artistas de várias partes do mundo para pintarem no mocho, foram crescendo e, depois também...

M: Mas vocês pediram, não foram os artistas....

V: Foram também os artistas que falaram uns com os outros, mas não há apenas um canal para se contactar com os artistas que estão espalhados por todo o mundo. Portanto foi também a divulgação do nosso trabalho, mas também a divulgação dos próprios artistas pela importância que a própria galeria foi tendo.

M: Então os artistas não foram pagos, mas o incentivo deles era mesmo só o incentivo de reputação profissional?

Sim, sim, e também de participação num projeto, sobretudo na galeria de arte Pública do *Mocho* que tem também aquela [dimensão] social muito importante. Nenhum artista foi pago.

M: Mas a tinta foi paga, e as instalações...

V: Sim, sim, as tintas, a grua.

M: os voos também?

V: Os voos não, cada um pagou o seu. As deslocações foram pagas por conta do artista, nós asseguramos os alojamentos quando eram precisos, a dormida a comida e as tintas, e as ruas e as [termo inaudível].

M: E então falámos da motivação dos artistas. Qual foi a motivação da CML?

V: Para a Quinta do Mocho?

M: Sim.

V: Para a galeria de arte pública foi uma forma de restituir-mos naquele bairro uma imagem boa e portanto ao mesmo tempo fazer com que as pessoas do bairro participassem coletivamente num projeto comum.

M: Sim.

V: Portanto teve [inicialmente] estes dois objetivos. Envolver as pessoas na procura de soluções para os seus problemas, mas também mostrar à comunidade toda que a Quinta do Mocho é um sítio em que há coisas boas a acontecer e que as pessoas podem ir lá. Portanto abrir de alguma forma o bairro a toda a comunidade para realçar sobretudo de que ponto se faz [termo inaudível].

M: E depois, tipo, o projeto começou na Quinta do Mocho e depois expandiu para Loures?

V: Sim, nós percebemos ao longo desta intervenção na Quinta do Mocho que a vontade que os artistas tinham – e que a referência de Loures, como uma marca muito importante de arte urbana, permitiria fazer com que a arte urbana saísse do bairro. Apesar de que já havia algumas obras em Loures, o que mostra que é uma forma de arte, de arte plástica, que permite aproximar as pessoas do espaço público.

M: Ok.

V: E portanto tentámos de alguma forma estender um bocadinho em todo concelho o que o aconteceu neste Loures Arte Pública com a criação de cerca de 100 obras, de mais 100 obras.

M: E esta ideia inicial era da Câmara ou surgiu em participação com a comunidade da Quinta do Mocho?

V: Não, esta iniciativa na Quinta do Mocho foi uma ideia da Câmara. Mas foi crescendo com a participação das pessoas. Aumentou aquela nossa dimensão primeira, quando percebemos que as pessoas do bairro valorizaram muito as pinturas e também quando percebemos que através da

dessas pinturas conseguíamos atingir um dos nossos objetivos que era de acabar com os rumores negativos que havia em relação à Quinta do Mocho.

M: E esta zona também é uma zona estratégica, ou acham que vai ser uma zona estratégica no futuro, para estabelecerem grandes empresas ou...

V: Esta zona já foi, e ainda é uma zona a volta da cidade de Lisboa onde a indústria era muito importante. Enfim com a crise e com a alteração do que vêm da indústria hoje em dia houve alguns excrementos [termo inaudível] das grandes fábricas que deixaram de existir. Mas esta é uma zona estratégica e, portanto, as atividades económicas têm muita importância para o município. As atividades económicas criam emprego, nós precisamos que as pessoas trabalhem.

M: então também foi para isso, para se calhar melhorar a imagem para atrair....

V: Também, também serve para isso. Nada esta desligado de nada. Portanto tudo que se faz no nosso território, quer a nível social, quer a nível urbanístico, quer a nível cultural, desportivo e por aí, tudo isso permite mostrar que o concelho de Loures tem grandes potencialidades em todas as áreas.

M: Depois uma pergunta sobre o *tour*, porque um dos guias falou que, ou disse que já há mais artistas que querem expor na quinta do mocho do que a CML tem capacidade de aceitar.

V: Já nos tem acontecido isso. As propostas mesmo antes deste *Loures Arte Pública* (as propostas para pintar no Mocho) tinham sempre listas de espera. E, portanto, à medida que for possível iram se selecionando os artistas para cá pintar. Com esta participação destes 100 artistas agora no *Loures arte Pública*, vários desses [artistas] que queriam pintar no *Mocho*, vieram pintar em Loures. Mas mesmo assim ainda houve alguns que não vieram porque não havia capacidade de resposta.

M: E o que que vocês fazem se surge um quadro que não era suposto estar lá? De um artista, de não sei, que não tem autorização?

V: Nunca aconteceu. Não...

M: O que fariam?

V: Não sei, é uma questão interessante, para já nós imediatamente tentávamos saber o que estavam a pintar, porque nós temos equipas no terreno permanentes. Mas nunca aconteceu. Mas nós entendemos a arte como um ato da liberdade. E, portanto, todos os nossos artistas que tenham participado aqui em Loures desenham e pintam o que querem. Nós não impomos nenhum tema.

M: Ah, isto também era uma pergunta minha. Eles pintam e depois não devem afirmar [as suas ideias] aqui com a CML?

V: Geralmente explicam o que pintaram.

M:Explicam antes...

Sim, e duma maneira geral, pelo menos no *Mocho*, há sempre uma relação com o próprio bairro. Porque o que acontece muitas vezes, é que os artistas vêm uns dias antes, estão ali, convivem com as pessoas, jantam e almoçam nas casas deles quando são convidados. E, portanto, quando conhecem a história do bairro, e quando fazem a sua obra, tem sempre alguma relação direta ou indireta com o bairro.

M: Sim isto é importante. Também isto normalmente faz parte do conceito de street art.

V: Exatamente. Agora voltando a questão anterior, se nós chegássemos e víssemos um artista a pintar - aquelas habitações são do município - mas isso não poderia acontecer porque nós estamos sempre no terreno e, portanto, rapidamente podemos intervir, e se fosse uma boa obra podíamos conversar com certeza... ahaha (riso)... se fosse um bom artista. Porque nós avaliamos – entre aspas –, e observamos o portfólio do artista antes de ele vir, para nos dar alguma garantia de qualidade (...).

Depois a criação é absolutamente livre.

M: Ok, agora devo ver... e depois, os artistas basicamente falaram com a comunidade para souberem quais são os medos.

V: Sim, já disse. Há quase sempre, na grande maioria dos casos uma interação muito forte entre a população e os artistas, onde se conhecem as expectativas, os receios, as ambições das pessoas, os seus problemas [termo inaudível].

M: E as pessoas desconfiavam no projeto no início?

V: No princípio tinham alguma desconfiança do que que vinha dali. Mas nós, antes das primeiras pinturas e antes do primeiro arranque – foi em outubro 2014 – fizemos algumas assembleias comunitárias com as pessoas e fomos falando das nossas intenções. E ouvindo também atentamente os seus problemas [termo inaudível], e sobretudo as soluções que propunham e construindo em conjunto essas soluções. As [soluções] que são possíveis.

M: Ok.

V: Neste momento não há desconfiança nenhuma, pelo contrário. É um grande orgulho.

M: Eu vi o vídeo na CML e um dos guias disse que no início as pessoas desconfiavam de facto, só que depois todos eles também queriam uma pintura nos seus muros.

V: As pessoas desconfiavam, porque durante alguns anos, antes de nós virmos para a Câmara havia muito... a relação da Câmara com os moradores era quase nula e portanto os problemas cresciam e as promessas que eram feitas não se cumpriam. Nós temos por lema não fazermos promessas, vamos construindo soluções (as possíveis com as pessoas) e dizendo sempre a verdade: “Isto é possível fazer, isto não é possível, nós não temos verba para isto, talvez daqui um ano se faça.” Portanto [falamos] sempre ‘*com verdade*’, e só falamos daquilo que temos a certeza que podemos fazer.

M: Foi a primeira intervenção no bairro da Quinta do Mocho?

V: Desde que nós cá estamos (nós só estamos na Câmara desde 2014) [o executivo] é um executivo diferente. Este executivo entrou em outubro 2013, um ano depois começámos a fazer a nossa intervenção no *Mocho* [na Quinta do Mocho].

M: Claro ok.

Depois as pinturas vão sempre ficar nas paredes ou vão ser substituídas?

V: Não nos próximos anos ficarão com certeza.

M: Eu imaginei que se calhar há uma procura tão grande...

V: Ah, mas não vamos desconstruir as feitas

M: Pois...

Além de trazer novas pessoas ao bairro, quais foram os outros objetivos atingidos com os sucesso da galeria?

V: A [termo inaudível] [proximidade] que conseguíamos conquistar com as pessoas. [Quer dizer a proximidade] da Câmara com as pessoas.

M: E também se melhorou a comunidade? Porque eu imagino que antes não havia uma grande comunidade lá.

V: Nós é que não conhecíamos. Havia, havia problemas sérios. Havia ambientes (...) difíceis, e de facto o ambiente melhorou. Porque as próprias pessoas perceberam que era possível ter uma imagem, criar um ambiente diferente do que aquele que existia.

M: E se calhar agora já há uma comunidade mais forte...

V: que se autocontrole. É isso mesmo.

M: Porque eu estou a analisar/ ou tenho como teoria básica a teoria de Lefebvre *Right to the city* ou *city-oeuvre*, não sei se já ouviste falar. Mas ele disse que a iniciativa tem que vir das pessoas.

V: Exatamente. É aquilo que nós defendemos.

M: Mas acho que é difícil quando as pessoas ainda não estão juntos, não têm objetivos em comum...

V: É este o trabalho que nós temos vindo a fazer. E mesmo ali e em qualquer sitio no nosso concelho, a intervenção na área social, que é um departamento que eu tenho, é muito nesta base: como é que as pessoas constroem soluções, não as soluções que a Câmara tem, mas aquelas que vêm da parte delas. Pronto. Há levantamentos de problemas, que a gente sabe, mas que as pessoas às vezes sentem de outra maneira. E com as pessoas também se faz este levantamento. ‘Então e agora, como que vamos resolver em conjunto?’

M: E além de ter atingido uma melhor comunidade, capacitaram as pessoas de outra forma?

V: Nós estamos a trabalhar, no sentido de também recuperar e de fazer um trabalho mais forte junto aos edifícios, portanto com obras. Mas também temos um trabalho, neste período, com as associações locais, para criarem também ofertas diferentes para jovens e para as crianças, de modo que percebam e que possam ocupar os seus tempos livres com atividades diferentes, e outras atividades que não entravam, que não são dos seus hábitos e também no sentido de – trabalhamos até com os ISCTE (...), algumas formações na área do empreendedorismo, de novas propostas dos próprios jovens (...). Temos lá também o *Programa Escolhas*, que também se baseia muito nisso (...). Temos associações locais, temos enfim as associações de jovens. Precisamos trabalhar mais para que o emprego aqui cresça e não dependa só de nós.

M: Claro.

V: Portanto nós trabalhamos muito com a escola, (...). [Trabalhamos na] formação daqueles jovens e [na] organização da própria rede escolar [para definir melhor] as necessidades daqueles jovens, mas é uma área [em] que temos que trabalhar, que temos que aprofundar. (...)

M: E os guias foram formados pela Câmara?

V: Sim [os guias] começaram a colaborar connosco de uma forma mais tímida e ao longo do tempos foram acompanhando os artistas na sua produção das suas obras (orientados também pelos nossos técnicos – naturalmente) e acabaram por conhecer efetivamente aquilo que é lá feito [termo inaudível]. Mas [acabaram por conhecer] também o bairro porque já era um conhecimento que tinham. Mas os nossos guias são voluntários.

M: Sim, claro.

Mas no futuro os *tours*, se calhar, seriam uma chance de emprego. Agora são voluntários mas ...

V: Estamos a pensar como é que isto se poderá fazer.

M: Ah, ok.

V: Estamos a pensar numa solução que não será definitiva (...). [Nós] estamos a incentivar muito a produção de souvenirs da galeria de arte pública (...).

M: Cartas postais e...

V: Enfim, sim, várias... canecas, pins

M: Sim, porque de facto seria uma boa possibilidade.

V: Sim estamos a incentivá-los neste sentido. E [os residentes da Quinta do Mocho] já começaram a fazer. [Eles] já vendem *pins* e *magnetes* [ímãs] para os frigoríficos. Portanto, que possam através da galeria, criar ali uma situação de comércio.

M: E se calhar também seria uma forma de ensinar-lhes a fazer guias em inglês ou...

V: Sim. Pode ser, pode ser. Nós temos um guia que fazemos nós, um roteiro. Mas pode ser. Nós estamos abertos a todas as ideias.

M: Porque por enquanto [o roteiro] serve mais para pessoas portuguesas, não é?

V: Mas também há muitas pessoas estrangeiras que vêm. Há algumas empresas turísticas...

M: que falam inglês?

V: Sim, sim, mas também há algumas agências de turismo que fazem os seus *tours* no próprio bairro. Não [é] pela Câmara, mas [muitos turistas chegam aqui] de uma forma individual (...)

M: Ah ok.

V: Ainda no outro estavam duas senhoras alemãs, já idosas...ah não, não eram alemãs, eram americanos.

M: Ah [os americanos] não tem nada ver [com os alemães] (riso)

V: Mas já no outro dia encontrei lá um casal alemão. Mas [na maior parte das vezes] há uma agência que [os] traz os turistas.

M: Então vocês podiam colaborar com estas agências....

V: Sim quando [as agências] podem, colaboramos. E além disso já também tivemos algumas visitas de várias pessoas de origens diferentes da Europa, no âmbito concelho de Europa, de reuniões que existem nos seminários nas faculdades, que depois venham cá. (...) [frase inaudível]

M: Então na maior parta das vezes o grupo-alvo é académico?

V: Tem algumas visitas [académicas] sim, [mas] outras não. A visita normal é feita pelas pessoas que aparecem, depois nós aceitamos marcações de escolas. Das escolas do primeiro circulo ou da universidade sénior. [Basicamente aceitamos] todos os grupos que queiram [vir] e depois nós adaptamos a visita ao público que lá vêm.

M: E no futuro será um objetivo da CML de capacitar as [próprias] pessoas a pintar as paredes?

V: Sim, também.

M: Porque por exemplo isto é um fator que se diferencia muito do projeto PA-REDES. Eles têm lá um tutor, ou um professor, que educa as crianças do Programa Escolhas a pintar e a capacitá-los neste sentido.

V: Sim, é um caminho que nós estamos a estudar, Mas nós projetamos muito esta formação para as próprias escolas. E temos feito alguns workshops nas escolas.

M: Nas escolas da Quinta do Mocho?

Nas escolas que servem estas crianças ou outras do concelho ...E [nós projetamos também uma formação] dos próprios professores, que possam introduzir esta forma de arte no seu programa e no seu currículo.

M: Porque a [capacitação artística] também é uma forma de melhorar o auto estima das pessoas.

V: Exatamente. E temos alguns *grafiters* no concelho de Loures. Vários.

M: Ah sim? Também que pintaram os muros?

V: Sim, sim pintaram agora.

M: Ok.

V: Pelo menos eu estive com dois, quatro, seis [artistas de Loures].

M: (...) ah só mais uma coisa: consideram as guias uma forma de turismo? (...)

V: Sim, eu acho que sim. O turismo de hoje reveste se diferente e...

M: Até pode ser considerado como um turismo de nicho, de *street arts*..

V: E também [um turismo] do próprio concelho. De uma forma [a galeria] divulga o concelho a pessoas que nunca tiveram contacto com *street art*. (...) Portanto, sim é uma forma de turismo. Sim.

M: Ok, muito bem, Obrigada.

V: Sim senhora, se precisares de mais alguma coisa...

Appendix VII.

Sumário Executivo (internal document from SC)

O Projeto Sementes a Crescer dirige-se a crianças e jovens dos 6 aos 30 anos, nas áreas da Educação e Formação, Participação, direitos e deveres cívicos e comunitários e Inclusão digital, pretendendo dar continuidade à intervenção realizada na comunidade territorial da Picheleira, que agrega as cooperativas de habitação (SAAL) e os bairros de gestão municipal (PER), realojamentos de antigos bairros irregulares de auto-construção, situados na zona centro de Lisboa. Desde 2001 que o projeto, ao abrigo do PE, atua no território, sempre numa lógica de proximidade e escala humana, diagnosticando prioridades de intervenção e delineando objetivos e estratégias com a população e stakeholders. Para a nova geração, através destas metodologias participativas, empoderadoras e integradas, pretendemos continuar a trabalhar ao nível do desenvolvimento estratégico e operativo de atividades com vista à inclusão social e a uma cidadania ativa e participativa, intervindo de forma inovadora, eficaz e sustentável.

A comunidade local integra maioritariamente agregados familiares de origem cigana, embora nos últimos anos tenha aumentado o número de agregados familiares de outras nacionalidades/origens étnicas. É uma comunidade muito vulnerável a nível sócio-económico que, embora situada na zona centro de Lisboa, encontra-se completamente desconexa da malha urbana da cidade. Inclusive, a descentralização de serviços públicos na comunidade ou próximo da mesma é inexistente, o que continua a traduzir-se na falta de um espaço físico de apoio educativo, social e cultural, direcionado para a faixa etária em causa. O projeto, por sua vez, continua a desempenhar um papel preponderante, sendo o único recurso de facilitador/mediador no acesso a serviços que podem dar respostas ajustadas às necessidades da população (crianças, jovens, adultos).

Pretendemos, assim, investir na área da educação, formação e cidadania, transversal a crianças, jovens e jovens-adultos (sobretudo NEETS), apostando em atividades promotoras do desenvolvimento de competências e conhecimentos dos participantes em diferentes áreas de interesse, potenciando o sucesso educativo e reduzindo/prevenindo comportamentos disruptivos, delinquência e desocupação. A dimensão formativa assumirá nesta geração um papel de relevo, através de atividades formativas (formais e não formais), potenciadoras do sucesso educativo e do enriquecimento curricular/profissional, incluindo experiências de mobilidade europeia para fins de aprendizagem, formações de competências linguísticas e formações modulares em diferentes áreas, com vista a facilitar e potenciar a conclusão da escolaridade obrigatória e facilitar a transição para o

mercado de trabalho. Localmente, e muito devido a fatores culturais, continua a existir uma mentalidade de desvalorização de processos educativos e formativos, assim como muitos jovens a abandonarem os seus percursos educativos/formativos, envolvendo-se em trajetórias de informalidade ligada a práticas criminais, que mesmo sendo grupos minoritários têm forte impacto na comunidade. Neste sentido, apostaremos em criar respostas transversais para estes NEETS, pensadas para uma faixa etária mais alargada (até aos 30) e inovadoras para o território em questão, nomeadamente ao nível da comunicação comunitária. Pretendemos, assim, desenvolver um trabalho que vá ao encontro dos interesses e motivações dos mesmos, promovendo uma consciência crítica e uma cidadania mais ativa e participativa, reforçando a dinâmica comunitária e o intercâmbio cultural, que possam funcionar como alavanca para a reintegração/continuação dos seus processos educativos e formativos. Nesta área em concreto, observamos resultados positivos com as atividades inovadoras implementadas na 5ª geração, sentindo que essa dinâmica precisa de, numa 6ª geração, ser continuada e reforçada, envolvendo um maior número de jovens e dando o salto que permita reduzir comportamentos disruptivos, mas também garantir a sustentabilidade futura de comportamentos e atitudes de cidadãos ativos. Para tal a área da comunicação comunitária ganhará uma nova profundidade e centralidade. Pretenderemos, ainda, dar um enfoque ao grupo de mulheres ciganas que se consolidou na 5ª geração, promovendo agora a capacitação e a participação das mesmas em áreas até então associadas ao género masculino.

Deste modo, e com vista a dar resposta à comunidade numa forma global e integrada, continuaremos a atuar no espaço sede do projeto, mantendo a extensão da nossa intervenção ao “Bairro Branco”, utilizando as instalações da VMBA – Associação de Moradores, de modo a que o espaço não perca a dinâmica implementada na 5ª Geração e no futuro possa vir a ser sustentável, independentemente de financiamento externo subsistir. Passaremos a atuar na Escola (1º, 2º e 3º ciclo), trabalhando com a comunidade educativa, funcionando como um forte recurso de informação, capacitação e apoio da mesma. Assim, conseguiremos trabalhar para um futuro em que exista igualdade de oportunidades dentro da comunidade e da sociedade em geral, contribuindo claramente para a melhoria da qualidade de vida destas crianças e jovens e das suas famílias.

Diagnóstico Inicial (Deve identificar os principais problemas existentes nos contextos onde emergem. deve ser encarado numa perspetiva sistémica e interpretativa. Deve ter como base elementos quantitativos e qualitativos das situações em estudo, que traduzam a gravidade dos problemas e identifiquem as causas prováveis destas e as prioridades de intervenção. Referência a dados quantitativos e qualitativos que ajudem a enquadrar os problemas em termos absolutos. Referência à dimensão relativa dos problemas, procurando enquadrá-los com estatísticas nacionais, regionais ou locais que ajudem a perceber a sua pertinência e dimensão. Enquadramento genérico e

resumido da problemática encontrada na área geográfica de abrangência do projeto e sobre a qual pretende atuar. 3000 caracteres.)

A população territorial é bastante diversificada culturalmente. Cerca de 95% tem nacionalidade portuguesa e apenas 5% é imigrante, muito embora exista uma grande prevalência de agregados familiares de etnia cigana. As estatísticas verificadas a partir do diagnóstico do programa K'CIDADE (SCML/AKF) determinam um número aproximado de 587 famílias que coabitam nestes territórios. Aqui, importa salientar o acréscimo de agregados familiares de descendência africana a residirem atualmente no território de intervenção. A maioria destes agregados são beneficiários da prestação do RSI e outros subsídios sociais como único meio de subsistência. Segundo os dados disponibilizados pela SCML em Outubro de 2015, 108 agregados familiares auferem este apoio nos bairros onde pretendemos intervir. Ao nível da cidade de Lisboa, 10% da população ativa em Lisboa auferem o RSI (PorData, 2015). Por outro lado, a falta de instituições nos bairros, estereótipos e preconceitos, falta de oportunidades laborais, a crise económica e a consequente pobreza de muitas famílias, estão na base de muitos dos comportamentos ilícitos, disruptivos e problemas sociais que são identificados e que levam este território a ser considerado como de intervenção prioritária por parte da CML (BIP/ZIP).

Na área da educação, existe uma escola primária no território, situada precisamente no interior do bairro, frequentada por praticamente todas as crianças dos 3-10/12 anos do território. A escola básica, sede do agrupamento (a única na proximidade), também integra praticamente todos os jovens do nosso público-alvo que se encontram a estudar. O Agrupamento em questão caracteriza-se por uma grande diversidade cultural (27 nacionalidades diferentes), abrangendo uma população global de 1383 alunos (94 de etnia cigana). A situação socioeconómica de grande parte dos alunos, aliada à diversidade linguística e proveniência de famílias disfuncionais, com um ou mais elementos em instituições prisionais, dificulta o acesso à plena cidadania. Famílias estas que, na sua maioria, têm um nível de escolarização não superior ao 2º ciclo. Apenas 24% dos alunos têm mães cujas habilitações são superiores ao 3º ciclo. Um elevado número de jovens manifesta desinteresse, fraco envolvimento nas aprendizagens, baixa assiduidade e retenções frequentes, o que se traduz em taxas de insucesso elevadas, falta de assiduidade e absentismo escolar, taxas de indisciplina acima da média. A taxa de insucesso escolar no anterior ano letivo foi a mais positiva comparativamente com os anteriores anos letivos (14% -1º ciclo, 22%-2º ciclo; 20%-3º ciclo), o que demonstra que muito trabalho tem sido feito a este nível. No que concerne à interrupção escolar (retidos/excluídos por excesso de faltas, abandono no decurso do ano), a % nos 2º e 3º ciclos também é inferior face ao ano letivo anterior, taxando-se em ambas nos 12% (vs 19%). De acordo com os dados fornecidos pela CPCJ – zona Oriental, existiu uma clara evidência da redução de sinalizações de crianças em situação de abandono escolar, demonstrando um trabalho eficaz por

parte de entidades de primeira linha. Ao nível da indisciplina, a % de alunos retidos por ultrapassarem o limite de faltas injustificadas e envolvidos em ocorrências/medidas disciplinares sancionatórias aplicadas, aumentou para o dobro em todos os ciclos de ensino (medidas corretivas - 636 vs 351; medidas disciplinares sancionatórias - 155 vs 76; medidas disciplinares - 791 vs 427). Demonstra que de facto estão a ser desenvolvidas estratégias eficazes ao nível do sucesso escolar, no que concerne a transição de ano e a redução de situações de interrupção, mas por outro lado, não estão a resultar as estratégias ao nível do comportamento e disciplina. Neste sentido, acreditamos que atividades que atuem ao nível da interculturalidade, cidadania e participação cívica possam vir a ter bons resultados neste campo. Até porque a retenção escolar pode ser visto como um indicador de escassez de recursos culturais institucionalmente mais valorizados, mas também como sinal de não integração escolar, resultando em situações de criminalização juvenil, que manifestamente é um processo de exclusão tipicamente urbano, a par com a monoparentalidade (IREIJ, 2015). Estes dados são também muito pertinentes, se atendermos a que Lisboa se encontra na 8ª posição em Concelhos Tendencialmente Urbanos, no que concerne ao índice de risco de exclusão infanto-juvenil, com uma taxa de 20.94% (3º escalão) (IREIJ, 2015).

Assim, constamos que algumas das problemáticas identificadas ao longo dos anos tendem a manter-se, provindo de antepassados sólidos e de questões culturais e sociais que dificultam a erradicação dos mesmos. Se tivermos em conta que as problemáticas do absentismo, abandono e insucesso escolar continuam a estar na génese da desocupação e delinquência juvenil, consideramos que ainda muito trabalho deverá ser desenvolvido nesta área. Face à inexistência de recursos educativos, desportivos, zonas de convívio e atividades focadas nestas faixas etárias, o projeto mantém-se como o único recurso disponível.

Appendix VIII.

Objectives of *PA-REDES* (internal document from Clube)

Objetivo geral:

Fomentar a aproximação da arte aos contextos mais carenciados e o seu uso como instrumento - a nível macro – para favorecer o *empowerment* e o desenvolvimento (social, económico, estético e comunitário) dos territórios e – a nível micro – as competências pessoais, sociais e artísticas nos seus moradores.

Objetivos específicos:

Objetivo específico 1: Promover o desenvolvimento das competências sociais, profissionais e artísticas nos/as moradores/as.

Atividades previstas:

- Linha de Ação C = Formação e capacitação: Oficinas e Ateliers
 - C1 = Oficinas de Street Art
 - C2 = Oficinas de capacitação em rádio e edição
 - C3 = Oficinas artísticas desenvolvidas por moradores ou artistas convidados
- Linha de Ação E = Criação das peças artísticas e murais.
 - E1 = Constituição dos grupos de apoio à criação das obras e horários de execução
 - E2 = Processo de reabilitação estética e pintura dos espaços
- Linha de Ação G: Capacitação dos futuros guias e dinamizadores locais
 - G1. História da arte e do território, capacidade de diálogo e transmissão de informação
 - G2: Gestão das redes sociais, marketing e publicidade.

Período de realização (cronograma):

Linha de Ação C: Fevereiro a Junho 2016

Linha de Ação E: Julho a Outubro 2016

Linha de Ação G: Janeiro a Abril 2017

Objetivo específico 2: Facilitar a coesão, encontro e diálogo entre os moradores através da criação de espaços e obras que reconhecem e valorizam a sua identidade coletiva e da implementação de atividades de diagnóstico, decisão e criação participativa.

Atividades previstas:

- Linha de Ação A= Decisão e participação comunitária
 - A1 = Reuniões de consórcio
 - A2 = Assembleias comunitárias
- Linha de Ação B = Levantamento das memórias
 - B1 = Gravações de rádio
 - B2 = Recolha de fotografias, documentos e materiais
- Linha de ação D = Processo de seleção e decisão participativa
 - D1 = Assembleias: temas, imagens e conteúdos das criações e dos lugares a serem implementados.
- Linha de ação E = Criação das peças artísticas e murais.

- E1 = Constituição dos grupos de apoio à criação das obras e horários de execução.
- E2 = Processo de reabilitação estética e pintura dos espaços
- Linha de ação F= Apresentação e divulgação do projeto e do espaço.
 - F1 = Apresentação e divulgação do projeto e das suas fases e atividades
 - F2= Apresentação e contextualização do projeto e realização do primeiro roteiro guiado pelos moradores.
 - F3= Divulgação do projeto e gestão dos primeiros grupos de visitas guiadas pelos bairros.

Período de realização (cronograma):

Linha de Ação A: Janeiro 2016 – Junho 2017

Linha de Ação B: Janeiro 2016 – Junho 2017

Linha de Ação D: Junho 2016

Linha de Ação E: Junho - Outubro 2016

Linha de Ação F: Janeiro 2016 – Junho 2017

Objetivo específico 3: Dinamizar e favorecer a vida comunitária e econômica do território através da reabilitação, reapropiação, respeito e divulgação dos espaços e do envolvimento e participação dos moradores em todo o processo e atividades.

Atividades previstas:

- Linha de Ação A= Decisão e participação comunitária
 - A1 = Reuniões de consórcio
 - A2 = Assembleias comunitárias
- Linha de Ação B = Levantamento das memórias
 - B1 = Gravações de rádio
 - B2 = Recolha de fotografias, documentos e materiais
- Linha de Ação D = Processo de seleção e decisão participativa
 - D1 = Assembleias: temas, imagens e conteúdos das criações e dos lugares a serem implementados.
- Linha de Ação E = Criação das peças artísticas e murais.
 - E1 = Constituição dos grupos de apoio à criação das obras e horários de execução
 - E2 = Processo de reabilitação estética e pintura dos espaços
- Linha de Ação F= Apresentação e divulgação do projeto e do espaço.
 - F1 = Apresentação e divulgação do projeto e das suas fases e atividades
 - F2= Apresentação e contextualização do projeto e realização do primeiro roteiro guiado pelos moradores.
 - F3= Divulgação do projeto e gestão dos primeiros grupos de visitas guiadas pelos bairros.

Período de realização (cronograma)

Linha de Ação A: Janeiro 2016 – Junho 2017

Linha de Ação B: Janeiro 2016 – Junho 2017

Linha de Ação D: Junho 2016

Linha de Ação E: Junho- Outubro 2016

Linha de Ação F: Janeiro 2016 – Junho 2017

Objetivo específico 4: Oferecer uma nova imagem aos bairros através da divulgação, valorização e reconhecimento da identidade do território ultrapassando estereótipos e a imagem negativa associada.

Atividades previstas:

- Linha de Ação E = Criação das peças artísticas e murais.
 - E1 = Constituição dos grupos de apoio à criação das obras e horários de execução
 - E2 = Processo de reabilitação estética e pintura dos espaços
- Linha de ação F= Apresentação e divulgação do projeto e do espaço.
 - F1 = Apresentação e divulgação do projeto e das suas fases e atividades
 - F2= Apresentação e contextualização do projeto e realização do primeiro roteiro guiado pelos moradores.
 - F3= Divulgação do projeto e gestão dos primeiros grupos de visitas guiadas pelos bairros.

Período de realização (cronograma):

Linha de Ação E: Junho- Outubro 2016

Linha de Ação F: Janeiro 2016 -Junho 2017

Objetivo específico 5: Favorecer uma nova centralidade ao território oferecendo uma divulgação positiva ao exterior como exemplo inovador de arte comunitário, uma opção de lazer e um recurso a ser dinamizado pela população local.

Atividades previstas:

- Linha de Ação F= Apresentação e divulgação do projeto e do espaço.
 - F1 = Apresentação e divulgação do projeto e das suas fases e atividades
 - F2= Apresentação e contextualização do projeto e realização do primeiro roteiro guiado pelos moradores.
 - F3= Divulgação do projeto e gestão dos primeiros grupos de visitas guiadas pelos bairros.
- Linha de Ação G: Capacitação dos futuros guias e dinamizadores locais
 - G1. História da arte e do território, capacidade de diálogo e transmissão de informação
 - G2: Gestão das redes sociais, marketing e publicidade.

Período de realização (cronograma):

Linha de Ação F: Janeiro 2016 – Junho 2017

Linha de Ação G: Janeiro – Abril 2017